



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística

Rua Barão de Jeremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71) 3263 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: pgletba@ufba.br



**OBJETO DIRETO ANAFÓRICO DE 3ª PESSOA NA FALA CULTA
DE SALVADOR: O CLÍTICO EM DESUSO**

por

NORDÉLIA COSTA NEIVA

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso

SALVADOR
2007



**Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística**

Rua Barão de Jeremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71) 3263 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: pgletba@ufba.br



**OBJETO DIRETO ANAFÓRICO DE 3ª PESSOA NA FALA CULTA
DE SALVADOR: O CLÍTICO EM DESUSO**

por

NORDÉLIA COSTA NEIVA

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Letras.

**SALVADOR
2007**

Biblioteca Central Reitor Macêdo Costa - UFBA

N417 Neiva, Nordélia Costa.

Objeto direto anafórico de 3ª pessoa na fala culta de Salvador : o clítico em desuso / por Nordélia Costa Neiva. - 2006.
134 f.

Inclui anexos.

Orientadora : Profª Drª Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2007.

1. Língua portuguesa - Brasil - Sintaxe. 2. Língua portuguesa - Morfologia. 3. Norma lingüística - Salvador (BA). 4. Sociolingüística. I. Cardoso, Suzana Alice Marcelino da Silva. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDU - 811.134.3'367
CDD - 469.5

AGRADECIMENTOS

A Deus, por guiar todos os meus passos e cuidar, constantemente, de mim.

À minha orientadora querida, Prof^a. Dr^a. Suzana Cardoso, pelo acompanhamento, pela compreensão, por suas valiosas reflexões, e por ser sempre tão receptiva.

Ao meu esposo amado, Enéias Neiva, pela força indispensável, na formatação dos textos, pelo estímulo e, principalmente, pelo carinho e pela compreensão, em todos os momentos.

Aos presentes de Deus para minha vida, Larissa e Beatriz, por terem demonstrado cooperação com a mamãe, durante todo este período, e por serem o motivo do meu desejo de vencer.

Ao Prof. Dr. Dante Lucchesi, pelas maravilhosas aulas de Sociolinguística e por ter sido um grande amigo, ajudando-me com as rodadas no programa VARBRUL.

À Prof^a. Dr^a. Jacyra Mota, pela contribuição no acervo bibliográfico e por ter tornado viável grande parte do *corpus* desta pesquisa.

A minha mãe, Adalgisa Almeida, por ter-me ensinado a lutar pelos meus sonhos.

Aos meus irmãos queridos, por todo apoio a mim dispensado.

À CAPES, por ter-me proporcionado recursos financeiros que ajudaram na realização desta dissertação, concedendo-me uma bolsa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia, pelo apoio, a infra-estrutura e a atenção dos professores e coordenadores.

Às professoras Rosauta Poggio e Teresa Leal, pelo acolhimento.

À amiga Lucinda Conceição da Hora, pela contribuição nas rodadas no programa VARBRUL.

À Prof^a Dr^a Raquel Fiad, pela sua gentileza em enviar para mim trabalhos sobre o meu tema de pesquisa.

Às amigas Rute Paranhos e Costância Souza, por dividirem comigo os meus momentos de angústia e terem sempre uma palavra de conforto.

À Prefeitura Municipal de Camaçari-Bahia pelo apoio e incentivo dispensados a este trabalho.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho, proporcionando-me, assim, a oportunidade de prosseguir nesta jornada 'espinhosa', mas tão gratificante.

RESUMO

A presente dissertação analisa as formas recorrentes para o objeto direto anafórico na fala culta de Salvador, buscando focalizar o desaparecimento do clítico e o conseqüente crescimento do registro da categoria vazia e dos SNs anafóricos, observando também a pouca freqüência de uso do pronome lexical pleno, neste tipo de discurso. Ressalta-se o quanto o português do Brasil mostra-se distinto do português de Portugal, em que o uso do ele, como objeto direto é uma construção agramatical e o uso da categoria vazia ocorre, mas de forma bastante tímida, como mostra Galves (2001). O *corpus* básico utilizado neste trabalho é constituído de 24 inquéritos do Projeto da Norma Lingüística Urbana Culta (Projeto NURC), na cidade do Salvador, selecionados, segundo variáveis sociais (sexo, faixa etária, nível de formalidade do discurso e época de realização dos inquéritos), levando em conta que a variação lingüística é condicionada por fatores estruturais e sociais. Nesse aspecto, defendemos uma análise do uso real da língua, em detrimento da visão idealizada, presente nas gramáticas normativas. A proposta, ora apresentada, pauta-se nos princípios teóricos da Sociolingüística Variacionista que tem como precursor o americano William Labov, como bem explicita Tarallo (1985).

Palavras-chave: Português do Brasil, Norma culta, Morfossintaxe, Objeto direto anafórico.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the recurrent forms for the anaphoric direct object on the formal speech of Salvador, trying to put on focus the disappearance of the clitic and the consequent growing of the register of the empty category and anaphoric nominal syntagms, also observing the little frequency of use of plenum lexical pronoun in this kind of speech. It calls attention to the great difference that exists between the Brazil's Portuguese and Portugal's Portuguese, where the use of "he", like a direct object, is a construction out of grammar agrammatical and the use of empty category occurs but in very "shy" way, like Galves (2001) shows. The basic *corpus* used in this work is formed by 24 (twenty-four) inquiries of the Project Norma Lingüística Urbana Culta (NURC), in Salvador, chosen accord to social variables (sex, age, formality level of speech, and when the inquiries were realized), considering that the linguistic variation is conditioned by structural and social factors. In these aspects, we idealized the vision present on the normative grammars. The propose here presented is based on theoretical principles of Variacionist Sociolinguistic theoretical that has like precursor the American William Labov, who is very explicated by Tarallo (1985).

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Composição étnica da sociedade brasileira.....	20
Tabela 2 – Os objetos diretos anafóricos encontrados na fala.....	44
Tabela 3 – Variação na forma do objeto direto anafórico de 3ª pessoa na Norma Culta de Salvador.....	73
Tabela 4 – Distribuição dos dados computados segundo a variante usada.....	74
Tabela 5 – O objeto direto anafórico de 3ª pessoa e sua relação com a variável modo e tempo do verbo.....	78
Tabela 6 – O objeto direto anafórico de 3ª pessoa e sua relação com o traço semântico animacidade.....	80
Tabela 7 – O objeto direto anafórico de 3ª pessoa de acordo com a forma de referência anterior.....	81
Tabela 8 – O objeto direto anafórico de 3ª pessoa de acordo com a presença/ausência de termos intervenientes.....	83
Tabela 9 – Uso do PL como ODA segundo o traço semântico animacidade.....	84
Tabela 10 – Uso da categoria vazia como objeto direto anafórico de 3ª pessoa segundo o tipo de antecedente.....	85
Tabela 11 – Relevância do gênero do informante na fala culta de Salvador.....	87
Tabela 12 – Percentual de atualização do objeto direto anafórico de acordo com o sexo.....	88
Tabela 13 – O pronome <i>versus</i> a faixa etária do informante	89
Tabela 14 – Relevância do registro.....	90
Tabela 15 – A relevância da localização do fenômeno em variação no tempo.....	91

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Frequência de realização do clítico por faixa etária.....	93
Gráfico 2 – Peso relativo da realização do clítico pela sincronia – tempo real de curta duração.....	93
Gráfico 3 – Peso relativo da realização do clítico segundo o grau de formalidade da situação de fala.....	94
Gráfico 4 – Peso relativo da ocorrência da categoria vazia segundo o grau de formalidade do discurso.....	95
Gráfico 5 – Frequência do uso da categoria vazia por faixa etária.....	96
Gráfico 6 – Peso relativo da categoria vazia pela sincronia.....	96

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALiB	Atlas Lingüístico do Brasil
Cf.	Conferir
D2	Diálogo entre dois informantes
DID	Diálogo entre informante e documentador
Doc	Documentador
EF	Elocuções formais
Nº. oc.	Número de ocorrências
NURC	Norma Urbana Culta
NURC-SSA	Norma Urbana Culta de Salvador
ODA	Objeto direto anafórico
PB	Português brasileiro
PE	Português europeu
PL	Pronome Lexical
PEUL	Programa de Estudos sobre o Uso da Língua
SNs	Sintagmas nominais
V + SNod	Verbo mais sintagma nominal objeto direto
V + SNod + S	Verbo mais sintagma nominal objeto direto mais sentença
V + SNod + SPoi	Verbo mais sintagma nominal objeto direto mais sintagma preposicional objeto indireto
V + SNod +Predicativo	Verbo mais sintagma nominal objeto direto mais predicativo
V + Sod	Verbo mais sentença objeto direto
VALPB	Varição Lingüística no Estado da Paraíba
VARBRUL	<i>Variables Rules</i> (Regras variáveis)
VARSUL	Varição Lingüística Urbana na Região Sul

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	06
LISTA DE GRÁFICOS	07
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	08
1 INTRODUÇÃO	11
2 O PORTUGUÊS DO BRASIL	14
2.1 A SÓCIO-HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	17
2.2 O PORTUGUÊS EUROPEU	20
2.3 AS LÍNGUAS GERAIS INDÍGENAS	21
2.4 AS LÍNGUAS AFRICANAS	23
2.5 A DESCRIÇÃO DA REALIDADE LINGÜÍSTICA BRASILEIRA	26
2.6 EM SÍNTESE	28
3 O TEMA	30
3.1 A ABORDAGEM DAS GRAMÁTICAS NORMATIVAS	30
3.2 CLÍTICO ACUSATIVO, PRONOME LEXICAL, SNs ANAFÓRICOS E CATEGORIA VAZIA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	34
3.2.1 A posição de Duarte	35
3.2.2 A perspectiva de Oliveira	38
3.2.3 Os caminhos traçados por Monteiro	39
3.2.4 A contribuição de Nunes	43
3.3 BREVES CONCLUSÕES.....	45
4 A TEORIA	47
4.1 OS ESTUDOS SOCIOLINGÜÍSTICOS	47
4.2 CONCEPÇÕES NA ABORDAGEM DA LÍNGUA	48
4.3 DEFININDO A SOCIOLINGÜÍSTICOS	49
4.3.1 Sociolinguística variacionista	52
4.3.1.1 A heterogeneidade	53
4.3.1.2 A variação e a mudança lingüística	55
4.3.1.3 O registro da variação	59
4.4 A TÍTULO DE CONCLUSÃO DO CAPÍTULO	60

5	METODOLOGIA	62
5.1	O <i>CORPUS</i>	62
5.1.1	O Projeto NURC	64
5.1.2	O Projeto NURC em Salvador	67
5.1.3	Os informantes	67
5.2	VARIÁVEIS CONSIDERADAS	68
5.2.1	A variável dependente	68
5.2.2	Variáveis independentes	70
5.3	QUANTIFICAÇÃO DOS DADOS	71
6	ANÁLISE QUANTITATIVA E QUALITATIVA DOS DADOS	73
6.1	VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS E EXTRALINGÜÍSTICAS	75
6.1.1	Análise das variáveis explanatórias estruturais	75
6.1.1.1	Análise das variáveis lingüísticas em termo de suas freqüências brutas	75
6.1.1.2	O modo e o tempo do verbo	76
6.1.1.3	A animacidade do objeto	79
6.1.1.4	Forma da referência anterior	80
6.1.1.5	Termo interveniente	82
6.1.2	A análise das variáveis em termo de seus pesos relativos	83
6.1.2.1	O clítico	83
6.1.2.2	O pronome lexical	84
6.1.2.3	A categoria vazia	85
6.1.3	As variáveis sociais	85
6.1.3.1	O gênero do informante	86
6.1.3.2	Faixa etária do informante	88
6.1.3.3	O grau de formalidade do discurso	89
6.1.3.4	A localização do fenômeno em variação no tempo	91
6.2	O DESAPARECIMENTO DO CLÍTICO E A EMERGÊNCIA DA CATEGORIA VAZIA	92
6.2.1	Considerações sobre o clítico	92
6.2.2	Considerações sobre a categoria vazia	94
6.2.3	O pronome lexical e os SNs anafóricos	96
6.3	EM SÍNTESE	97
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
	REFERÊNCIAS	102
	ANEXOS	108

1 INTRODUÇÃO

O português brasileiro tem se mostrado, em muitos aspectos, distinto do português europeu (PE), e não será diferente no que se refere às possibilidades de uso para o objeto anafórico de 3ª pessoa, tema da presente pesquisa.

Deste modo, numa pergunta como *Você conhece Pedro?*, rompendo com a visão presente nas gramáticas normativas de que há uma única forma lingüística de expressão da resposta — *Eu o conheço* —, quatro podem ser as possibilidades encontradas na fala culta brasileira:

Eu conheço Pedro (o uso do SN anafórico);

Eu conheço ele (o uso do pronome lexical pleno);

Eu o conheço (o uso do clítico);

e *Eu conheço* (o vazio lexical).

Temos, assim, como objetivo do presente trabalho descrever a categoria objeto direto anafórico de 3ª pessoa no português brasileiro atual, mostrando que a variação não ocorre aleatoriamente, mas condicionada por fatores internos e externos à língua, como propõe a Sociolingüística Variacionista de orientação laboviana.

Para tanto, selecionamos um *corpus* constituído de 24 inquéritos do projeto NURC-Salvador, estratificados de acordo com as variáveis sociais: sexo, idade, faixa etária, tempo de gravação do inquérito e grau de formalidade do discurso. Temos como base teórica a Sociolingüística Variacionista, iniciada por William Labov.

Nossa análise tem por objetivo primeiro contribuir, ainda que modestamente, para o ensino da língua materna, nos níveis Fundamental e Médio, mostrando que as gramáticas normativas pregam um padrão ideal de uso da língua, que se encontra cada

vez mais distanciado da realidade lingüística brasileira. Assim, atentando para as possibilidades acima enumeradas e para as prescrições gramaticais, verificamos que apenas uma possibilidade de uso, para o objeto direto anafórico de 3ª pessoa — a do clítico acusativo — é tida como de uso prestigiado.

A esse objetivo, acrescenta-se o desejo de colaborar com o desenvolvimento de pesquisas no campo da morfossintaxe, tendo como foco a identificação e a descrição de todas as formas recorrentes, para a variável dependente aqui analisada, no uso real da língua, pois concordamos com as palavras de Brito (2002, p. 147), que assevera:

Pode-se argumentar que a norma culta, do jeito que é preconizada nas gramáticas, é apenas uma idealização, que funciona como uma espécie de lei, determinando usos orais e escritos, e servindo de referência para correção das formas lingüísticas. De fato não é falada por quase ninguém [...]

Sendo assim, como hipótese direcionadora de nossa pesquisa, postulamos que os SNs anafóricos e a categoria vazia aparecem como estratégia de ‘esquiva’ para os falantes que evitam o uso do pronome lexical pleno e estão perdendo a espontaneidade para o uso do clítico. Desviam-se do pronome lexical porque sofrem estigma social por usarem uma forma totalmente condenada pelas prescrições gramaticais; não usam o clítico porque são discriminados por adotarem uma forma completamente distante do que se observa na realidade lingüística da comunidade brasileira, e essa distância se acentua a cada dia.

A presente dissertação intitulada *Objeto direto anafórico de 3ª pessoa na fala culta de Salvador: o clítico em desuso* está organizada em partes que facilitam a descrição do nosso objeto de estudo.

Na *Introdução* apresenta-se a estruturação da pesquisa, mostrando a formulação das hipóteses, os objetivos e os resultados gerais da quantificação dos dados levantados.

No primeiro capítulo que tem como título *O português do Brasil*, procuramos abordar as visões de alguns autores sobre o tema e apresentar nossas considerações, fazendo algumas comparações entre o português do Brasil e o de Portugal.

No segundo capítulo, discorremos sobre o tema que objetivou esta pesquisa. Inicialmente, discutimos sobre o posicionamento das gramáticas normativas acerca do assunto, em seguida, apresentamos a contribuição de alguns lingüistas, e finalmente tecemos nossos comentários a respeito destes dois comportamentos.

No capítulo intitulado *A teoria*, explicitamos os pressupostos teóricos que direcionaram nossa análise, quais sejam: os princípios teóricos da Sociolingüística Variacionista de orientação laboviana.

Na *Metodologia*, apresentamos os caminhos que trilhamos para realização deste trabalho, desde a recolha de dados até os procedimentos adotados na quantificação e análise.

No último capítulo, *A análise dos dados* é a parte em que procedemos ao estudo dos dados levantados, analisando a ocorrência de cada variante, correlacionada a fatores sociais e lingüísticos.

E, finalmente, nas considerações finais, retomamos algumas discussões apresentadas no decorrer da pesquisa, comentando as conclusões a que chegamos sobre o objeto analisado.

2 O PORTUGUÊS DO BRASIL

As diferenças entre o PB e o PE estão nos níveis da fonética-fonologia, da sintaxe, do léxico e permeiam outros aspectos como a prosódia, a semântica, a pragmática. A discussão sobre essas distinções vem desde o Romantismo, quando se tentava afirmar uma independência brasileira, sobretudo reivindicando apenas certa originalidade, mas apregoando o purismo gramatical; passa pela busca de uma realidade lingüística brasileira, com os escritores modernistas, conforme Lobo (1994), e perdura até hoje. Ao longo dos anos, é possível conhecer as visões de alguns lingüistas que vêm tentando caracterizar a formação sócio-histórica do PB.

As divergências acima apontadas já eram reconhecidas pelo grande mestre Silva Neto (1975, p.19), que assim se manifestou: “Que as línguas faladas no Brasil diferem das portuguesas é fato indiscutível e natural.”. Ele, porém, apresenta uma visão que coloca a norma padrão em uma posição superior à norma popular, e com este procedimento diminui a importância da participação dos indígenas e dos negros na formação do português do Brasil, acrescentando à página 100 “... não nos queiram impor como padrão e modelo, o falar rústico e regional, cuja origem há de buscar-se no tosco linguajar de aborígenes e de negros recém-importados .”

A tese defendida por Silva Neto é a da unidade e do conservadorismo do português brasileiro, questão que, discutida por alguns estudiosos, é aqui trazida para consideração.

O português no Brasil é uma língua transplantada, que entrou em contato com características peculiares ao continente americano, assim como aconteceu com a língua portuguesa em outros continentes. Aqui encontrou línguas indígenas, e, posteriormente, com a vinda de africanos trazidos em decorrência da implantação da escravatura no

Brasil, convive com línguas africanas. Esse contato interlínguas se amplia com a chegada de imigrantes de diferentes regiões e portadores de línguas diversas. Desse modo não é possível sustentar-se a tese de Silva Neto; é imprescindível, no entanto, observar as condições sociais e culturais presentes nesses contatos, pois no dizer de Mattoso Câmara Jr. (1972, p. 81):

A língua está de tal modo ligada à sociedade e à cultura, que a diferenciação cultural e social entre a população européia e a congênere americana, desde a época em que uma representava a metrópole e a outra a colônia, determinou a dicotomia lingüística.

Vale ressaltar que o português europeu aqui chegou como língua do dominador para os colonizados, que tentariam alcançar esta língua-alvo, nas mais diversas situações. Talvez esta questão explique, em parte, a exigência das gramáticas normativas por manter um padrão lusitanizante, prescrevendo determinados usos, por exemplo, que se deve dizer “Dê-me a cadeira” e não “Me dê a cadeira”, quando no Brasil, freqüentemente, a preferência é pela segunda construção. Oswald de Andrade, na primeira metade do século XX, apresenta uma visão bastante crítica sobre esse aspecto, oferecendo-nos uma “gramática do uso”, vinculada às características socioculturais dos falantes.

Pronominais

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da nação brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro.

Com este poema, Oswald de Andrade nos mostra o que seria espontâneo para um falante da nação brasileira e a artificialidade em lidar com padrões totalmente distantes de nossa realidade lingüística.

Na atualidade, continua a crítica à imposição de padrões de usos que fogem à nossa tendência geral, como se observa na manifestação de um dos personagens da *Escolinha do professor Raimundo*, programa veiculado pela rede Globo de Televisão, durante as décadas de 80 e 90, e atualmente com algumas aparições no *Zorra Total*, também da Globo, que enuncia o bordão “Estava eu passando pela rua, quando deparei-me com este lindo presente, e pensei: comprá-lo porque não comprá-lo. Comprei-o ô-ô”. Observando esta construção, ficam claras as evidências de que o uso do clítico é de certo modo desconcertante para um falante do português brasileiro, especialmente os clíticos acusativos de terceira pessoa, basta ver, por exemplo, a tentativa de provar a presença do clítico com um reforço — ô- ô. Embora não se constitua essa citação em base científica para justificar a favor da preferência brasileira de uso, nela ocorre uma tentativa de retratar uma realidade presente no Brasil, fato comprovado quando se pede a um aluno, pelo menos da 5ª à 8ª série do ensino fundamental, que leia um texto com a presença de clíticos e ele não os reconhece.

Mattoso Câmara Jr. (1972) assegura ter ouvido, em Lisboa, de um menino de seis anos, a expressão “Dê-mo”, quando lhe oferecia um selo do Japão. Essa naturalidade, não ocorre no Brasil, pois quando se usa o clítico aqui é monitorado pela ação da escola, de acordo com Nunes (1996, p. 217) “A manutenção dos clíticos acusativos de terceira pessoa no português brasileiro atual deve-se à ação da escola...”.

Para tentar delinear a realidade sócio-histórica do português brasileiro vale atentar para visões de autores como Lucchesi, Mattos e Silva, dentre outros.

2.1 A SÓCIO-HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Lucchesi (1996) concebe o português brasileiro como uma realidade polarizada. Para chegar a tal conclusão recorre à definição da complexa interação de norma objetiva e norma subjetiva. Define, então, com base em Cunha (1985), a norma objetiva como o conjunto de procedimentos observáveis numa comunidade lingüística e norma subjetiva como um sistema de valores que norteiam o julgamento do desempenho lingüístico de uma comunidade. E acrescenta que essa distinção é de grande importância para o estudo da variação e das mudanças que caracterizam uma comunidade lingüística, uma das questões centrais da teoria sociolingüística, que tem como objeto de estudo os padrões de comportamento observáveis dentro de uma comunidade de fala e os formaliza através de um sistema heterogêneo formado por regras variáveis.

Dando continuidade, Lucchesi mostra a polêmica sobre a formação do português do Brasil, sob a perspectiva de dois posicionamentos oponentes: de um lado Guy (1981, 1989), que levanta a hipótese de que o PB é resultado de um processo prévio de criouliização, ao qual se seguiria uma posterior descriouliização; do outro estaria a hipótese de Tarallo (1993a), que assegura que se o PB estivesse descriouliizando-se, estaria aproximando-se do PE, e o que ocorre, no entanto é um afastamento, fazendo, assim, o caminho contrário ao da norma padrão.

Lucchesi, sintetiza, afirmando que tanto Guy, quanto Tarallo, de certo modo, estão com a razão, pois a realidade lingüística brasileira não é apenas variável e heterogênea, mas é também plural. E citando Cunha (1985), explicita que a realidade lingüística brasileira é polarizada: de uma parte estão os centros urbanos, com um sistema de valores rigidamente conservador, no que diz respeito aos padrões lingüísticos; de outra parte estão as demais regiões do país, que longe desses centros

sofrieriam profundas mudanças influenciadas pelo contato entre línguas indígenas e africanas. Para tanto, definiu norma culta como padrões de comportamento lingüístico dos falantes das classes médias e altas, e norma popular como padrão de comportamento lingüístico das classes baixas dos falantes de baixa ou nenhuma escolaridade. Deste modo, observa-se na norma culta uma tendência ao afastamento da norma padrão, sendo este afastamento controlado pelo sistema de valores ainda presente nesses segmentos da comunidade. Por outro lado, a norma popular estaria se aproximando da norma padrão.

Seguindo essa visão, constata-se que o português brasileiro é uma realidade bipolar, e que tanto no pólo da norma culta, quanto no pólo da norma popular ocorre variação, mesmo que em sentidos distintos.

No âmbito destas discussões Lucchesi (1998), retomando Lucchesi e Lobo (1988), faz a distinção entre norma padrão e norma culta. Esta recobriria os padrões de uso depreendidos na fala das pessoas escolarizadas da população brasileira; aquela corresponderia aos modelos contidos e prescritos pelas gramáticas normativas do português. Esta diferenciação tem sua justificativa em função dos modelos que deveriam servir de base ao ensino da língua vernácula e aquilo que se observa na fala de pessoas com formação universitária.

A visão da realidade lingüística brasileira como heterogênea, plural e polarizada é retomada por Mattos e Silva (2002), definindo o português brasileiro culto e o português popular.

No que se refere ao português brasileiro culto, a autora afirma que o seu antecedente histórico foi o português europeu, que aqui chegou no século XVI, e continuou chegando ao longo do período colonial e pós-colonial. Assevera, ainda, que a nossa demografia mostra que os portugueses e os brasileiros brancos seus descendentes constituíam, do século XVI ao século XIX, um percentual de 30% da população geral.

A autora chama a atenção para o fato de que o português brasileiro culto começaria a definir-se na segunda metade do século XVIII, quando por forças político-culturais pombalinas, a língua portuguesa passou a ser objeto de ensino sistemático no Brasil, afastando a catequese jesuítica que dava prioridade à língua geral.

Partindo destes princípios, como afirma Mattos e Silva, o português culto brasileiro seria próprio aos segmentos mais altos da sociedade colonial, já que era quem teria acesso à escola; e salienta que o português europeu, transplantado para o Brasil, não pode ser concebido como único, homogêneo, uma vez que procedia de várias localidades e era transmitido por pessoas de níveis culturais diferenciados.

Ao discutir a face popular do português brasileiro, Mattos e Silva assevera que o português popular brasileiro fez-se e faz-se pela oralidade e tem como antecedente histórico o que ela denominou de português geral brasileiro, cuja constituição está no encontro multilingüístico da população indígena autóctone, do português europeu do colonizador e da população africana que começou a chegar ao Brasil na década de 30 do século XVI. A autora defende o ponto de vista de que o principal difusor do português, no Brasil, seria essa população de origem africana, segmento dominante, em número, no período colonial. Sendo assim, considera como atores principais na formação do português popular brasileiro: o português dos africanos e seus descendentes, as línguas gerais indígenas e o português europeu.

Em conformidade com a visão de Mattos e Silva (2001), é pertinente apresentar a reprodução da Tabela de Mussa, a fim de que se possa ter uma visão geral da constituição da população brasileira até o século XIX:

Tabela 1: Composição étnica da sociedade brasileira

	1538-1600	1601-1700	1701-1800	1801-1850	1851-1890
africanos	20%	30%	20%	12%	2%
negros brasileiros	-	20%	21%	19%	13%
mulatos	-	10%	19%	34%	42%
brancos brasileiros	-	5%	10%	17%	24%
européus	30%	25%	22%	14%	17%
índios integrados	50%	10%	8%	4%	2%

(MUSSA, 1991, p. 163, apud MATTOS E SILVA, 2001, p.101)

Na tabela de Mussa, confirma-se a declaração de Mattos e Silva, no que diz respeito ao elemento negro como principal difusor do português no Brasil. Para isso basta observar que o elemento indígena vai desaparecendo, ao longo dos séculos, ao ponto de chegar a 2%, no século XIX, um contingente que era de 50%, no século XVI. Sendo assim, vale observar algumas discussões sobre o elemento europeu, o elemento indígena e o elemento de origem africana.

2.2 O PORTUGUÊS EUROPEU

O fato de o português europeu ter sido considerado sinônimo de civilização, e as línguas indígenas e africanas figurarem, respectivamente, como barbáries e toscas, perpassa por questões políticas e sociais, e pode estar, neste aspecto, a razão para a supremacia do português europeu em relação às línguas gerais indígenas e às línguas africanas na formação do português do Brasil.

Vitral (2001), ao abordar essa discussão, aponta dois acontecimentos da nossa história colonial que podem estar associados ao sucesso do português lusitano, quais sejam: a política pombalina, incluindo o decreto de 1758, que torna obrigatório o uso da língua portuguesa na colônia, e a expulsão dos jesuítas do Brasil; e a vinda da família real para o Brasil juntamente com a corte portuguesa, contribuindo para o processo de relusitanização. Concernente a estes acontecimentos, Vitral faz algumas ressalvas: primeiro, ele rejeita a idéia de que a corte portuguesa no Brasil tenha contribuído para a vitória da língua portuguesa, aceitando, apenas, que essa contribuição tenha sido no sentido de consolidar a vitória; de outro modo ele, evitando assumir uma perspectiva legalista, aponta as reformas pombalinas como determinantes na supremacia da língua portuguesa sobre as línguas gerais indígenas. Chama a atenção para o cuidado que se deve ter, no que diz respeito à linguagem, uma vez que “não parece possível obrigar o uso de uma língua por meio de decreto”, como postula à página 305.

2.3 AS LÍNGUAS GERAIS INDÍGENAS

Rodrigues (1996), no trabalho intitulado *As línguas gerais sul-americanas*, adota a definição de língua geral como um termo específico para uma determinada categoria de língua na América do Sul, nos séculos XVI e XVII, surgidas em condições especiais de contato entre homens europeus e mulheres indígenas, em que a língua materna dos filhos seria a da mãe indígena e não a do pai europeu. O processo de popularização desta língua, somado ao bilingüismo dos pais resultou no que se pode chamar de língua geral. Deste modo, formaram-se no Brasil a língua geral paulista e a língua geral amazônica.

A Língua geral paulista formou-se do contato, como informa Rodrigues (1996), entre portugueses e índios tupis de São Vicente e do Planalto de Piratininga, no leste do atual estado de São Paulo, no século XVI. Nessa situação de contato os filhos falavam o tupi das mães, como língua materna. A língua geral paulista generalizou-se na população de São Paulo entre os séculos de XVII e XVIII, e foi espalhada pelos bandeirantes para as regiões de Minas gerais, Sul de Goiás, Mato Grosso e Norte do Pará. Sobre essa língua, como se pode conferir em Rodrigues (1996), há uma documentação não muito extensa.

A língua geral amazônica surgiu do contato entre portugueses e tupinambás que ocupavam a região leste dos atuais estados do Maranhão e Pará. Os filhos nascidos desta união falavam o tupinambá das mães indígenas e não a língua do pai europeu. Esta língua, como assegura Rodrigues (1996), espalhou-se por todo o vale do rio Amazonas, penetrando seus afluentes, subiu pelo Rio Negro, de modo a alcançar tanto a Amazônia venezuelana como a colombiana. Foi chamada de língua geral amazônica e, a partir da segunda metade século XIX, passou a ser conhecida como ‘nheengatú’, que significa língua boa.

Essas línguas gerais tiveram base na cultura e na língua de povos da família tupi-guarani; e a sua formação teve um processo diferente do que ocorreu com as línguas pidgins e crioulas. Nesse sentido é válido lembrar que a formação de pidgins e crioulos se deu especificamente numa situação de contato massivo e dominante.

Quanto ao número de línguas gerais indígenas no Brasil, Mattos e Silva (2001), informa que Rodrigues (1986, p.19), admite para a atualidade cerca de 180 línguas, tendo sido o dobro em 1500, e que este mesmo autor aumenta sua estimativa, num artigo de 1993, à página 91, para 1.175 línguas; já Houassis (1985, p.100), ainda de

acordo com Mattos e Silva (2001), postula ter sido possível a existência de 1.500 línguas.

2.4 AS LÍNGUAS AFRICANAS

Sobre o papel das línguas africanas na formação do português brasileiro, é pertinente iniciar com Bonvini e Petter (1998), que fazem uma espécie de ‘apanhado’ do que se tem tratado a respeito das línguas africanas no português do Brasil.

Eles dividem o artigo em dois momentos: o primeiro, que é caracterizado pela afirmação da influência africana no PB, problemática vigente nos anos 30, tendo como base os textos *A influência africana no português do Brasil*, de Renato Mendonça, e *O elemento afro-negro na língua portuguesa*, de Jaques Raimundo, sendo que ambos concluem que a maioria dos aspectos característicos do PB é devida à influência das línguas africanas, especialmente o kibundo e o iorubá; e o segundo momento, em que se discute a hipótese da criouliização do PB no contato com as línguas africanas.

Petter e Bonvini ressaltam que Adolfo Coelho foi o primeiro a levantar a questão da criouliização, ao classificar o PB juntamente com os crioulos afro-portugueses, e apresentam as posições de Silva Neto (1950), Melo (1946) e Elia (1940) que, a seguir, são sumarizadas.

Silva Neto concebe o falar africano como deformação e simplificação; Melo desqualifica os aspectos crioulizantes; e Elia, distinguindo o crioulo do semicrioulo, afirma que no Brasil não teria havido crioulo, apenas semicrioulo, e apresenta como características a simplificação do português do Brasil. Em seguida, Petter e Bovinni (1998) apontam o posicionamento de Castro (1976/1980), cuja hipótese é a de que há uma influência africana no português brasileiro, mas que não chega a ser um crioulo.

Nas discussões mais recentes, discorrem esses dois autores, no que se refere às visões voltadas para o contato entre línguas na formação do PB, sobre as posições de Guy (1981, 1989), que considera que no passado houve um processo de criouliização no PB; Holm (1987), que acredita ser o português vernáculo brasileiro resultante do contato entre uma língua crioula e uma outra não crioula, um semicrioulo ; Baxter (1987, 1988), que, baseado num estudo no dialeto de Helvécia, interior da Bahia, chama a atenção para traços presentes nessa comunidade que sugerem um processo irregular de aquisição, podendo indicar um processo de descriouliização.

No âmbito dos posicionamentos que militam por um processo de deriva secular, os autores apontam Naro (1973 e 1978), que trilha um caminho oposto ao da criouliização no português do Brasil; e Tarallo (1993), que considera pouco provável a hipótese da criouliização no português brasileiro, estando de acordo com um processo de deriva natural das línguas para explicar as mudanças sofridas no PB.

Bonvini e Petter criticam o fato de os debates considerarem as línguas africanas em função da língua portuguesa, deixando de lado os dados históricos sobre as línguas africanas no Brasil. Sendo assim, apontam quatro grandes ciclos de importação de escravos, de acordo com Mattoso Câmara Jr. (1979, p. 22): ciclo da Guiné, sudaneses, no século XVI; ciclo do Congo e de Angola, bantos, no século XVII; ciclo desdobrado em Baía de Benin, século XVIII, e ciclo de procedência variada com predominância dos negros de Angola e Moçambique, século XIX. As línguas faladas pelos cativos africanos, como observam os autores, dividem-se em línguas faladas antes da travessia e línguas faladas no solo brasileiro. Deste modo, estão relacionadas ao tráfico cerca de 200 a 300 línguas, que se repartem entre duas grandes áreas: área oeste-africana, com línguas faladas por um menor número de escravos e tipologicamente diversificadas; e

área Banto, com línguas faladas por um número maior de escravos, porém é uma área tipologicamente homogênea.

Ainda no âmbito da discussão sobre o elemento negro no português do Brasil, é pertinente focalizar os trabalhos de Lucchesi (2003) e Naro e Scherre (2003a), que militam, respectivamente, pela contribuição do contato e pela deriva secular. Desse debate, alguns conceitos foram extraídos, especificamente o de transmissão lingüística irregular.

Para Naro e Scherre (2003a, p. 286) o conceito de *transmissão lingüística irregular* é oposto ao de transmissão lingüística regular, ou seja, enquanto este se dá entre crianças, a partir da fase de socialização, com base em amostra de fala ordenada, aquele tem o seu processo de formação entre adultos, com base em amostra de fala não susceptível de uma análise ordenada. O pidgin surge com propósitos bem definidos, a partir do contato entre grupos; e o crioulo ocorreria com o aumento da funcionalidade do pidgin, ao se tornar língua materna das crianças que nasceram por força do contato. Nessa perspectiva, os autores chamam a atenção para o fato de que, assim, a transmissão lingüística irregular não é relevante, uma vez que os agentes de aquisição da língua são crianças e não mais adultos.

Deste modo, postulam que a transmissão lingüística irregular em si não é um determinante para a evolução lingüística, e concluem que no Brasil não existem características estruturais novas induzidas pelo contato entre línguas, mas que todas as estruturas alegadas como brasileiras têm sua existência confirmada em dialetos rurais ou não padrão de Portugal.

Por outro lado, Lucchesi (2003, p. 274) define *transmissão lingüística irregular* sob a perspectiva de um contínuo de níveis diferenciados em que uma segunda língua é “adquirida massivamente, de forma mais ou menos imperfeita, em contextos sócio-

históricos específicos.” A crioulização típica estaria localizada no extremo desse contínuo, em que o acesso à língua-alvo seria o mais restrito possível, e a reestruturação lingüística resultaria na formação de uma nova língua.

Abordando a questão das estruturas do português brasileiro, Lucchesi (2003) afirma que elas podem estar relacionadas ao contato massivo entre línguas que marcou os primeiros séculos da história sociolingüística do Brasil.

2.5 A DESCRIÇÃO DA REALIDADE LINGÜÍSTICA BRASILEIRA

Para descrição da realidade lingüística brasileira, estão voltados alguns projetos que têm fornecido subsídio para os estudos dessa natureza, dentre os quais se podem citar: O Programa de Estudo sobre o Uso da Língua (PEUL), também conhecido como *corpus* Censo; o Projeto Variação Lingüística da Região Sul (VARSUL); o Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba (VALPB); o Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB); e o Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta (Projeto NURC).

O PEUL, concebido no final da década de 70, por um grupo de pesquisadores coordenado por Anthony Julius Naro, consolida-se nos anos 80, como irradiador dos moldes da Sociolingüística laboviana, conforme Paiva e Scherre (1999, p. 206). É desenvolvido pelo Departamento de Lingüística e Filologia da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e pela Fundação Universitária José Bonifácio, tendo constituído um *corpus* de 64 horas de gravação da fala de informantes cariocas, estratificados segundo variantes sociolingüísticas (sexo, idade, escolaridade), distribuídos por diversos bairros da cidade.

O VARSUL, sob a coordenação de Paulino Vandresen, constitui-se de amostra da fala de habitantes de doze cidades, quatro em cada estado da Região Sul, formando

um total de 288 entrevistas com duração de 45 a 60 minutos. É um trabalho pautado nos princípios da Sociolinguística Variacionista de orientação laboviana, que busca oferecer material para pesquisadores interessados em descrever o português falado na região Sul. O VARSUL é organizado, de acordo com Vendresen (2002, p. 08), pelas seguintes instituições: Universidade Federal do Paraná, Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Federal do Rio grande do Sul, sendo que em 1994 associou-se também a esse projeto a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

O Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba (VALPB), coordenado por Dermeval da Hora e Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa, tem um *corpus* formado de 60 informantes, distribuídos segundo variáveis sociais, tais como: faixa etária, escolarização e sexo. Este projeto, iniciado em 1993, coloca à disposição de pesquisadores interessados um material para estudo dos diversos aspectos da língua falada em João Pessoa, como informam Hora e Pedrosa (2001).

O projeto ALiB tem como organizadores Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (UFBA), Jacyra Andrade Mota (UFBA), Mário Roberto Lobuglio Zágari (UFJF), Maria do Socorro Silva Aragão (UFC), Walter Kock (UFRGS), Vanderci de Andrade Aguilera (UEL), Cléo Altenhofen (UFRGS), Abdelhak Razky (UFPA), Aparecida Negri Isquerdo (UFMS). Este projeto, como informam Cardoso e Mota (2003, p. 39), retoma a idéia da realização de um Atlas nacional, que vem sendo cogitada desde meados do século passado e ganhou força de lei com o decreto 30.643, de 20 de março de 1952, que previa como uma das atribuições da Casa de Ruy Barbosa a elaboração de um atlas lingüístico geral do Brasil. O atual Projeto Atlas Lingüístico do Brasil tem como objetivos gerais, como salientam Cardoso e Mota (2003, p. 40-41):

- Descrever a realidade lingüística do Brasil no que tange à língua portuguesa, com enfoque na identificação das diferenças diatópicas, diastráticas e diageracionais (fônicas, inclusive prosódicas, morfossintáticas, léxico-semânticas), consideradas na perspectiva da geolingüística pluridimensional;

- Oferecer aos estudiosos da língua portuguesa subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil.

Sobre o Projeto NURC, realizado em cinco capitais brasileiras (Salvador, Recife, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre), apresenta-se detalhamento no capítulo que trata da metodologia, nesta pesquisa.

Todos os trabalhos acima citados buscam oferecer material para que se possam delinear as faces do português do Brasil, no entanto, optamos por dar uma ênfase maior aos Projetos NURC e ALiB. A escolha desses dois pauta-se no fato de estarem ligados um ao campo da Dialectologia, uma ciência de base horizontal, uma vez que prioriza a variação espacial dos fenômenos lingüísticos; e o outro à Sociolingüística, uma ciência de base vertical, que prioriza a variação social, lembrando que não são ciências excludentes, mas complementares. Desse modo, é possível estudar as normas culta e popular do português brasileiro.

2.6 EM SÍNTESE

A língua portuguesa espalhou-se pelos continentes europeu, africano, asiático e americano, especialmente por conta da expansão marítima; e a cada lugar aonde chegava formava uma nova variedade.

No Brasil, o português do colonizador europeu logo entrou em contato com a língua dos habitantes, e outro não poderia ter sido o caminho para quem buscava dominar; primeiro os portugueses tiveram de aprender as línguas indígenas, para só então impor-lhes a sua. Nos anos 30 do século XVI, por razões econômicas e pela resistência dos índios que sobreviveram ao genocídio, começaram a chegar 'levas' de negros para serem escravizados, que adquiriam o português de forma precária, ou na

África, ou à medida que se integravam à sociedade brasileira. Vale salientar que este português, aprendido nessas condições, tornou-se língua materna da maioria dos negros que aqui nasciam e dos mestiços que nasciam por ‘força do contato’.

Recorrendo à situação que se apresentou no Brasil colonial, e a isso acrescentando a chegada dos que para aqui emigraram da Europa e da Ásia, sobretudo a partir do século XIX, temos os indícios do estágio que espelha nossa atual realidade lingüística. Acordemos, então, que de uma base tão cheia de misturas não poderia surgir um português que refletisse unidade e conservadorismo, como tanto pregou o nosso mestre Silva Neto. No entanto, o que se formou foi uma língua diversificada, que poderá justificar a idéia da unidade, apenas no sentido de um nordestino compreender, perfeitamente um sulista e *vice-versa*, mesmo com suas diferenças dialetais.

Deste modo o português do Brasil é uma língua heterogênea e plural, cujos falantes são, parafraseando Mário de Andrade, “brasileiros que nem eu”.

3 O TEMA

O fenômeno em variação, no português brasileiro, objeto direto anafórico de terceira pessoa recebe um tratamento distinto no âmbito das gramáticas normativas e no das pesquisas sociolinguísticas. Estas têm militado, constantemente, pela existência de possibilidades de escolha; enquanto aquelas trabalham no sentido de estabelecer regras que defendem uma única possibilidade.

3.1 A ABORDAGEM DAS GRAMÁTICAS NORMATIVAS

As gramáticas normativas definem, em sua maioria, o objeto direto como um complemento de um verbo transitivo direto que geralmente não vem ligado por preposição. Almeida (1997, p. 425), acrescenta que o objeto direto “corresponde ao caso oblíquo latino chamado acusativo” e que “o nome objeto direto provém do fato de o objeto prender-se diretamente ao verbo”.

Em algumas construções, porém, o objeto direto pode vir preposicionado. Esta possibilidade ocorre, segundo Cegalla (1997, p.319), por três razões básicas: “a clareza da frase; a harmonia da frase; e a ênfase ou a força de expressão”; ocorre ainda quando for constituído das formas pronominais *mim, ti, si, ele, ela, nós, vós, eles e elas*. Nesse sentido Almeida assevera à página 426:

Não devemos pensar que é errado dizer “levei a ele”, “escolheu a nós”. O que é errado, erradíssimo, é dizer “levei ele”, “escolheu nós”. — O que não devemos é abusar dessa construção.

Posicionamentos como o de Almeida têm sido a regra geral nas gramáticas normativas, mostrando a visão de autores que levam em consideração a existência de apenas uma norma linguística — a padrão. Ressaltemos que o que se deseja, trazendo à

tona essas discussões, não é, de modo algum, banir o ensino da gramática tradicional, mas militar por um reconhecimento do uso real da língua, pautado na pluralidade de normas, dentre as quais, sem dúvida, figura o padrão normativo.

Prosseguindo nas discussões sobre as possibilidades de uso para o objeto direto anafórico, registradas nas gramáticas tradicionais, observemos o que postulam Cunha e Cintra (2001, p.289):

Na fala vulgar e familiar do Brasil é muito freqüente o uso do pronome ele(s) ela(s) como objeto direto em frases do tipo: *Vi ele/ Encontrei ela*. Embora esta construção tenha raízes antigas no idioma, pois se documentam em escritores portugueses dos séculos XIII e XIV, deve ser hoje evitada.

Não podemos deixar de frisar que o comentário de Cunha e Cintra nos mostra que as razões para a escolha de uma variante não residem na sua estrutura da língua, mas na avaliação subjetiva e, nos remete diretamente à nossa hipótese, visto que os nossos resultados mostraram o quanto o falante culto evita o pronome lexical, principalmente em situação mais formal. Esse procedimento não o induz ao uso do clítico que, acrescentemos, não é usado de forma espontânea. Sendo, surgem, numa situação que chamaremos de emergencial, o vazio lexical e os SNs lexicais, totalmente ignorados pela abordagem das gramáticas tradicionais.

Para Rocha Lima (1998, p. 243):

Objeto direto é o complemento que, na voz ativa, representa o paciente da ação verbal. Identifica-se facilmente: a) porque pode ser o sujeito da voz passiva; b) porque corresponde na 3ª pessoa, às formas pronominais átonas: o, a, os, as.

A aceção b, acima, remete-nos aos nossos resultados, uma vez que o uso dessas formas para realização de objeto direto de 3ª pessoa, figura entre os índices mais baixos de ocorrência (4,2%), competindo apenas com o pronome lexical pleno (2,4%).

Há, no entanto, conforme Rocha Lima, à página 319, construções em que os pronomes oblíquos (o, os, a, as, me, te, se, nos, vos) podem desempenhar função de sujeito de verbos no infinitivo. Sendo assim, numa construção como *Pedro está aí fora*,

mande-o entrar, o pronome *o* funciona como objeto do verbo *mandar* e sujeito de *entrar*. Neste sentido, vale ressaltar que esse tipo de estrutura, nos dados de Duarte (1989), foi o que mais favoreceu o uso das formas tônicas. No entanto, Rocha Lima ao falar dos pronomes retos, como objeto direto, afirma que o uso dessas formas ocorria na língua arcaica, e que com a evolução da língua foi sendo abandonando.

É válido, ainda, lembrar que os pronomes pessoais são, nas gramáticas normativas, divididos em dois grupos: os do caso reto, que exercem a função de sujeito e os do caso oblíquo que exercem a função de complemento. Observemos a distribuição destes grupos, retirada de Almeida, à página 172:

Pronomes pessoais

Retos	Oblíquos
eu	me, mim, migo
tu	te, ti, tigo
ele, ela	o, a, lhe, se, si, sigo
nós	nos, nosco
vós	vos, vosco
eles, elas	os, as, lhes, se, si, sigo

No que se refere à divisão dos pronomes pessoais em retos e oblíquos, a mesma visão é encontrada em Cegalla (1997, p. 170-171), quando ele apresenta a frase *Mauro havia deitado tarde. Ele ainda dormia quando a mãe o chamou*, explicitando que “As palavras *ele* e *o* substituem o nome Mauro que é a 3ª pessoa do discurso, ou seja, a pessoa de quem se fala. Por isso, *ele* e *o* são pronomes pessoais”, e reitera que “Os pronomes retos funcionam, em regra, como sujeito, e os oblíquos como objetos ou complementos”.

Em se tratando de uma outra possibilidade de uso para retomar o objeto direto — a categoria vazia —, é pertinente atentar para uma observação de Cegalla, à página 320, o que parece ser um indício de uma tímida abordagem do vazio lexical, pelas gramáticas normativas: “Os escritores modernos omitem, freqüentemente, o pronome objetivo: *E os amigos, a gente conhece na hora do aperto*”.

Embora o vazio lexical, no comentário acima, tenha sido restrito ao objeto pleonástico, no português do Brasil, este fenômeno vem tomando proporções cada vez maiores, como se pode constatar com o aumento dos percentuais, já se podendo observar, em nossa pesquisa 59% do total de ocorrências.

Os SNs anafóricos parecem ser rigidamente excluídos na abordagem normativa, no entanto, o seu uso vem sendo observado a cada pesquisa, e nesta, alcança um índice de 34,4% do total de dados levantados.

Entendemos, assim, que a norma padrão pode e deve ser ensinada na escola, o que não se deve é ignorar o conhecimento que o falante traz consigo. Um indivíduo que diz, por exemplo, *Eu conheço Pedro e vi ele no cinema* pode, perfeitamente, aprender outras maneiras de formular essa construção, inclusive, como está prescrita nas gramáticas tradicionais — *Eu conheço Pedro e o vi no cinema* — sendo capaz, ainda, a depender da situação, de empregar formas como *Eu conheço Pedro e vi Pedro no cinema/ e Eu conheço Pedro e vi no cinema*. E o seu interlocutor terá condições de compreendê-lo.

Desse modo, o que nos parece reducionista é a exclusão de todas as outras formas, acima mencionadas, privilegiando apenas o uso do clítico acusativo, subestimando, neste aspecto, a capacidade que o falante tem de dominar uma pluralidade de normas, e não apenas uma. No âmbito dessa discussão, necessário se faz voltarmos nossa atenção para as sábias palavras de Possenti (2006, p.82):

O mais importante é que o aluno possa vir a dominar efetivamente o maior número possível de regras, isto é, que se torne capaz de expressar-se nas mais diversas circunstâncias, segundo as exigências e convenções dessas circunstâncias. Nesse sentido, o papel da escola não é o de ensinar uma variedade no lugar da outra, mas de criar condições para que o aluno aprenda também as variedades que não conhece, ou com as quais não tem familiaridade, aí incluída, claro, a que é peculiar de uma cultura mais elaborada.

3.2 CLÍTICO ACUSATIVO, PRONOME LEXICAL, SNs ANAFÓRICOS E CATEGORIA VAZIA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

As possibilidades de uso para o objeto direto anafórico de 3ª pessoa têm sido largamente estudadas, no português do Brasil, e as conclusões mais evidentes apontam para um processo de extinção dos clíticos e o aparecimento de novas estratégias, dentre as quais é notável o uso da categoria vazia. Neste aspecto, Galves (2001) assevera que, a partir dos estudos de Huang (1984), o objeto nulo passou a ser estudado como “o centro das atenções”, visto que até então as preocupações estavam voltadas para o sujeito nulo.

Galves salienta que o português, no grupo das línguas românicas, parece ser a única que admite o objeto nulo, e ressalta que este é um fenômeno bastante freqüente no português brasileiro, característica que o aproxima mais de línguas “exóticas” como o chinês, o coreano, dentre outras, do que do português europeu.

Em meio à diversidade de autores que tratam do tema, estaremos examinando, mais detidamente, os trabalhos de Maria Eugênia Lamoglia Duarte (1989), artigo com base em sua dissertação de Mestrado, e o trabalho de José Lemos Monteiro (1994), também parte de sua tese de Doutorado, que foi publicada sob a forma de livro, especialmente, porque esses dois autores tratam do objeto direto anafórico, numa perspectiva sincrônica, pautados na Teoria Variacionista de orientação laboviana. Examinamos, também, o pensamento de Oliveira (1989), particularmente, a parte em que ele analisa a questão do apagamento do objeto; e o de Nunes (1996), uma pesquisa

diacrônica, que nos dá uma visão de que a sobrevivência do clítico está vinculada ao papel prescritivo da escola.

3.2.1 A posição de Duarte

Duarte (1989) postula que no português falado no Brasil, o clítico acusativo está sendo substituído por um pronome lexical pleno, por uma categoria vazia ou por SNs anafóricos.

A autora apresenta suas conclusões com base em um *corpus* constituído de gravações da fala de 50 paulistanos nativos e da linguagem veiculada pela televisão. Ao selecionar os informantes foram levados em conta dois fatores sociais: o nível de escolaridade e a faixa etária do falante. Desse modo, consideraram-se três faixas etárias e três níveis de escolaridade, perfazendo um total de nove células. Posteriormente, foi acrescentado a esses grupos de informantes um décimo grupo, constituído de jovens entre 15 e 17 anos, cursando a 8ª série do 1º grau (hoje, ensino fundamental), a fim de que se pudesse trazer para o *corpus* uma modalidade de fala usada por uma geração mais jovem. Foram gravadas, ainda, 08 horas de fala veiculada na televisão, divididas em 04 horas de episódio de novelas e 04 horas de entrevistas.

Duarte encontrou, em sua análise, os percentuais que ficaram assim distribuídos: 62,6% de categoria vazia, 17,1% de SNs anafóricos, 15,4% de pronome lexical pleno e 4,9% de clíticos. Para analisar o fenômeno, ela estabeleceu condicionamentos lingüísticos e extralingüísticos.

Analisando, inicialmente, os fatores lingüísticos, Duarte observa que no condicionamento morfológico, do total de clíticos encontrados, 40,2% precedem o verbo, num tempo simples do indicativo e 59,8% são enclíticos. E afirma que é

absolutamente nula a possibilidade de uso do clítico com o imperativo, tempos compostos e locuções verbais com o gerúndio.

Quanto ao uso do pronome lexical, a autora constata que, mesmo esta variante ocorrendo com todas as formas verbais, demonstra uma preferência pelos tempos simples, o imperativo e as locuções com infinitivo e gerúndio. Por outro lado, a categoria vazia supera todas as outras variantes, perdendo apenas para os SNs anafóricos em construções com o gerúndio.

Ao analisar o condicionamento sintático, Duarte assevera que, em estruturas simples, se o objeto direto é um SN, o uso da categoria vazia supera a sua realização fonológica, porém, quando o objeto é sentencial, o apagamento (79,9%) encontra, apenas um concorrente distante: os SNs anafóricos (19%). Mostra que ocorre caso idêntico, nas estruturas simples constituídas de objeto direto e objeto indireto, ou seja, se o objeto é um SN, o apagamento é de 78%, passando a ser categórico, com objeto sentencial.

Para o exame das estruturas sintaticamente mais complexas, Duarte assegura que o uso do pronome lexical atinge o índice de 35,6%, nas estruturas em que o objeto e o predicativo formam quase uma oração; ainda assim a opção pela categoria vazia é de 46,6%. Se o objeto é uma sentença, o vazio lexical, mais uma vez, é superior aos usos das outras variantes (84,6%), e como concorrente tem apenas o uso dos SNs anafóricos (15,4%).

Duarte afirma que o preenchimento do objeto supera o seu apagamento, em estruturas com objeto sentencial preposicionado e nas estruturas com reduzidas de infinitivo e gerúndio, explicando que, quando o objeto assume a função de sujeito agente, há uma tendência ao preenchimento do objeto, com preferência pelo pronome lexical pleno. No que se refere ao condicionamento semântico, a autora salienta que este

fator lingüístico mostrou-se bastante relevante para sua análise. Sendo assim, informou que o uso do clítico e do pronome lexical é fortemente favorecido pelo traço [+animado], enquanto a categoria vazia e os SNs anafóricos são condicionados pelo traço [-animado].

Duarte situa, ainda, o fenômeno em relação ao contexto extralingüístico, observando que serão analisados, separadamente, os dados da fala natural e os dados da mídia.

Começando pela faixa etária dos informantes e o nível de escolaridade, Duarte chama a atenção para a absoluta falta de clíticos na fala dos mais jovens, enquanto para os demais grupos esse uso cresce de acordo com o nível de escolaridade, permanecendo variável, no que diz respeito à faixa etária.

O uso do pronome lexical ocorre, com maior frequência, na fala dos jovens, decrescendo à medida que aumenta o nível de escolaridade e da faixa etária. Para o uso dos SNs anafóricos, como o uso dos clíticos, a autora atesta que há um aumento, juntamente com o crescimento do nível de escolaridade e da faixa etária. Salienta que o uso da categoria vazia por todas as faixas etárias mostra o processo de implementação desta variante no sistema lingüístico.

Num cruzamento de fatores sociais e lingüísticos, Duarte revela que o uso do pronome lexical, na fala de informantes com nível de escolaridade mais alto, está condicionado a uma maior complexidade da estrutura da frase.

Ao comparar a fala natural, novela e entrevistas de TV, a autora chama a atenção para a semelhança entre a fala natural e os textos das novelas, com um baixo percentual de uso dos clíticos e preferência pelo objeto nulo. Enquanto para as entrevistas, se não privilegiam o clítico, evitam sobremaneira, o uso do pronome lexical pleno. Neste caso a preferência é para os SNs lexicais, que competem com a categoria vazia.

Procedendo à realização de um teste de produção que consistia de perguntas diversas, contendo um objeto em diferentes estruturas, Duarte constatou que a mesma alteração encontrada na fala veiculada na TV pode ser observada nos dados da fala natural, ou seja, mostraram-se sensíveis á mudança de contexto; o mesmo não ocorreu com os mais jovens e com o grupo de informantes acima de 46 anos com 1º grau, cujo comportamento foi idêntico ao que se observou durante a entrevista.

Sintetizando, a autora constata que a escola é um instrumento que municia o indivíduo com a habilidade para usar os clíticos; e que é também claro que, embora esteja habilitado a usá-los, procura formas de substituí-los, sendo a razão para tal comportamento evidenciada através de um teste de percepção. Nessa análise, Duarte conclui que o uso do clítico em situações informais é tão estigmatizado quanto o uso do pronome lexical em situações formais. Esse comportamento está limitando-se à frase simples, uma vez que há uma redução do estigma sobre o uso do pronome lexical pleno, em estruturas mais complexas, assim a dificuldade em usar o clítico, de acordo com as prescrições gramaticais, nessas construções, garante a permanência do pronome lexical pleno.

É desnecessário enfatizar que a categoria vazia encontra-se implementada no sistema lingüístico brasileiro, e neste aspecto, como atesta Duarte, o português do Brasil é distinto das outras línguas românicas.

3.2.2 A perspectiva de Oliveira

A categoria vazia foi discutida por Oliveira (1989) que reitera que esta variante é de pouca operosidade em dados de três capitais brasileiras (São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro), perfazendo um total de 14% dos dados de sua pesquisa.

Vale ressaltar que o *corpus* de Oliveira foi constituído com textos falados e escritos, o que parece ter contribuído para um índice inferior do vazio lexical.

Oliveira salienta, no entanto, que o baixo índice de apagamento não significa que o falante esteja optando pelo uso do clítico, e comprova essa afirmação, mostrando que, nas três capitais, essa variante obteve índices muito pequenos: 0,2 (São Paulo); 0,8% (Belo Horizonte); e 0,3% (Rio de Janeiro). Justifica, ainda, que o índice mais elevado em Belo Horizonte deve-se ao fato de os informantes, além de estudarem na universidade, exercerem na comunidade a função docente. É pertinente informar que o *corpus* de Oliveira constitui-se de 60 textos escritos e 60 entrevistas orais, de informantes, alunos de cursos de graduação da PUC-SP, UFMG e PUC-RJ.

O autor destaca uma questão bastante pertinente para nossa pesquisa, quando demonstra que a elisão do objeto deu-se, com maior frequência, com o objeto já mencionado, ou seja, o objeto anafórico, tendo atingido um índice de uso de 90,7%, enquanto, para a primeira menção do objeto o índice de ocorrência cai para 9,3%. Nesse sentido, os dados de Oliveira estão bastante próximos dos nossos, uma vez que é exatamente o objeto já mencionado que estamos focalizando.

Comprova, ainda, que na modalidade falada o objeto é apagado em 79% dos dados; já na escrita a elisão ocorreu em apenas 21%.

3.2.3 Os caminhos traçados por Monteiro

Pautado em dados da fala, Monteiro (1994) apresenta resultados bastante pertinentes ao tema que ora se discute. Restringindo-se aos pronomes pessoais, aponta três possibilidades de ocorrência para o objeto direto anafórico de 3ª pessoa: os clíticos o(s), a(s) e seus alomorfes; as formas ele(s), ela(s); e o vazio lexical. Ressalta, porém,

que a primeira opção caracteriza o português europeu, mantendo uma nítida distinção entre pronomes que exercem a função de sujeito e pronomes que funcionam como objeto. De outro modo, no português brasileiro o clítico encontra-se em fase de extinção, sendo necessária a criação de alguns recursos para substituí-lo.

Monteiro acrescenta que dentre as formas escolhidas, o emprego dos pronomes do caso reto, neste caso, o *ele* é uma opção praticada na fala popular e que encontra resistência na norma culta. Desse modo, o autor desenvolve o raciocínio de que se os clíticos de terceira pessoa desaparecem gradativamente e a norma culta, de certa forma, inibe o uso do pronome lexical, o mais sensato seria calar o objeto. Salaria que esta última possibilidade separa o português brasileiro do europeu, mas que é um fenômeno recorrente em outras línguas, o que desperta o interesse dos lingüistas.

O autor chama a atenção para o fato de que, se o objeto nulo é interpretável como uma tática evasiva, pode ser decorrente de um princípio, imprecisamente definido, que se relaciona à economia de expressão. Seria, em síntese, um recurso disponível na língua para suprimir qualquer termo que possa ser recuperado pelas informações do contexto, seja na ordem do discurso, da sintaxe ou da semântica.

Monteiro (1994, p. 169) assevera, ainda, que não está de acordo com o pensamento de Williams (1978) “... que vê no apagamento do objeto nada mais que o resultado de um processo fonológico, mediante o qual o clítico é assimilado à última vogal do verbo.”. Salaria, porém, que a colocação do pronome oblíquo no português brasileiro, raramente é enclítica, sendo, portanto, difícil ocorrer uma assimilação do tipo: viu-o> viu-u> viu.

Sendo assim, Monteiro milita pelo posicionamento de que a escolha das possibilidades de uso para o objeto direto anafórico deve ser condicionada por fatores lingüísticos e extralingüísticos. Para o desenvolvimento de tal raciocínio apresenta uma

série de trabalhos que seguem esta mesma linha de interpretação, dentre os quais, destaca o trabalho de Omena (1978), uma das pioneiras no estudo deste fenômeno, no português brasileiro, que revela a relevância dos fatores estruturais, na escolha da(s) variante(s) a ser(em), implementada(s) no sistema lingüístico. Mostra que, na pesquisa de Omena, a regra mais recorrente foi a do objeto nulo, com 76%, contra 24% de emprego das formas *ele(s)*, *ela(s)*; e informa que o *corpus* com que Omena trabalhou é formado de fala da população não escolarizada da cidade do Rio de Janeiro, confrontando com dados de textos do português medieval.

A análise de Monteiro nos revela que os fatores lingüísticos determinantes do apagamento na pesquisa de Omena foram, em ordem decrescente: o traço semântico [+animado] do antecedente, antecedente em função de objeto direto, antecedente não reforçado no contexto, pronome com apenas uma função sintática, e mais de um candidato ao papel de antecedente. E mostra que o traço [+animado] condicionou de forma quase categórica a aplicação da variante apagamento do objeto, chegando, nos dados do português arcaico, da autora, a inibir completamente o uso do pronome lexical.

Acerca dos fatores extralingüísticos, Monteiro afirma que os condicionamentos sociais são de grande importância na escolha de uma das possibilidades de uso do objeto direto anafórico, sobretudo, porque a presença do *ele* em função acusativa é vista como erro pelas gramáticas normativas, sendo possível o menor uso desta variante a depender da situação ou do nível social. Salienta, porém, com base em alguns pesquisadores, que as variáveis sociais não possuem, ainda, um papel suficientemente definido.

Expõe, assim, resultados de sua pesquisa que revelam a atuação das variáveis extralingüísticas: influência do registro, a diversidade regional, o sexo do informante e a faixa etária do informante. Trabalhou com dados do Projeto NURC em cinco capitais (Recife, Salvador, Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro), tendo selecionado 60

inquéritos: 15 de Elocuções formais e 45 Diálogo entre Informante e Documentador. Foram recolhidos 12 inquéritos, em cada cidade.

Para a variável influência do registro, o autor nos mostra que ficou claro que no português oral culto, o clítico acusativo é bem mais freqüente no registro formal (29%) do que no informal (08%). O pronome ele é usado de forma reduzida em ambos os registros: 01% no formal e 03% no informal. A categoria vazia lidera tanto no registro formal (70%), quanto no informal (89%), observando-se uma tendência para o crescimento deste fenômeno.

As conclusões de Monteiro, para a diversidade regional, são de que Recife é a capital onde menos se apaga o objeto (73%) e mais se preserva o clítico acusativo (24%); em São Paulo a taxa de apagamento do objeto chega a 94% e a de clítico 05%; e que o uso do pronome *ele*, em todas as capitais foi inferior ao uso do clítico.

Em se tratando da variável sexo do informante, o autor nos informa que os homens empregam os clíticos um pouco mais que as mulheres (12% e 10%, respectivamente); e que há maior índice de apagamento na fala das mulheres (87%) contra 85% na fala dos homens. Quanto ao emprego da forma *ele*, há uma coincidência de uso: 03% para o sexo masculino e 03% para o sexo feminino.

Com respeito à faixa etária, afirma que os clíticos aparecem em maior proporção na fala dos mais idosos, mas observa que em termos escalares, esta variável não se mostrou muito relevante.

Monteiro faz alusão às estruturas topicalizadas, por serem bastante comuns no português do Brasil, ressaltando que nenhum dos autores que se ocupam do objeto direto anafórico trata desse assunto. E revela ainda que nas estruturas topicalizadas é onde mais se constata a elisão do objeto, no entanto, os fatores sociais continuam com

as mesmas características da variação, intensificando apenas um pouco a diferença entre o emprego do pronome e o seu apagamento, num processo de correlacionamento.

3.2.4 A contribuição de Nunes

Para continuar retratando o fenômeno do desaparecimento do clítico, não poderíamos deixar de fora a contribuição de Nunes (1996), especialmente alguns comentários que estão diretamente ligados à nossa pesquisa.

Este autor afirma que o português brasileiro está passando por um processo de perda de clíticos acusativos de terceira pessoa, e que este fenômeno tem dado lugar ao crescimento do objeto nulo e ao aparecimento do pronome tônico *ele*, alternativa agramatical no português europeu. E atesta, com base em estudos variacionistas, que os clíticos acusativos de terceira pessoa não fazem parte do vernáculo, no sentido laboviano (a fala numa situação bastante espontânea), mas que o uso dessas formas está associado ao grau de instrução escolar, especificamente identificado na modalidade escrita, no estilo formal.

Nunes busca mostrar que todas as características do português moderno decorrem de uma mudança na direção da cliticização fonológica, ocorrida no século XIX, o que impossibilitou o licenciamento dos clíticos acusativos de 3ª pessoa. E acrescenta que os clíticos acusativos de terceira pessoa desenvolveram-se a partir das formas latinas de demonstrativo *illum/illam/illud*, não conservando o /l/ dos demonstrativos, como o fizeram outras línguas românicas, como o francês e o espanhol.

Atesta, ainda, que no português europeu a cliticização dá-se da direita para a esquerda, tendo este procedimento o poder de bloquear sentenças iniciadas por clíticos. E, por outro lado, no português do Brasil, a cliticização ocorre da esquerda para a

direita, e que este fenômeno permite que os outros clíticos, que não os acusativos de terceira pessoa, figurem no início da sentença. Reitera que esta pode ser uma inovação do português brasileiro, já que tanto o português antigo, como o português moderno não exibem essa característica.

Com base em algumas análises, o autor levanta a hipótese de que as crianças do início do século XX optaram por adquirir uma gramática sem clíticos, ao invés de tentarem introduzir novas regras para licenciar *onset* da sílaba do clítico; esse sistema inovador possibilitou o aparecimento de construções com o pronome *ele* tônico em função acusativa e com objeto nulo. E continua a sustentar a sua hipótese de que a manutenção dos clíticos acusativos de terceira pessoa deve-se à ação coercitiva da escola.

Nesse sentido, especialmente, mas não apenas, o trabalho de Nunes foi de grande importância para a nossa pesquisa. Sendo assim consideramos bastante pertinente, retomar a Tabela de Corrêa que trata dos objetos diretos anafóricos encontrados na fala, reproduzida e comentada por Nunes (1996), à página 217:

Tabela 2: Objetos diretos anafóricos encontrados na fala

Tipo de objeto	Adultos Analfabetos	Série %					Total
		1 ^a / 2 ^a	3 ^a / 4 ^a	5 ^a / 6 ^a	7 ^a / 8 ^a	Univers.	
Obj. Nulo	66,60%	72,4%	77,7%	71,2%	71,1%	67,8%	72,0%
Pron. Tônico	25,60%	24,1%	8,6%	19,1%	20,1%	7,1%	18,2%
SN Anafórico	7,60%	3,4%	13,6%	7,4%	7,6%	14,2%	8,3%
Clíticos	-	-	-	2,1%	0,9%	10,7%	1,3%

(CORRÊA, 1991, apud NUNES, 1993, p.217)

Observando a Tabela de Correa, podemos constatar que os clíticos estão ausentes da fala dos adultos analfabetos e que na fala dos universitários ocorre um aumento considerável se atentarmos para os extremos, no entanto, ainda é um número

muito baixo (10,7%), e esse número tem sido decrescente, ao longo do tempo, se compararmos esse resultado ao nosso (4,2%), na fala de pessoas que já concluíram o nível superior. Nesse sentido concordamos com as afirmações de Nunes de que a aprendizagem dos clíticos, na escola, dá-se antes que a criança os aprenda em sua fala. Para isto basta voltar novamente à Tabela 2 e constatar que o uso dos clíticos só começa a aparecer, muito vagarosamente, a partir das séries 5ª e 6ª (2,1%).

3.3 BREVES CONCLUSÕES

O português brasileiro (PB), conforme Galves (2001), comparado ao português europeu (PE), apresenta duas características marcantes que os distinguem, no que diz respeito às possibilidades de ocorrência do objeto direto anafórico de 3ª pessoa. A primeira concentra-se no fato de o português brasileiro adotar com bastante frequência o fenômeno da categoria vazia, ao passo que, no português europeu esta variante é marginal; a segunda diferença esta relacionada ao sistema pronominal, uma vez que o PB adota como alternância com a categoria vazia, o pronome lexical pleno, enquanto o PE o faz, usando os clíticos.

Vale trazer à consideração, aqui, as palavras de Penna (2002, p. 67):

A prática do emprego do pronome de terceira pessoa, como objeto direto, no dia a dia, no português do Brasil, mostra-se contrária às prescrições das gramáticas normativas: o que se observa é o uso do pronome lexical *ele* e suas flexões em função acusativa, na língua oral e escrita, formal e informal.

E, acrescentamos, o que se observa é o aumento do uso da categoria vazia, ao lado do uso dos SNs anafóricos, em detrimento do clítico.

Nesse sentido, fica cada vez mais difícil compreender a insistência das gramáticas normativas em pregar a supremacia de uma forma lingüística em relação às

demais. Por outro lado, já não é tão complicado, assim, entender essa visão autoritária, se estivermos atentos à relação entre língua e poder.

4 A TEORIA

Neste capítulo, apresentaremos alguns aspectos da teoria que direcionou nossa pesquisa — a Sociolingüística Variacionista. Inicialmente, concentraremos nossa atenção em algumas concepções da abordagem da língua, em seguida, traremos à consideração definições do termo Sociolingüística, e por fim, buscaremos apresentar alguns princípios concernentes à Teoria da Variação laboviana.

4.1 OS ESTUDOS SOCIOLINGÜÍSTICOS

A Sociolingüística surge nos anos 60 do século XX, apresentando um modelo de análise e interpretação de dados que vai tentar explicar a mudança lingüística. Essa perspectiva tem-se constituído em vasto arcabouço teórico para lingüistas que buscam explorar as relações estruturais entre uma língua e os fatores sociais que sobre ela atuam, levando em consideração, dentre outros aspectos, a variação e a mudança lingüística.

Os estudos sociolingüísticos manifestaram-se inicialmente em pesquisas publicadas em língua inglesa, sendo Basil Bernstein (apud CALVET, 2002) o primeiro a considerar os aspectos lingüísticos correlacionados à situação social dos falantes. Para tal consideração ele partiu do pressuposto de que crianças da classe operária teriam uma taxa de fracasso escolar superior à das crianças das classes abastadas.

Expande-se, em seguida, a investigação nessa área, atraindo o interesse e a atenção de estudiosos de diferentes posições. Para o entendimento do papel dos estudos sociolingüísticos no campo da linguagem, necessário se faz tecer algumas considerações sobre o conceito de língua e das mudanças que nela se operam.

4.2 CONCEPÇÕES NA ABORDAGEM DA LÍNGUA

Saussure, na última frase do *Curso de Lingüística Geral* (2006, p.271), assim se manifesta: “A Lingüística tem por único e verdadeiro objeto de estudo a língua, considerada em si mesma e por si mesma”. Neste posicionamento, fica clara a sua preocupação em insistir no caráter estrutural da língua. Saussure estabelece uma dicotomia entre *langue* (língua) e *parole* (fala), em que a língua seria o sistema homogêneo e a fala a realização concreta e individual.

Para Weinreich, Labov e Herzog (2006), o mestre genebrino não tem nada a dizer de concreto sobre a comunidade como matriz do desempenho da fala individual, sendo assim, não há nada, em sua teoria, que possa acomodar a língua como heterogênea. A língua na perspectiva de Saussure é analisada como objeto de estudo sincrônico, estando imune à diversidade.

Seguindo esta linha de raciocínio, Bloomfield (apud Weinreich, Labov e Herzog 2006), partindo de um enfoque formalista, considera impossível observar a mudança lingüística, por conta da lentidão deste processo. Este pensamento o levou a considerar a mudança lingüística como anti-empírica, uma vez que não se interessa pelo caráter sistemático da língua heterogênea. Sendo assim, lança o fardo da mudança lingüística sobre o mecanismo da imitação, por parte dos falantes, aos hábitos lingüísticos de seus companheiros.

Chomsky apresenta uma visão que concebe a comunidade lingüística como sendo completamente homogênea, comportando, assim, um falante-ouvinte ideal que tem uma capacidade de gerar, de acordo com as regras da língua, um número infinito de frases gramaticais (cf. TRAVAGLIA, 2002). Esta perspectiva também postula a homogeneidade do sistema lingüístico. Para a teoria gerativista, a competência

lingüística não comporta variação. A respeito deste pensamento, Weirneich, Labov e Herzog (2006, p. 35) asseveram : “O modelo gerativo para a descrição de uma língua como objeto homogêneo... é em si mesmo desnecessariamente irrealista.”

A Sociolingüística oferece, segundo Lucchesi (1998), uma nova concepção para o objeto de estudo da Lingüística, visto que, enquanto para a visão estruturalista o sistema é isento de variação, para a Sociolingüística a variação é inerente ao sistema lingüístico. E salienta este mesmo autor que a Sociolingüística tem por objeto de estudo os padrões de comportamento lingüístico observáveis dentro de uma comunidade de fala e os formaliza analiticamente através de um sistema lingüístico, constituído por unidades e regras variáveis.

Desse modo, a Sociolingüística surge da reconhecida relação entre língua e sociedade, tendo sido inaugurada em 1963, ainda desprovida de rigor teórico, numa associação de sociólogos — *Social Scienciens Research* —, conforme Monteiro (2000, p.15). Revela este autor que a primeira tentativa de delimitar essa disciplina é atribuída a William Bright.

4.3 DEFININDO A SOCIOLINGÜÍSTICA

Bright (1974), em *As dimensões da Sociolingüística*, afirma que o termo *Sociolingüística* é recente e de difícil definição, visto que embora esteja neste conceito o entendimento da relação entre língua e sociedade, esta seria uma concepção bastante vaga. Desse modo ressalta que o posicionamento da Sociolingüística difere dos anteriores no que se refere a esta relação, já que considera, conforme novas perspectivas da própria Lingüística, tanto a língua quanto a sociedade como estrutura e não como uma coleção de itens.

Nesse sentido, a Sociolingüística, rompendo com tendências da lingüística estrutural, que tratava a língua como sendo completamente uniforme e homogênea, busca mostrar que a variação não ocorre de maneira livre, mas condicionada por fatores de ordem estrutural e social. Desse modo, à diversidade lingüística, principal preocupação da Sociolingüística, relaciona-se um conjunto de dimensões, que se distribui em: a dimensão do emissor, a dimensão do receptor e a dimensão do contexto, de acordo com Bright (1974, p.18).

A dimensão do emissor pode ser explicada com os dialetos de classe, como por exemplo, a fala masculina e feminina; **a identidade social do receptor** é pertinente sempre que se usam vocabulários especiais de respeito para se dirigir a superiores, ou, ainda, referência à maneira como os adultos se dirigem aos bebês; e, por fim, **a dimensão do meio ambiente** que compreende todos os elementos possíveis dentro de um contexto de comunicação. Bright ressalta que estas três dimensões não são excludentes, mas se completam.

Este autor afirma que outras dimensões da Sociolingüística não se baseiam tanto na diversidade patente do comportamento lingüístico, mas na finalidade e objetivo do pesquisador. Sendo assim, a pesquisa sociolingüística pode ser de ordem sincrônica ou diacrônica.

Salienta, ainda, que há uma dimensão da Sociolingüística, em que figura a diferença entre a maneira como as pessoas usam a língua e o que elas têm como crença sobre seu próprio comportamento lingüístico e o dos demais.

Outra dimensão discutida é a extensão da diversidade, que se refere à diferença entre partes de uma única sociedade ou nação oposta à diferença entre sociedade e nações distintas e a diferença de variedades de uma única língua opostas à diferença entre línguas distintas.

Para concluir, Bright (1974) discorre sobre uma última dimensão que é chamada de aplicação. A aplicação apresenta as mais amplas simplificações inerentes à diversidade sociolingüística, sendo possível reconhecer três categorias ligadas ao interesse de três tipos de pesquisador: a primeira reflete o interesse do sociólogo e abrange o uso de dados sociolingüísticos para diagnosticar a estrutura social ou fenômenos sociais particulares; a segunda reflete o interesse do lingüista histórico, ao qual se colocam questões como: *As línguas mudam de maneira diferente sob circunstancias sociais diferentes? / Como reflete a história das línguas nas interações de dialetos sociais?*; o terceiro tipo de aplicação refere-se ao que é feito pelo planejador lingüístico que tem de lidar com a política oficial, no que diz respeito ao uso da língua.

A Sociolingüística no dizer de Mollica (2003, p.09), é uma das subáreas da lingüística que estuda a língua em uso na comunidade de fala, em outras palavras, no grupo de falantes que compartilham características comuns, entendendo a variação lingüística como fenômeno universal passível de ser sistematizado, já que não ocorre de maneira livre, mas condicionado por fatores estruturais e sociais.

Pode-se, ainda, definir a Sociolingüística como uma disciplina independente, com uma metodologia própria, desenvolvida, principalmente, nos Estados Unidos e no Canadá, nos anos sessenta. Esses estudos preocupam-se, especialmente, em explicar a variação lingüística relacionada aos fatores sociais, atentando para a importância deste fenômeno na mudança lingüística, de acordo com Silva-Corvalán (1988, p.01).

Para Fernández (1998, p. 300), a Sociolingüística tem como objeto de estudo a língua como sistema de signo, mas considerada dentro de um contexto social, diferindo assim do pensamento de Saussure, que também postulava a língua como um sistema de signos, vista, porém apenas do ponto de vista estrutural.

Como se observa, a partir dos posicionamentos trazidos à consideração, a Sociolingüística apresenta-se como modelo teórico que estuda a língua como heterogênea e sistematizável, propondo-se a analisar os fenômenos variáveis encaixados na estrutura social e na estrutura lingüística.

4.3.1 Sociolingüística variacionista

O modelo desenvolvido por William Labov, denominado sociolingüística variacionista, procura assumir, como ressalta Tarallo (1985, p. 06) o “caos lingüístico como objeto de estudo”, saliente-se o ‘caos’ aparente, visto que é completamente sistematizável. Sendo assim, com os trabalhos de Labov (1963, 1966 apud TARALLO, 1985) apresenta-se uma teoria com uma metodologia adequada para descrever a interação entre a variação e a mudança lingüística.

Ao definir a Sociolingüística, Labov (apud SILVA-CORVALÁN, 1988) chama a atenção para o fato de que esse termo parece redundante, visto que não se pode conceber um fenômeno lingüístico que não seja social, por ter a língua um caráter eminentemente social.

O grande iniciador da Sociolingüística assim se manifesta no trabalho intitulado *Estágios na aquisição do inglês standard* (1974, p.50): “Investigadores anteriores escreveram que a extensa variação era totalmente casual e produto do puro acaso. Nossos estudos sobre a fala de Nova York mostraram que este não é, de forma alguma, o caso...”. Neste trecho, Labov chama a atenção para a importância dos fatores condicionadores da variação e da mudança lingüística.

Os estudos de Labov, referidos na citação, foram feitos na cidade de Nova York, observando duas maneiras distintas de se pronunciar o /r/ pós-vocálico, a sua

presença *versus* sua ausência, conforme Tarallo (1985, p. 12-13). Dentre as constatações de Labov, é válido destacar que a presença do /r/ é considerada de prestígio social, sendo assim, quando o status social do falante é mais elevado, é mais freqüente o uso do /r/. Para Labov, o enfoque lingüístico não pode estar dissociado do social.

4.3.1.1 A heterogeneidade

Com base em estudos empíricos, os lingüistas Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog (2006) lançaram os *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*, texto no qual mostraram caminhos que nos permitem desenvolver estudos sobre a gramática de uma comunidade de fala, buscando explicar o funcionamento de uma língua a partir do correlacionamento de fatores internos e externos.

Os autores buscam romper com a identificação entre homogeneidade e sistematicidade, pois entendem que numa língua que serve a uma comunidade complexa a ausência da heterogeneidade da língua é que seria disfuncional. Pensando a língua como imutável, não é possível responder algumas questões que se colocam, dentre as quais se podem destacar o fato de que *Se uma língua tivesse de ser estruturada para funcionar eficientemente, como as pessoas continuam falando enquanto a língua muda?* Aqueles que postulam uma realidade lingüística homogênea não conseguem dar conta deste questionamento.

Com base nos pressupostos da teoria variacionista, ao estudar a língua como heterogênea, porém sistematizável, percebe-se que ela tem um dinamismo inerente. Sendo assim, encontram-se diversas formas lingüísticas cujo valor semântico não se altera — são as variantes lingüísticas. O conjunto das variantes lingüísticas é chamado

de variável dependente. O termo variável também pode nomear, ainda, o grupo de fatores que funcionam como “armas”, como atesta Tarallo (1985, p. 32), na luta pela sobrevivência de cada variante, mas neste sentido denomina-se variável independente. As variáveis independentes podem ser internas e se manifestam nos níveis: fonológico, morfológico, sintático, lexical; ou externas à língua, abrangendo a faixa etária, o nível de escolaridade, o sexo do informante, o grau de formalidade do discurso, dentre outros aspectos.

Para se determinar a variável lingüística dependente, segundo Labov (apud MONTEIRO, 2002, p.59), faz-se necessário seguir alguns passos, quais sejam:

- a) definir o número exato de variantes;
- b) estabelecer a multiplicidade de contextos em que ela aparece;
- c) elaborar um índice quantitativo que permita medir os valores das variáveis.

Na perspectiva sociolingüística, a variação é essencial e própria à linguagem humana, tendo assim as estruturas variantes como reveladoras de padrões de regularidade. Deste modo, observa-se que algumas variantes desfrutam de prestígio social, enquanto outras são estigmatizadas. De modo geral a variante usada pelo segmento social detentor do poder adquire uma avaliação positiva, mas se a variante é pertencente a um grupo social de menos prestígio tende a passar por avaliações negativas. Estas avaliações não têm motivações lingüísticas, mas sociais. Nesse sentido, é possível atentar para a avaliação que se faz da fala do presidente do Brasil Luís Inácio Lula da Silva, que outrora pertencia a uma classe social menos favorecida.

Uma outra forma de se observar o preconceito lingüístico no Brasil é analisarmos o prestígio que se dá às variedades faladas no Rio de Janeiro e em São Paulo, onde falantes de outras regiões, para conseguirem um emprego na televisão, por exemplo, precisam modificar sua maneira de falar. Deste modo é pertinente retratar o

que Labov (apud Monteiro 2002, p.p. 66-67) chama de estereótipos, indicadores e marcadores.

Os estereótipos são definidos como formas lingüísticas socialmente marcadas, recebendo assim forte estigma social; os indicadores são traços lingüísticos que têm uma distribuição regular nos grupos socioeconômicos, étnicos ou etários, sendo utilizados mais ou menos do mesmo modo em todos os contextos; já os marcadores, além de apresentarem uma diferenciação social, mostram também uma diferença estilística.

4.3.1.2 A variação e a mudança lingüística

Na visão estruturalista não se concebe a variação, o sistema é composto de relações opostas, instaurando-se então a questão *Como observar a mudança lingüística?* A mudança lingüística teria que ser concluída para ser estudada.

Na perspectiva sociolingüística a mudança lingüística pressupõe variação, mas nem toda variação implica necessariamente mudança, pois duas formas podem co-ocorrer, sem que uma substitua a outra. E ainda assim para que ocorra o desaparecimento de uma variante é necessário que tenha existido um período de convivência, idéia que se opõe ao que postulou Bloomfield (apud WEINREICH, LABOV E HERZOG 2006). Vale ressaltar que há regras na língua que são categóricas ou invariantes às quais o falante não pode infringir.

Para que se possa analisar a mudança e a variação é pertinente buscar a definição de tempo aparente e tempo real. Estes recursos possibilitam a observação da mudança lingüística no momento em que esteja se processando.

No tempo aparente a língua é analisada por meio de um recorte num determinado momento do tempo utilizando, como instrumento, as faixas etárias dos falantes. Para exemplificar, poderíamos tomar o uso dos clíticos por um falante de 60 anos que refletiria uso de 45 anos atrás. Assim, poderíamos olhar o passado sem sair do presente. Se observarmos na fala dos mais jovens a implementação de uma variante inovadora, e um decréscimo desta mesma variante à proporção que a faixa etária sobe, pode estar ocorrendo uma mudança em curso, sendo que não se podem deixar de lado outros fatores sociais. Por outro lado, a variação estável pode ser constatada e representada de diferentes modos, como em gráfico, que mostre o equilíbrio no uso das variantes, entre as faixas etárias. Assim, pode ser que as variantes de uma língua estejam permanentemente em convivência, sem, necessariamente, uma substituir a outra, porém se houver a substituição completar-se-á a mudança lingüística na comunidade de fala.

No tempo real a análise é feita em diferentes momentos do tempo, tendo como base cartas, documentos, peças teatrais etc., uma vez que até pouco tempo não se tinha o recurso da gravação da fala. Toma-se, por exemplo, para esse tipo de análise, o confronto entre diferentes momentos da língua, representado por sincronias distintas.

À mudança lingüística, conforme Weinreich, Labov e Herzog (2006), se colocam cinco problemas com que os lingüistas terão de lidar, cuja explicitação se observa a seguir:

a) O problema das restrições [*constraint problem*] — ocupa-se em determinar que tipos de mudanças são universalmente possíveis, podendo-se formular a pergunta *Que mudanças são possíveis e que mudanças não são?*

b) O problema da transição [*trasiition problem*] — consiste em identificar a rota entre duas etapas da mudança, constitui um problema interno. Deste modo pode-se

perguntar, *Como se dá a mudança? É de forma gradual ou abrupta?* Seria observar a trilha pela qual uma variante lingüística passou para evoluir para outra.

c) O problema do encaixamento [*embedding problem*] — tende a identificar tanto a matriz social quanto a matriz lingüística em que se verifica a mudança lingüística. É na resolução deste problema que o conceito de variável lingüística e os estudos de variação encontram a sua mais valiosa contribuição. Deste modo, a pergunta a que se deve responder é *Como a variável se encaixa no sistema lingüístico e social da comunidade?* É possível exemplificar como isso se aplicaria, tomando aqui nossa variável dependente *Objeto direto anafórico de 3ª pessoa na fala culta de Salvador: o clítico em desuso*, buscando analisar quais os fatores lingüísticos e sociais que condicionam a substituição do clítico por outras possibilidades de uso.

d) O problema da avaliação [*evaluation problem*] — consiste em avaliar o comportamento subjetivo dos falantes de uma comunidade sobre a mudança em curso, podendo-se perguntar *Como os membros de uma comunidade avaliam as variantes?*. Este problema ilustra-se com um trabalho de Labov, conforme Tarallo (1985), sobre a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/, na ilha de Martha's Vineyard, no estado de Massachuseter, nos Estados Unidos. Nesta pesquisa foram entrevistadas 69 pessoas, classificadas segundo distribuição geográfica, ocupação e faixa etária. Os resultados demonstraram que a zona rural, pescadores e de faixa etária de 31 a 45 anos, favoreceram a centralização do ditongo, ou seja a forma não-padrão; o que tornou evidente a primeira intuição do pesquisador de que os nativos da zona rural da ilha, pescadores e de faixa etária jovem reagem à invasão dos veranistas através da demarcação lingüística. Uma outra dimensão da avaliação lingüística foi incluída na análise de Labov: verificar se os sentimentos dos falantes em relação à ilha são responsáveis pelos altos índices de centralização dos ditongos. A avaliação foi

classificada em três níveis — positivo, negativo e neutro. Dos 65 falantes entrevistados, 40 expressaram-se positivamente em relação à ilha, 19 assumiram uma posição neutra, e 06 afirmaram que preferiam não residir na ilha. Sendo assim, as conclusões de Labov apontam para o fato de que os falantes que se expressam de modo positivo em relação ao meio social, centralizam mais; os que têm uma atitude neutra o fazem de forma intermediária e aqueles de atitude negativa em relação à ilha rejeitam a norma local.

Desta forma, é possível atentar para o fato de que as variantes lingüísticas podem adquirir prestígio social ou serem estigmatizadas. A variante inovadora, geralmente, é a que sofre estigma, por ser a não padrão. Por outro lado, a variante conservadora é aquela prestigiada socialmente e a que figura no padrão gramatical. Estas afirmações podem não ser completamente verdadeiras, se atentarmos, por exemplo, para o uso do clítico, no português brasileiro atual, visto que, a depender da situação de fala, uma construção como *Onde está o livro? Pu-lo sobre a mesa*, embora seja conservadora e prescrita nas gramáticas tradicionais, não parece ser de prestígio na comunidade de fala brasileira.

e) O problema da implementação [*actuation problem*] — consiste em identificar os fatores lingüísticos e sociais que motivam a mudança. A complexidade dos fatores que intervêm na mudança lingüística faz com que este seja um problema de difícil solução, levantando as questões *Por quê, quando e onde uma determinada mudança ocorreu?* Este problema, busca de certa forma, encontrar uma causa para a mudança.

Vale registrar aqui, dentre os princípios com os quais Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 125-126) sintetizam sua proposta sobre o estudo da mudança lingüística, o 2 e o 7 que refletem, de certo modo, o que se vem tentando explicitar com o desenvolvimento dos estudos sociolingüísticos:

2. A associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão. A estrutura inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle destas estruturas heterogêneas.

7. Fatores lingüísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança lingüística. Explicações confinadas a um ou outro aspecto, não importa quão bem construídas, falharão em explicar o rico volume de regularidades que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento lingüístico.

4.3.1.3 O registro da variação

Ao sociolingüista cabe a tarefa de colher a fala em situação mais espontânea possível, assim se denomina o vernáculo na perspectiva laboviana, como se observa em Monteiro (2000) e em Tarallo (1985). No entanto, esta não parece ser uma tarefa simples, uma vez que o que se deseja é observar a fala numa realização bastante espontânea, mas a presença do pesquisador já acarreta mudanças no comportamento do falante. Alguns cuidados podem ser tomados para amenizar essa interferência, como, por exemplo, trabalhar com módulos de narrativas pessoais, em que o falante se envolva com a situação narrada, deixando fluir a sua fala despida de monitoração.

Para o seu estudo, o lingüista partirá de dados concretos coletados de indivíduos inseridos numa comunidade de fala, definida por Labov (apud MONTEIRO, 2000) como o conjunto de hábitos comuns a um determinado grupo em relação ao uso de uma língua, e não como pessoas que usam as mesmas formas. Seriam, então, indivíduos que compartilham as mesmas normas.

Os variacionistas rompem com o conceito de que a língua falada constitui um material repleto de frases mal formadas, como postulavam pesquisadores que viam a língua como um código virtual isolado da fala, (visão de Saussure) ou do desempenho (conforme Chomsky). Labov constatou, em seus estudos empíricos, um maior número de frases bem formadas e em plenas condições de serem analisadas.

A Sociolinguística trabalha com modelos estatísticos, basicamente de dois tipos, conforme Fernández (1998, p.310), um descritivo e outro de inferências. Este consiste em fazer inferências a respeito do todo com base em uma amostra de dados; aquele se define, simplesmente por contar e ordenar o conjunto de dados. Estes modelos permitem ao pesquisador chegar a conclusões sobre a variação e a mudança linguística numa comunidade de fala.

4.4 A TÍTULO DE CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

A Sociolinguística busca dar conta da língua como objeto de estudo heterogêneo, porém passível de sistematização, rompendo com conceitos anteriores, como o de Chomsky, que postulava que uma teoria linguística deveria estar voltada para o estudo de um falante-ouvinte ideal inserido numa comunidade de fala completamente homogênea. A Sociolinguística traz à discussão, também, o questionamento às proposições de Saussure, especificamente no que se refere às suas dicotomias. A título de ilustração, ressalta-se que, enquanto Saussure apresentava uma visão dicotômica entre sincronia e diacronia, a posição da Sociolinguística é adotar uma visão pancrônica, que inclui o tempo real como uma dimensão de grande importância.

Os estudos sociolinguísticos, na perspectiva variacionista, sob a orientação de Labov, apresentam um modelo de análise que se concentra na heterogeneidade da língua, mostrando que a variação é condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos. Nesse sentido justifica-se nossa opção por esse modelo teórico, uma vez que militamos por um reconhecimento do uso real da língua, pautado na pluralidade de normas linguísticas; e estamos conscientes de que o prestígio social adquirido por uma dada variante não tem relação alguma com um grau elevado de habilidade do

falante, é uma questão de avaliação subjetiva, em que, geralmente, a variante usada pela classe social de *status* mais elevado tende a ser imitada pelos falantes das classes sociais que ocupam a base da pirâmide social. Estas classes, geralmente, apresentam certo receio em usar a variante que lhe é mais familiar, por conta do estigma social que poderão sofrer, ou seja, para não carregarem estereótipos que, segundo Labov (apud MONTEIRO, 2000, p.66), são definidos como “... formas lingüísticas socialmente marcadas, etiquetadas de maneira ostensiva pela sociedade.”.

A maneira como os programas televisivos representam a fala do Nordeste, com uma abertura exagerada das vogais pretônicas, é um exemplo claro de estereótipo, a que se pode acrescentar, ainda, a maneira como as gramáticas normativas chamam a atenção para os usos característicos da variedade popular, que soa como discriminação e não como diferenciação de modalidades de uso da língua.

5 METODOLOGIA

O processo de elaboração e efetivação da pesquisa ora apresentada obedeceu a etapas que serão aqui detalhadas e dizem respeito à seleção do *corpus*, aos informantes, à natureza das variáveis a considerar e ao processo de análise e quantificação dos dados.

5.1 O *CORPUS*

O *corpus* básico a ser analisado compõe-se de uma amostra da fala culta, constituída de 24 inquéritos do Projeto da Norma Lingüística Urbana Culta (Projeto NURC), em Salvador, considerando-se a importância desse acervo para o estudo do português brasileiro.

A amostra selecionada constitui-se, assim, de 12 inquéritos do tipo DID (diálogo entre informante e documentador) e 12 da categoria EF (elocuições formais), sendo 06 de cada tipo para as épocas consideradas — década de 70 e décadas de 90 e 2000¹.

No que se refere à primeira sincronia, década de 70, o Projeto NURC oferece ampla possibilidade de escolha; mas para segunda sincronia, o segmento do *corpus* relativo às décadas de 90 e 2000 compreende 06 inquéritos do tipo DID, recolhidos entre 1997 e 2001 e já transcritos, e 06 do tipo EF, que tiveram o seu processo de recolha e transcrição em 2005 e 2006, e foram feitos para atender, especificamente, à complementação do *corpus* estabelecido para esta dissertação. Vale ressaltar que o Projeto NURC/Salvador encontra-se em fase de recolha de dados para esta segunda sincronia, a fim de que se possa estabelecer um confronto entre diferentes gerações, de modo a observar se existe mudança em curso ou apenas convivência entre variantes,

¹ O que chamamos de década de 2000 compreende os inquéritos recolhidos no período de 2000 a 2006. Sabemos que há uma lacuna em relação à década de 90, na formação de uma única sincronia, mas não havia inquéritos do tipo EF, no Projeto NURC de Salvador, feitos nessa época.

pois, como postulam Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 126) “Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura lingüística implica mudança; mas toda mudança implica variação”.

Selecionamos para a pesquisa, que ora se apresenta, dois tipos de inquéritos: EF (elocuições formais) e DID (diálogo entre informante e documentador), a fim de que se possa verificar a relevância do nível de formalidade do discurso na ocorrência de cada variante lingüística.

No primeiro momento, foram selecionados os inquéritos da década de 70, cuja transcrição já estava feita: DIDs (094, 100, 159, 173, 231 e 277) e EFs (020, 023, 026, 046, 049, 052). Em seguida, procedemos à seleção dos inquéritos da segunda sincronia, do tipo DID, que já estavam transcritos (007/N, 012/R, 013/R, 018/N 019/N e 173/R), só, então, iniciamos a realização dos outros 06 inquéritos do tipo EF, sendo 03 informantes do sexo masculino e 03 do sexo feminino, distribuídos entre as três faixas etárias estabelecidas pelo NURC, que complementaram o *corpus* analisado (021/N, 022/N, 023/N, 024/N, 025/N e 026/N).

Todos os inquéritos acima, do tipo DID, obedeceram a um tema, e este é um procedimento importante para o pesquisador sociolingüista, possibilitando que o informante “preste o mínimo de atenção ao como” se diz, conforme explicações de Tarallo (1985, p. 22). Deste modo, os temas do segmento do *corpus* analisado nesta pesquisa, para a década de 70, assim se distribuem: A casa, Transportes e viagens, A cidade e O comércio, O ensino, e Vestuário. Relativamente às décadas de 90 e 2000, foi feita a seguinte seleção de temas: Profissões, Vestuário, A casa, A cidade, e Terrenos. Quanto às EFs, são sempre aulas que versaram, no tocante à década de 70, sobre os temas: Tuberculose, Ecologia, Geografia do Recôncavo, Região mamária e mediastínica, O arquiteto e a proteção dos bens culturais, e Conhecimento do

orientando. No que tange às EF's da sincronia 90/2000, encontramos os temas seguintes: Geometria, Revisão de clima e regionalização, Regionalização do Brasil, Brasil-Colônia, e Cultura Negra.

Posteriormente procedemos à seleção dos dados específicos para o nosso objeto de estudo.

5.1.1 O Projeto NURC

O Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta foi o primeiro projeto de cunho sociolingüístico do Brasil e surgiu da iniciativa do professor Nelson Rossi, como assevera Callou (1999 p. 232):

Em 1968, em relatório solicitado pela Comissão de Lingüística Ibero-Americana do Programa Internacional de Ensino de Idiomas (PILEI) o professor Nelson Rossi ressaltava o interesse de se estender ao Brasil a execução do Proyecto de Estudio Coordinado de la Norma Lingüística Culta de las Principales Ciudades de Iberoamérica y de la Península Ibérica [...]

O Projeto NURC, como passou a ser chamado no Brasil, desenvolve-se em cinco capitais do país (Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre). É pertinente ressaltar que a escolha dessas capitais não foi feita arbitrariamente, mas motivada por fatores condicionantes, tais como:

- permitirem uma amostra relativa a uma população urbana, representando, aproximadamente um sétimo da população do Brasil;
- serem cidades antigas, sendo quatro fundadas no século XVI e uma — Porto Alegre — no século XVIII;
- estarem localizadas na nossa extensão territorial mais densamente povoada;
- terem atingido, àquela época, um milhão de habitantes.

O Projeto NURC tem como um de seus objetivos caracterizar a modalidade culta da língua falada nos centros urbanos, em seus níveis fonológico, morfológico, sintático

e lexical, contemplando as variações estilística e social. Sendo assim, há uma preocupação em deixar claro que não se trata de estudar uma norma “imposta segundo critérios externos de correção e de valoração subjetiva, mas sim de estudar uma pluralidade de normas objetivamente comprovadas no uso oral”, no dizer de Callou (1999 p. 232). Vale salientar que o termo norma, que integra o título do Projeto, é empregado no sentido coseriano, (COSERIU, 1980), ou seja, como um conjunto de usos observáveis no comportamento de falantes em uma comunidade.

O Projeto NURC, no âmbito nacional, conta com um *corpus* de mais de 1500 horas de gravação, realizadas na década de 70 (1972-1978), com um total de 2356 informantes em 1870 inquéritos.

Os estudos sociolingüísticos têm revelado a importância da análise dos dados em tempo real, como uma maneira de se avaliar a variação e a mudança lingüística, tendo em vista que “Mudança é variação”, como observa Tarallo (1985, p.63). Nesse sentido, no ano de 1992, iniciou-se uma ampliação do *corpus*, promovendo-se o recontato com informantes já gravados anteriormente, procedendo-se à gravação de novos informantes. Essa ampliação encontra-se ainda em andamento, com gravações de inquéritos da atual década.

Esse material representa o desempenho lingüístico de falantes de ambos os sexos, distribuídos em três faixas etárias: I (25 a 35 anos), II (36 a 55) e III (a partir de 56 anos). As entrevistas gravadas são do tipo EF (Eloquções Formais), DID (diálogo entre informante e documentador) e D2 (diálogo entre dois informantes).

O Projeto NURC, na sua origem, previa quatro tipos de gravações, conforme informações do *Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta de Algumas das Principais Capitais do Brasil* (1970)², à página 24:

² Serão feitos quatro tipos de gravações:

1) Gravação secreta de um diálogo espontâneo;

Se harán los cuatro tipos de grabaciones:

- 1) Grabación secreta de um diálogo espontâneo.
- 2) Diálogo entre los informantes.
- 3) Diálogo entre uno o dos informantes y el investigador.
- 4) Elocuciones en actitudes formales (clases, conferencias, discursos, etc.).

No entanto, no caso do Brasil, por razões concernentes ao momento político nacional, não foi possível cumprir todas as metas, em virtude de terem os responsáveis pelo projeto no Brasil julgado conveniente não dar curso às gravações secretas.

Assim, está formado o *corpus* nacional, e dele se constitui uma amostragem de cada Estado, estabelecido pelo NURC, identificada como *corpus* compartilhado, do qual se encontra uma cópia em cada capital que serve de sede ao Projeto, à disposição dos pesquisadores. Os materiais recolhidos encontram-se duplicados em bobinas e fitas cassetes e parcialmente transcritos grafematicamente.

Do NURC/Brasil e relativamente do *corpus*, foram publicados:

- Projeto NURC, em São Paulo — EFs (CASTIHO e PRETI, 1986), D2 (CASTILHO, 1987), DIDs (PRETTI e URBANO, 1988);
- Projeto NURC no Rio de Janeiro — EFs (CALLOU, 1991), DIDs (CALLOU e LOPES, 1993), D2 (CALLOU e LOPES, 1994);
- Projeto NURC, em Salvador — DIDs (MOTA e ROLLEMBERG, 1994), EFs (MOTTA e ROLLEMBERG, 2006);
- Projeto NURC, em Recife — DIDs (SÁ et al (1996), EFs (SÁ e outros, 2005)
- Projeto NURC, em Porto Alegre — DIDs (HILGERT, 1997).

2) Diálogo entre os informantes;
 3) Diálogo entre um ou dois informantes e o documentador;
 4) Elocuções em atitudes formais (aulas, conferências, discursos, etc.)
 (tradução nossa)

5.1.3 O Projeto NURC em Salvador

O *corpus* do projeto NURC em Salvador, conforme Mota e Rollemberg (1994, p. 13), foi constituído a partir de 1973 e compreende 307 horas e 20 minutos de gravações que apresentam o comportamento lingüístico de 461 falantes dos sexos masculino e feminino. Os informantes estão divididos nas três faixas etárias, totalizando 360 inquiridos. Desses, 58 são do tipo EF, 201 do DID e 101 do D2.

A realização dos primeiros inquiridos que compõem a segunda sincronia estabelecida iniciou-se em 1993, alcançando, até o presente, um total de 20 novos DIDs e 14 DIDs regravados, aos quais se agregam 06 gravações de EFs, feitas para complementar o *corpus* que estamos utilizando. Essas novas gravações continuam seguindo os critérios estabelecidos no Projeto NURC, em âmbito nacional: falantes de ambos os sexos, divididos nas três faixas etárias estabelecidas.

O projeto NURC/Salvador, como informam Mota e Rollemberg (1994), tem sido uma fonte fornecedora de um vasto material para pesquisas na graduação, na pós-graduação, assim como para elaboração de dissertações de mestrado e teses de doutorado em Letras.

5.1.3 Os informantes

Os informantes foram selecionados de acordo com três faixas etárias: I (25 a 35 anos), II (36 a 55) e III (a partir de 56 anos), observando-se a igualdade de representação em ambos os sexos. São 04 mulheres da faixa etária I, 04 da faixa etária II e 04 da faixa etária III; tendo a mesma distribuição para o sexo masculino, perfaz-se um total de 24 informantes.

São pessoas com nível superior completo, nascidas na comunidade ou que aqui chegaram com até 05 anos; filhas de pais também da comunidade ou que vieram para aqui muito cedo.

5.2 VARIÁVEIS CONSIDERADAS

O termo variável pode comportar, de acordo com Mollica (2003), pelo menos dois significados: o fenômeno em variação, que se denomina também variável dependente; e o grupo de fatores que favorecem ou inibem o uso de uma variante — as variáveis independentes, que podem ser de natureza interna ou externa à língua.

5.2.1 A variável dependente

Para a conceituação de variável dependente, necessário se faz estabelecer-se o entendimento de objeto direto e anáfora.

O objeto direto pode ser definido como o termo da oração que completa a significação de um verbo transitivo direto sem a ajuda de uma preposição, sendo possível representá-lo por meio de um substantivo, de um pronome, um numeral, uma palavra ou expressão substantivada e por uma oração substantiva.

Anáfora³, segundo José Lemos Monteiro (1994 p.59) “é um fenômeno pelo qual se correlacionam dois termos, apontando ambos para um mesmo referente”. Ainda sob a visão de Monteiro, para que dois termos sejam anafóricos basta que ocorra identidade referencial entre eles.

Trask (2004, p. 19, s. v. **Anáfora**), assim se manifesta:

³ O termo anafórico é aqui utilizado numa acepção discursiva, apenas para definir o nosso objeto de estudo. Não temos a intenção de apresentá-lo em todas as suas acepções.

Anáfora (anaphor)- Um elemento lingüístico cuja interpretação é tomada de algum outro elemento presente na mesma sentença ou no discurso. Na sentença *Suzana gostaria de conseguir um emprego em Paris, mas, antes ela precisa melhorar seu Francês*, o pronome *ela*, em sua interpretação mais óbvia, significa Suzana. Dizemos que *ela* é uma anáfora, e que *Suzana* é o antecedente; a relação entre esses elementos é de anáfora ou de ligação, e *ela* é ligado por *Suzana*. [...].

Complementando essas visões conceituais, Dubois et al (2004, p.46, s. v.

Anafórico) esclarece:

Diz-se que um pronome pessoal ou demonstrativo é anafórico quando ele se refere a um sintagma nominal anterior ou um sintagma nominal que se segue, p. ex., o e aquele em *Esse artigo eu o escrevi em dois dias/ e Aprecio aquele que fala francamente*. [...].
Dubois et al (2004, p. 46).

Salientamos que, neste trabalho, não adotaremos a acepção de anáfora, como uma referência a um sintagma que se segue — a catáfora; levamos em conta a anáfora que aponta para um termo anteriormente referido.

Com esse entendimento, no português do Brasil, no que concerne à variável dependente *Objeto direto anafórico de 3ª pessoa*, tema da presente pesquisa, documentam-se, pelo menos, quatro variantes: o clítico acusativo (o, os, a, as, lo, los, la, las...), o pronome lexical (ele, ela, eles e elas), os SNs anafóricos (representados pela repetição do SN pleno, pela repetição do SN com determinante modificado e usando o demonstrativo *isso*) e a categoria vazia (o não preenchimento do objeto direto anafórico).

As gramáticas normativas registram apenas uma das quatro possibilidades de ocorrência — o clítico acusativo —, configurando-se, deste modo, “um campo de batalha”, como diz Tarallo (1985, p. 05), onde se enfrentam variantes de prestígio e estigmatizadas.

A análise que aqui se apresenta baseou-se no trabalho de Maria Eugênia Lamoglia Duarte (1989), que mostra, por meio de análise quantitativa e qualitativa, que a realização do objeto direto anafórico tende a substituir o clítico acusativo de 3ª pessoa

por SNs anafóricos, por pronome lexical e pela categoria vazia; e na pesquisa de José Lemos Monteiro (1994), que, restringindo-se aos pronomes pessoais, aponta três possibilidades de uso para o objeto acusativo — os clíticos acusativos, as formas ele(s) e ela(s) e o vazio lexical.

5.2.2 Variáveis independentes

As variáveis independentes são chamadas também de explanatórias, uma vez que, de certo modo, tentam explicar a opção por uma ou outra variante, e podem ser de natureza lingüística ou extralingüística.

Estabelecemos, então, cinco variáveis lingüísticas e quatro extralingüísticas, cujo maior detalhamento será apresentado na parte da análise dos dados. Como condicionadores lingüísticos foram escolhidos: a estrutura da oração, o traço semântico animacidade do objeto, o tempo e o modo do verbo, a forma da referência anterior e a ausência/presença de termo(s) interveniente(s) entre o objeto e o verbo. De referência ao grupo de fatores externos, foram selecionados: o gênero do informante, a faixa etária do falante, o grau de formalidade do discurso e a localização do fenômeno em variação no tempo.

A construção desta pesquisa está pautada nos princípios da Sociolingüística e na Teoria da Variação, cujos estudos vêm demonstrando a inter-relação entre os usos de uma língua e os fatores sociais a que está vinculada esta mesma língua.

5.3 QUANTIFICAÇÃO DOS DADOS

Reconhecemos que a Sociolinguística entende a língua como “um veículo de comunicação, de informação e de expressão entre indivíduos da espécie humana”, como observa Tarallo (1985, p. 07), e aceitamos que a variação linguística não ocorre de modo aleatório, mas condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos.

Desse modo, usamos para quantificar esses fatores o pacote de programa VARBRUL, criado por David Sankoff, conforme Naro e Scherre (2003b). Esses autores informam que os passos para operação desse programa, cuja versão amplamente usada em microcomputadores do tipo IBM data de 1988, foi implementada por Pintzuk (1988), encontram-se em manuais do programa VARBRUL. E, acrescentam à página 159:

Os programa desta versão têm, basicamente as seguintes funções:

- 1) preparar dados para serem submetidos a análises diversas (Checktok e Readtok);
- 2) produzir resultados percentuais os mais diversos, em função dos infinitos desejo do pesquisador, incluindo a preparação dos dados para a análise de pesos relativos (Makecell e Make 3000);
- 3) Projetar pesos relativos para análise binária (Invarb ou varb 2000), ternária (Tvarb) e eneária (mvarb);
- 4) Efetuar tabulação cruzada de duas variáveis independentes previamente estabelecidas (Crosstab ou Cros 3000);
- 5) Efetuar pesquisa de dados pelas cadeias de codificação (Tsort) ou pelos contextos explicitados nos arquivos de dados (textsort), seja para conferência de dados, seja para criação de novos arquivos de dados.

Tendo em vista que o pesquisador variacionista deve ter como suas tarefas a identificação do fenômeno linguístico em variação, o inventário de suas variantes, o levantamento de hipóteses que expliquem, de certo modo, a sistematicidade da variação, com base em palavras de Silva e Scherre (1996, p. 43); e para que a análise pudesse ser feita pelo pacote de programa VARBRUL, fizemos uma chave de codificação, com base em Naro e Scherre (2003b, p. 155- 156), escolhendo um símbolo para cada um dos fatores das variáveis independentes, selecionadas, e, codificamos todos os dados levantados.

O exame do *corpus* conduziu à descrição, interpretação e classificação dos dados obtidos.

6 A ANÁLISE QUANTITATIVA E QUALITATIVA DOS DADOS

O objeto direto anafórico, como já foi mencionado, é, indubitavelmente, uma regra variável no português brasileiro, oferecendo quatro possibilidades de uso: o clítico acusativo, os SNs anafórico, o pronome lexical e a categoria vazia. Tendo em vista que as gramáticas normativas apresentam apenas uma variante (o clítico acusativo), consideramos pertinente mostrar que esta variável dependente desponta como quaternária. E acrescentamos que a variante privilegiada pela prescrição gramatical encontra-se em fase de quase desaparecimento.

No *corpus* analisado foram depreendidas 487 ocorrências do objeto direto anafórico de 3ª pessoa. A frequência geral das variantes de realização desta variável está apresentada na tabela 3 abaixo.

Tabela 3: Variação na forma do objeto direto anafórico de 3ª pessoa na Norma Culta de Salvador

Forma do Objeto Direto Anafórico	Nº de Ocor./TOTAL	Frequência
Categoria vazia (CV)	286/487	59%
SN anafórico (SNa)	168/487	34,4%
Clítico acusativo (CI)	21/487	4,2%
Pronome lexical (PL)	12/487	2,4%

Os resultados da análise quantitativa revelam que a variante categoria vazia é a forma mais freqüente de realização do objeto direto anafórico de 3ª pessoa entre os falantes cultos de Salvador, correspondendo a 59% das ocorrências da base de dados desta análise. Em segundo lugar, fica a estratégia de se repetir o SN com valor anafórico. Essa variante corresponde a 34,4% do total de ocorrências. Já os usos do clítico e do pronome lexical revelaram-se pouco freqüentes, ambos com menos de 5%

do total de ocorrências. Pode-se perceber, então, que os falantes cultos desviam-se da opção entre o clítico e pronome lexical, adotando a categoria vazia e os SNs anafóricos como estratégias de esquiva.

Nossos resultados aproximam-se dos de Duarte (1989), sendo possível fazer algumas ressalvas. Observemos a tabela de Duarte:

Tabela 4: Distribuição dos dados computados segundo a variante usada

Variante	Ocorrências	%
Clítico	97	4,9
Pronome lexical	304	15,4
[SNe]	1235	62,6
Sns anafóricos	338	17,1

Reprodução da Tabela apresentada por Duarte (1989, p. 21)

Quanto ao uso do clítico, há uma coincidência de resultados, como se pode ver; a categoria vazia parece estar realmente tomando o caminho da supremacia. Uma outra questão, que nos chama a atenção, está na queda do pronome lexical: 15,4% em Duarte e 2,4% em nossos dados, questão que parece fortalecer a idéia de tentativa de esquiva, especialmente se atentarmos para os níveis de escolaridade em ambos os trabalhos. Esta idéia, também, se sustenta com o crescimento do uso dos SNs anafóricos: 17,1% e 34,4%. Vale ressaltar que o *corpus* da pesquisa de Duarte apresenta uma variação quanto ao nível de escolaridade, o que não ocorre com o nosso, questão que pode ter dado suporte ao maior uso do pronome *ele*, em Duarte, mas no que se refere aos clíticos, realmente parece estar havendo um processo de extinção.

6.1 VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS E EXTRALINGÜÍSTICAS

O correlacionamento dos resultados, acima, aos fatores de ordem estrutural e social nos permitirão opinar com maior exatidão sobre o uso da categoria vazia, do clítico acusativo, do pronome lexical pleno e dos SNs anafóricos, uma vez que estamos pautados nos pressupostos da teoria Sociolingüística e concordamos com as palavras de Mollica (2003, p.11), ao postular que:

Cabe à Sociolingüística investigar o grau de estabilidade ou mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo e negativo sobre a emergência dos usos lingüísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático. Assim compreende-se que a variação e a mudança são contextualizadas [...]

6.1.1 Análise das variáveis explanatórias estruturais

Para analisar os eventuais condicionamentos lingüísticos estruturais, foram propostas as seguintes variáveis explanatórias: a estrutura sintática da oração, o tempo e o modo verbais, a animacidade do objeto, a forma da referência anterior e a presença/ausência de termos intervenientes. Os resultados da análise quantitativa do encaixamento estrutural do objeto direto anafórico no NURC-SSA serão apresentados em dois momentos: primeiro, serão apresentados os resultados das frequências brutas das variantes; em um segundo momento, serão mostrados os resultados da análise variacionista, focalizando cada variante separadamente.

6.1.1.1 Análise das variáveis lingüísticas em termo de suas frequências brutas

Entendemos que a variação não ocorre de maneira livre, mas condicionada por fatores lingüísticos e extralingüísticos. Sendo, assim, explicitaremos, inicialmente, o

encaixamento lingüístico da variável dependente, apresentando o “conjunto total de possíveis armas usadas pelas variantes durante a batalha”, no dizer de Tarallo (1985, p. 36).

A variável estrutura sintática da oração não foi considerada porque na amostra analisada a imensa maioria das ocorrências concentrou-se na estrutura simples do tipo V + ODSN. Serão analisadas aqui as variáveis que se seguem:

6.1.1.2 O modo e o tempo do verbo

Para a variável explanatória modo e tempo do verbo, ou como denominou Duarte (1989), o condicionamento morfológico, o levantamento de dados nos mostrou ocorrências como as seguintes:

a) Verbo no indicativo:

(25) *...eu procuro eu mesmo carregar minha bagagem... Normalmente eu carrego sempre na ida.*

b) Verbo no infinitivo:

(187) *... para recuperar os saveiros e transformar em embarcações turísticas.*

c) Locução com infinitivo:

(167) *... se o indivíduo está... eh... não está em condições de fazer determinados esforços, ele não vai fazer...*

d) Subjuntivo:

(69) *... fez com que ele apanhasse a carteira do cigarro amassada e pusesse na caixa coletora de papel.*

e) Imperativo:

(438) *... Esse é um material rico, um material caro, então não joguem fora...*

f) Gerúndio:

(108)... *essa rede seria encarregada de distribuir a eletricidade por todas as ruas e, naturalmente, levando também às casas residenciais.*

g) Locução com gerúndio:

(177)... *Ela vai avaliando o trabalho do seu pessoal, ela vai orientando.*

h) Locução com participípio:

(51)... *Então, se um artista pusesse num quadro um mar nessas... com essas nuances de azul e... e a pessoa que nunca tivesse visto ao natural...*

Duarte (1989) apresenta algumas colocações bastante pertinentes para esta variável, tais como: a absoluta falta de ocorrência de clítico com o verbo no imperativo, tempos compostos e locuções verbais com o gerúndio; o uso da categoria vazia superando todas as outras variantes, independentemente da forma verbal, exceto para os SNs anafóricos, nas construções com gerúndio.

Na Tabela 5, é possível verificar a distribuição desta variável explanatória, observando-se a tendência à supremacia da categoria vazia em todos os tempos.

Tabela 5: O objeto direto anafórico de 3ª pessoa e sua relação com a variável modo e tempo do verbo

Tempo e modo Verbal	Categoria Vazia		SN anafórico		Clítico		Pronome Lexical	
	nº oc.	%	nº oc.	%	nº oc.	%	nº oc.	%
Indicativo	159/260	61%	92/260	35%	06/260	2,5%	03/260	1,5%
Infinitivo	57/100	57%	35/100	35%	05/100	05%	03/100	03%
Locução com infinitivo	40/76	53%	28/76	37%	06/76	7,5%	02/76	2,5%
Subjuntivo	09/14	64%	04/14	29%	--	--	01/14	07%
Imperativo	05/12	42%	05/14	42%	01/12	08%	01/12	08%
Gerúndio	07/12	58%	03/12	25%	01/12	8,5%	01/12	8,5%
Locução com gerúndio	07/10	70%	01/10	10%	01/10	10%	01/10	10%
Locução com participio	02/03	67%	--	--	01/03	33%	--	--
TOTAL	286/487	59%	168/487	34,4%	21/487	4,2%	12/487	2,4%

As locuções com participio tiveram muito poucas ocorrências para serem analisados como um fator.

O clítico ocorreu com os verbos em todos os contextos, exceto com o subjuntivo simples, podendo constatar-se que a variável tempo e modo do verbo não se mostrou tão relevante para a distribuição do uso desta variante, visto que, embora se possa observar um crescimento percentual em alguns contextos, o número de ocorrências é muito pequeno. Já o pronome lexical ocorreu com maior frequência junto às formas do subjuntivo, do imperativo e do gerúndio, embora com reduzido número de ocorrência. As variantes categoria vazia e SNs anafórico se distribuíram de forma equilibrada em todos os contextos, o que demonstra que esta variável não interferiu na escolha dessas variantes. A categoria vazia manteve-se na liderança em todas as construções, tendo

como “única concorrente”, parafraseando Duarte, os SNs anafóricos. Neste aspecto temos a confirmação de nossa hipótese inicial.

6.1.1.3 A animacidade do objeto

O traço [\pm animado] mostrou-se bastante relevante para nossa pesquisa, e pode ser exemplificado com as ocorrências que se seguem:

a) Traço [-animado]:

(01)... *Eu sempre pensei (superp) em comprar a casa pronta, mas em caso de precisar fazer...*

b) Traço [+ animado]:

(73) ... *a criança deve ir o mais cedo possível à escola, entendeu? E,F... uma coisa que eu não me arrependi foi ter botado ela, com um ano e quatro meses...*

Este condicionamento foi escolhido sob hipótese de que, quando o traço é [-animado], os usos da categoria vazia e dos SNs anafóricos são favorecidos, e por outro lado o traço [+ animado] favoreceria a ocorrência do pronome lexical do clítico acusativo.

Duarte (1989) obteve os seguintes resultados: do total de ocorrência de clítico 78,4% foram com o traço [+animado], o pronome lexical apresentou 92,4% de suas ocorrências com este traço; já os SNs anafóricos e a categoria vazia foram favorecidos pelo traço [-animado], apresentando, do total de suas ocorrências, respectivamente 76,3% e 70,7%.

Em nossa análise quantitativa, obtivemos os seguintes resultados, apresentados na tabela abaixo:

Tabela 6: O objeto direto anafórico de 3ª pessoa e sua relação com o traço semântico animacidade

Traço animacidade	Categoria Vazia		SN anafórico		Clítico		Pronome Lexical	
	nº oc.	%	nº oc.	%	nº oc.	%	nº oc.	%
[- animado]	258/433	60%	152/433	35%	17/433	04%	06/433	01%
[+ animado]	28/54	52%	16/54	30%	04/54	07%	06/54	11%
TOTAL	286/487	59%	168/487	34,4%	21/487	4,2%	12/433	2,4%

Observando a tabela 03, é possível confirmar nossa hipótese quanto a essa variável. O clítico e o pronome lexical somam uma porcentagem de 18%, com o traço [+ animado], já com o traço [- animado] somam 05%; a categoria vazia e os SNs anafóricos fazem o caminho contrário: 95% e 82%, respectivamente.

6.1.1.4 Forma da referência anterior

O paralelismo formal foi usado a fim de que pudéssemos observar se a forma da referência anterior interferiria no uso das variantes, ou seja, se o falante repetiria a forma inicialmente usada. Vale salientar que quando adotamos a sentença como antecedente foi no sentido de saber a que variante ela favoreceria, levando em consideração o número razoável de ocorrências deste fator. Subdividimos, então, este grupo segundo os fatores identificados a seguir, verificando-se que o clítico não ocorreu como forma de referência anterior, por isso, não consta na Tabela 7.

a) SN anafórico:

(55)... *Não conhecia o Recreio dos Bandeirantes; vim conhecer em setenta e dois...*

b) Categoria vazia:

(134)... *É uma tira plástica, toda pregueada... ... na hora de colocar na cabeça, nós desfazemos as pregas, pela parte do meio e colocamos na cabeça...*

c) Pronome lexical:

(68)... *Ele foi andando, um guarda chamou...*

d) Sentença:

(348)... *o governo do estado é do mesmo bloco, né... eu acho um benefício para a população..*

Tabela 7: O objeto direto anafórico de 3ª pessoa de acordo com a forma de referência anterior

Forma de referência anterior	Categoria Vazia		SN anafórico		Clítico		Pronome Lexical	
	nº oc.	%	nº oc.	%	nº oc.	%	nº oc.	%
SN Anafórico	221/395	56%	148/395	37,4%	17/395	4,3%	09/395	2,3%
Categoria vazia	43/50	86%	05/50	10%	01/50	02%	01/50	02%
Pronome Lexical	14/21	67%	03/21	14%	02/21	9,5%	02/21	9,5%
Sentença	08/21	38%	12/21	57%	01/21	5%	--	--
TOTAL	286/487	59%	168/487	34,4%	21/487	4,2%	12/487	2,4%

A hipótese de que o falante tende a repetir suas escolhas ao longo do discurso confirmou-se, como se pode conferir, no caso do pronome lexical e da categoria vazia, uma vez que se registrou uma tendência à repetição da forma anteriormente empregada. No caso do pronome lexical, a frequência, quando a forma anterior do objeto direto anafórico foi repetida, aumentou de 2,4% para 9,5%. Em se tratando da categoria vazia, aumentou de 59% para 86%. No que se refere aos SNs anafóricos, a hipótese se confirmou, mais uma vez, esta variante apresentava um total de 34,4% e sobe para 37,4% quando o antecedente é um SN.

A sentença, como forma da referência anterior, conforme mencionamos, acima, foi analisada com o intuito de saber qual a variante mais favorecida por ela, e constatamos que os SNs anafóricos aparecem em primeiro lugar com 57% do total de ocorrências, em segundo vem a categoria vazia com 38%, o clítico apresenta 05% das ocorrências e o pronome lexical não ocorreu.

Como se pode constatar na Tabela 7, o clítico não se mostrou relevante como forma de referência anterior, não ocorrendo, sequer, uma vez. Talvez esta questão nos remeta a pensar mais uma vez na hipótese do desaparecimento do clítico na fala dos brasileiros.

Esta questão é referida em Nunes (1996), que salienta que o português do Brasil está passando por um processo de perda de clíticos acusativos de terceira pessoa e que este fenômeno tem dado lugar ao crescimento do objeto nulo e ao aparecimento do pronome tônico *ele*. Ressalta, ainda, que o clítico na fala dos brasileiros seja resultado do papel normatizador da escola. Mesmo assim, o clítico não está “sobrevivendo”.

6.1.1.5 Termo interveniente

Consideramos como termos intervenientes entre o verbo e o objeto direto anafórico, os advérbios e as orações adverbiais, na hipótese de que a presença ou ausência desses constituintes pudesse ser relevante na escolha das variantes. Seleccionamos, então, dois fatores para esta variável:

- a) A presença de constituintes intervenientes:

(197)... *Vocês estão vendo aqui a glândula mamária, vêem aqui a glândula...*

- b) A ausência de constituintes intervenientes:

(200) ... *vocês já viram a sua situação. Já viram...*

Tabela 8: O objeto direto de 3ª pessoa de acordo com a presença/ausência de termos intervenientes

Termo interveniente	Categoria Vazia		SN anafórico		Clítico		Pronome Lexical	
	nº oc.	%	nº oc.	%	nº oc.	%	nº oc.	%
Ausência	286/476	60%	158/476	33%	21/476	4,5%	11/476	2,5%
Presença	--	--	10/11	91%	--	--	01/11	09%
TOTAL	286/487	59%	168/487	34,4%	21/487	4,2%	12/487	2,4%

A presença de um termo entre o verbo e o objeto direto anafórico favorece o pronome lexical e os SNs, pois são as variantes de maior força de referência do que a categoria vazia e o clítico, por sua dependência fonológica em relação ao verbo, não permitindo, atualmente, a interpolação de um constituinte, como ocorria no português antigo.

6.1.2 Análise das variáveis lingüísticas em termo de seus pesos relativos

Foi feita uma rodada com cada uma das quatro variantes de nossa variável dependente separadamente, para testar o seu peso relativo em termos estatísticos, como uma variável binária de aplicação ou não dessa variante. Portanto os resultados dos pesos relativos da análise probabilística do pacote VARBRUL serão apresentados separadamente para cada uma das quatro variantes.

6.1.2.1. O clítico

Como fatores condicionadores da escolha do clítico, foram selecionados com valor estatístico pelo VARBRUL apenas duas variáveis sociais, que serão comentadas

mais adiante na seção do encaixamento social da variável em foco. De qualquer forma, o fato de o VARBRUL não selecionar nenhum fator lingüístico como determinante do uso do clítico pode ser interpretado como um sinal a mais de que o clítico já não faz parte da gramática do falante no Brasil, só sendo usado pela ação normatizadora da escola em situações formais.

6.1.2.2 Pronome Lexical

O programa das regras variáveis na análise variacionista do pronome lexical só selecionou como variável com significância estatística a variável traço animacidade, cujos resultados estão na tabela seguinte:

Tabela 09: Uso do PL como ODA segundo o traço semântico animacidade (Nível de Significância: .001)

Traço semântico	nº de ocor./ TOTAL	freqüência	peso relativo
[+animado]	6/54	11%	.87
[-animado]	6/433	01%	.44
TOTAL	12/487	2,4%	

Quando o objeto direto anafórico refere-se a um ser animado, a freqüência de pronome lexical sobe de 2,4% para 11%. Esses resultados em freqüências brutas são confirmados pelos pesos relativos que refletem o cálculo probabilístico que considera o peso simultâneo de todas as variáveis independentes. O peso relativo do traço mais animado é de .87, indicando ser esse um fator favorecedor do uso do pronome lexical como objeto direto anafórico. Confirma-se, também nos pesos relativos, a hipótese clássica de que o traço [+animado] favorece o preenchimento do objeto direto anafórico.

6.1.2.3 Categoria Vazia

Tabela 10: Uso da categoria vazia como objeto direto anafórico de 3ª pessoa segundo o tipo de antecedente (Nível de Significância: .000)

Forma da ocorrência anterior	nº de ocor./ TOTAL	freqüência	peso relativo
categoria vazia	43/50	86%	.79
pronome lexical	14/20	70%	.58
SN	221/395	56%	.46
Sentença	08/21	38%	.30
TOTAL	286/486	59%	

Os pesos relativos e as freqüências absolutas confirmam a hipótese inicial de que o falante tende a repetir as formas escolhidas ao longo do discurso: se na ocorrência anterior o falante usou a categoria vazia para expressar o objeto direto, ele o fará novamente em 86% das ocorrências, o que corresponde a um peso relativo de .79. Esse resultado do peso relativo confirmou o que as percentagens já indicavam, dando a esse resultado confiabilidade estatística.

6.1.3 As variáveis sociais

O estudo das variáveis sociais aqui se apresenta com o intuito de analisar o comportamento do falante a depender da situação de fala, da faixa etária do informante, do gênero do falante e do confronto de cada sincronia a que pertence o informante, entendendo que os fatores externos podem se referir a traços próprios ao falante ou a traços circunstanciais que envolvem ora o falante, ora a situação de fala. Deste modo temos as variáveis propriamente sociais e as estilísticas.

Se os contextos lingüísticos são de grande importância para seleção das variantes, os contextos extralingüísticos mostram-se bastante relevantes para “...

descobrir quais são as normas lingüísticas de uma comunidade...”, conforme Macedo (2003, p. 59).

Vale salientar, com Mollica (2003, p.27), que as variáveis tanto externas quanto internas à língua não agem separadamente, mas num processo de correlação. Cumpre, assim, nesse subitem, apresentar as variáveis sociais, cuja seleção assim se apresenta: o gênero do informante, a faixa etária do falante, o grau de formalidade do discurso e a localização do fenômeno no tempo.

6.1.3.1 O gênero do informante

Nossa hipótese sobre esta variável dependente está especialmente vinculada ao fato de que as mulheres são mais sensíveis a uma norma mais prestigiada, talvez por uma questão de exigência da sociedade para que a mulher esteja inserida num contexto que, de modo geral, até pouco tempo, era dominado pelo homem.. Fisher (1958, apud MOLLICA, 2003), analisando a pronúncia do sufixo –ing, formador de gerúndio, no inglês, chega à conclusão de que a forma de prestígio tende a prevalecer na fala das mulheres.

Acreditamos ainda que as mulheres são mais conservadoras, conforme Trudgil (1979, apud, Monteiro, 2000), que “admite que a diferenciação lingüística obedece ao fato de que as formas femininas costumam ser mais antigas, ou seja as mulheres têm uma linguagem mais conservadora.”

Observemos o que a análise dos nossos dados pode mostrar, conforme a tabela a seguir:

Tabela 11: Relevância do gênero do informante na fala culta de Salvador

Gênero do informante	Categoria Vazia		SN anafórico		Clítico		Pronome Lexical	
	nº oc.	%	nº oc.	%	nº oc.	%	nº oc.	%
H	144/248	58%	85/248	34%	14/248	06%	05/248	02%
M	142/239	59%	83/239	35%	07/239	03%	07/239	03%
TOTAL	386/487	59%	168//487	34,4%	21/487	4,2%	12/487	2,4%

Como se pode conferir na tabela 11, nossa hipótese se confirmou, em parte. No que diz respeito ao uso dos clíticos os homens o fazem em 06% e as mulheres em 03%. Atentemos para o fato de que esta é a forma mais conservadora, porém não, necessariamente, a mais prestigiada. Assim, esta questão pode ser um indício da sensibilidade das mulheres em relação ao prestígio social. Por outro lado, a categoria vazia é uma forma inovadora que não é prescrita nos padrões gramaticais, e os dados revelam 58% de uso para o sexo masculino e 59% para o sexo feminino. Para o pronome lexical, o homem usou um pouco menos (02%), enquanto as mulheres usaram mais (03%). Nesse aspecto nossa hipótese não se confirmou. Quanto ao uso dos SNs anafóricos obtivemos 35% para as mulheres e 34% para os homens. É prudente registrar que temos consciência de que a pouca diferença percentual não mostra com tanta clareza a relevância desta variável, mas o nosso foco é observar a existência, pelo menos em alguns aspectos, de uma tendência à confirmação daquilo que vem sendo mostrado por pesquisas como a de Monteiro (1994, p. 177), cujos dados julgamos pertinente retomar, com a reprodução da Tabela que esse autor apresenta.

Tabela 12: Percentual de atualização do objeto direto anafórico de acordo com o sexo

Sexo \ Objeto direto	Clítico acusativo	Pronome ele	Objeto nulo
M	12	3	85
F	10	3	87
Total	11	3	86

Reprodução da tabela apresentada por Monteiro (1994, p.177)

Atentando para a Tabela de Monteiro, constatamos que, comparada à que apresentamos neste item, há uma coincidência de resultados, no que tange ao uso dos clíticos. Há também uma semelhança quanto ao emprego de pronomes como objeto direto anafórico: tanto nos nossos dados (08% versus 06%), quanto nos de Monteiro (15% versus 13%), os homens fazem mais uso dos pronomes. Quanto à categoria vazia, também se pode observar semelhança entre nossos resultados e os de Monteiro: os homens empregam-na menos que as mulheres.

6.1.3.2 Faixa etária do informante

Por meio da análise da faixa etária do informante é possível observar, em tempo aparente, a fala adquirida aos 15 anos de idade, como informa Naro (2003, pp. 44-45). Deste modo a fala de uma pessoa de 50 anos refletiria a língua de 35 anos atrás. Neste sentido, o que esperamos encontrar são indícios de mudança na fala dos jovens, e aspecto mais conservador na dos mais idosos, o que nos remete a pensar que os indivíduos de faixa etária mais avançada usariam mais os clíticos, enquanto os mais jovens usariam, com frequência superior as formas mais inovadoras, como a categoria vazia, o pronome lexical e os SNs anafóricos, para realização do objeto acusativo de 3ª pessoa. Nossos dados mostraram os resultados apresentados, a seguir, na tabela 13.

Tabela 13: O pronome *versus* a faixa etária do informante

Faixa etária do informante	Categoria Vazia		SN anafórico		Clítico		Pronome Lexical	
	nº oc.	%	nº oc.	%	nº oc.	%	nº oc.	%
I (25-35)	177/183	64%	59/183	32%	05/183	03%	02/183	01%
II (36-55)	91/165	55%	62/165	38%	07/165	04%	05/165	03%
III (a partir de 56)	78/139	56%	47/139	34%	09/139	06	05/139	04%
TOTAL	286/487	59%	168//487	34,4%	21/487	4,2%	12/487	2,4%

A tabela 13 nos permite constatar que o uso do clítico ocorre com maior frequência na fala dos mais idosos, com 06% do total de dados da presente pesquisa, apresentando um decréscimo do uso à medida que a faixa etária vai diminuindo: de 36 a 55 anos (04%), de 25 a 35 anos (03%). O que não podemos deixar de frisar é que mesmo na faixa etária III (a partir de 56 anos), a frequência de clítico é baixíssima. O uso do pronome lexical segue o mesmo percurso, o que, por um lado, não confirma a nossa hipótese, se apontarmos o pronome lexical como característica inovadora, mas, por outro lado, sustenta nosso pensamento inicial de que os usos dos SNs anafóricos e da categoria vazia funcionam como uma tentativa de desvio do uso dos clíticos e da pronome lexical. Tanto é assim que, fazendo uma comparação dos extremos, constatamos que, na faixa etária III 56% são de ocorrência da categoria vazia e na faixa etária I 64%. Quanto aos SNs anafóricos, há um uso equilibrado entre as faixas etárias, não estando de acordo com a nossa hipótese apenas no que se trata da ordem de crescimento desta variável.

6.1.3.3 O Grau de formalidade do discurso

O estudo desta variável nos permite observar o nível de atuação das variantes de acordo com a influência do registro, e acreditamos, como já é clássico, que os registros

mais formais tendem a apresentar um maior número de clíticos e um menor número de uso da categoria vazia.

Tabela 14: Relevância do registro

Grau de formalidade do discurso	Categoria Vazia		SN anafórico		Clítico		Pronome Lexical	
	nº oc.	%	nº oc.	%	nº oc.	%	nº oc.	%
Menos Formal (DID)	178/264	67%	75/264	28%	04/264	02%	07/264	03%
Mais Formal (EF)	108/223	48%	93/223	42%	17/223	08%	05/223	02%
TOTAL	286/487	59%	168//487	34,4%	21/487	4,2%	12/487	2,4%

Consultando a Tabela 14, é possível perceber que tivemos nossa hipótese confirmada, principalmente no que diz respeito ao uso dos clíticos que aparecem com 08% nos registros mais formais e 02% nos menos formais. O uso do pronome lexical pleno também mostra que nas elocuições formais obtivemos 02% e nos DIDs 03%, um uso mais restrito, que nos induz a pensar numa preferência por outra(s) variante(s), confirmando assim, para essa análise, a relevância da variável dependente grau de formalidade do discurso. Podemos constatar, ainda, com base na Tabela 14, certa preferência pelos SNs anafóricos, quando o registro é mais formal, constituindo 42% das ocorrências, enquanto no registro menos formal temos 28%. E só para não deixar de comentar, pois os resultados estão ‘convindicativos’, a liderança da categoria vazia, como vem ocorrendo ao longo da análise, mostra-se com um percentual de elevação para os registros menos formais, 67%.

Nossos resultados assemelham-se aos de Monteiro (1994, p. 175), cuja apresentação é pertinente fazer. Monteiro obteve, em sua análise, no que se refere aos clíticos, 29% no registro formal e 08% no informal; para o objeto nulo, respectivamente, 70% e 89%; e para o pronome *ele*, 01% e 03%. Como já foi mencionado neste trabalho,

Monteiro trabalhou apenas com os pronomes, por esta razão, não há registro de SNs anafóricos.

6.1.3.4 A localização do fenômeno em variação no tempo

Para esta variável dependente, acreditamos encontrar um crescimento do uso da categoria vazia e dos SNs anafóricos proporcional ao desaparecimento do clítico, numa comparação entre duas sincronias. O uso do pronome lexical, embora figure também como uma opção de objeto direto anafórico, parece também ser evitado num *corpus* de fala culta.

Constatemos os resultados na tabela 15.

Tabela 15: A relevância da localização do fenômeno em variação no tempo

Localização do fenômeno	Categoria Vazia		SN anafórico		Clítico		Pronome Lexical	
	nº oc.	%	nº oc.	%	nº oc.	%	nº oc.	%
Década de 70	124/230	54%	87/230	38%	14/230	06%	05/230	02%
Década de 90/2000	162/257	63%	81/257	32%	07/257	03%	07/257	03%
TOTAL	286/487	59%	168//487	34,4%	21/487	4,2%	12/487	2,4%

Observando a Tabela, acima, uma primeira conclusão que se pode ter é a de que, realmente, o uso da categoria vazia vem crescendo (54% para 63%) em detrimento do uso dos clíticos (06% 03%). O pronome lexical apresentou um aumento de 02% para 03%, embora com um percentual baixo, mas somado aos outros resultados da Tabela 15, este aspecto coaduna-se com a visão de Duarte (1989, p. 19), ao postular que:

[...] o português falado no Brasil, tende, com freqüência cada vez maior, a substituir o clítico acusativo de 3ª pessoa por um pronome lexical (forma nominativa do pronome em função acusativa), por SNs anafóricos (forma plena do SN conferente com outro SN previamente mencionado) ou por uma categoria vazia (objeto nulo).

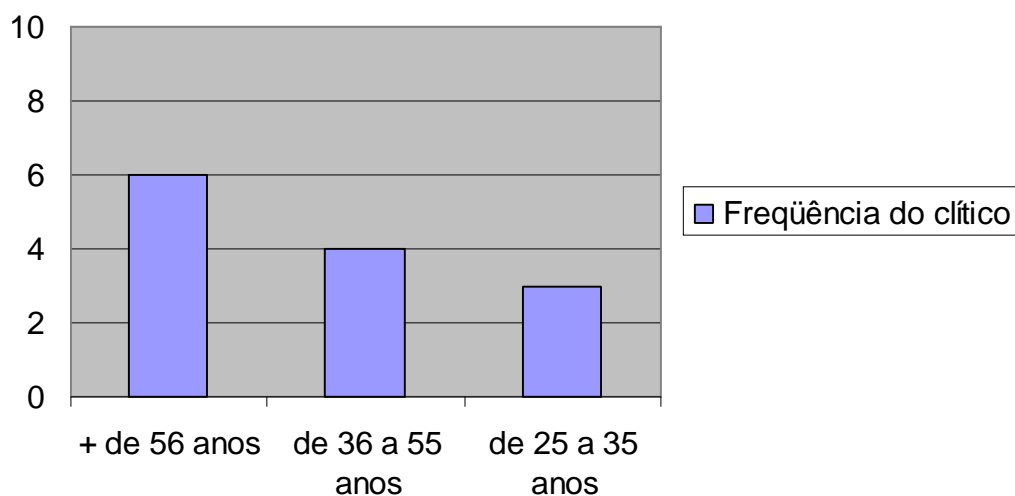
Quanto aos SNs anafóricos, encontramos, para a década de 70, 38% e para as décadas da segunda sincronia (90 e 2000), 32%. Estes resultados podem ser interpretados como uma preferência, numa época anterior, pelo uso dos SNs anafóricos em detrimento da categoria *fazia*; e o caminho inverso também se faz numa época mais recente.

6.2 O DESAPARECIMENTO DO CLÍTICO E A EMERGÊNCIA DA CATEGORIA VAZIA

Neste item, cumpre apresentar uma análise dos Gráficos que se seguem, a fim de que se possa ter uma visão mais ampliada dos aspectos discutidos nas Tabelas, aqui apresentadas, no que se refere às possibilidades de uso do objeto direto anafórico de 3ª pessoa.

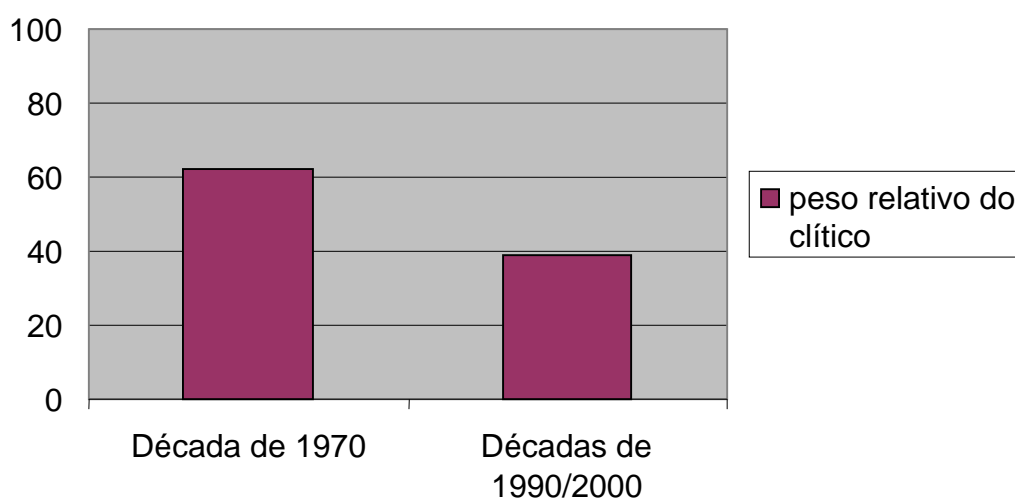
6.2.1 Considerações sobre o clítico

O uso do clítico acusativo de terceira pessoa, como possibilidade de escolha para o preenchimento do objeto direto anafórico, tem se tornado cada vez mais escasso, e alguns fatores mostram-se pertinentes, na análise deste fenômeno. Assim, visualizemos o gráfico 1:

Gráfico 1: Frequência de realização do clítico por faixa etária

No Gráfico 1, pode-se constatar a queda no uso do clítico acusativo de terceira pessoa na fala culta de Salvador, à proporção que diminui a faixa etária do falante. Assim, é possível antever um processo de mudança em curso, observando-se a linha descendente, que vai da faixa etária III (06%) à faixa etária I (03%), exibindo a menor ocorrência dessa variante entre os mais jovens.

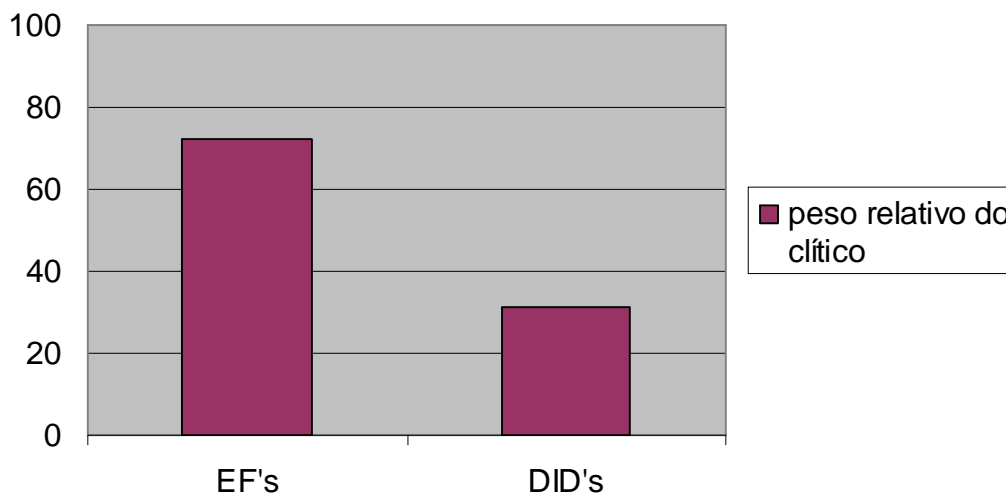
Atentemos para o Gráfico 2, com base na frequência dos pesos relativos, a fim de analisar um outro fator contribuinte para observação do desaparecimento do clítico:

Gráfico 2: Peso relativo da realização do clítico pela sincronia – tempo real de curta duração (nível de significância: .040)

Depois de visualizar o Gráfico 2, o resultado da análise fica claro: confirma-se a tendência à redução no uso do clítico, na fala culta de Salvador, quando se comparam as duas sincronias.

O Gráfico 3 revela a atitude do falante a depender da situação do discurso, observando-se a menor ocorrência de clíticos nos DID's, ou seja, na fala com menor grau de formalidade.

Gráfico 3: Peso relativo da realização do clítico segundo o grau de formalidade da situação de fala (nível de significância: .040)

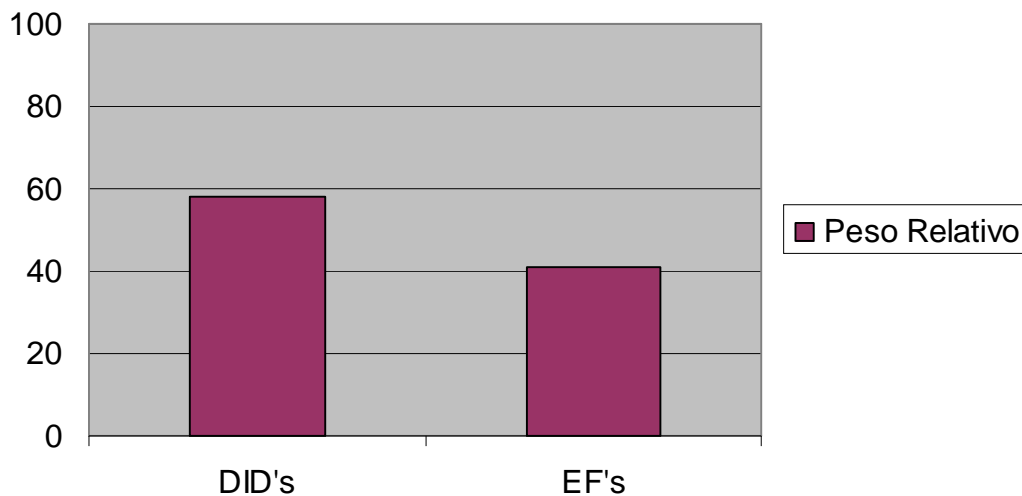


Como se pode ver no Gráfico 3, o clítico, nas poucas vezes em que ocorreu, está relacionado ao grau de formalidade do discurso (.73 para o mais formal e .31 para o menos formal), o que atesta a relevância desta variável, mostrando que é o discurso mais formal que assegura, ainda, a presença desta variante.

6.2.2 Considerações sobre a categoria vazia

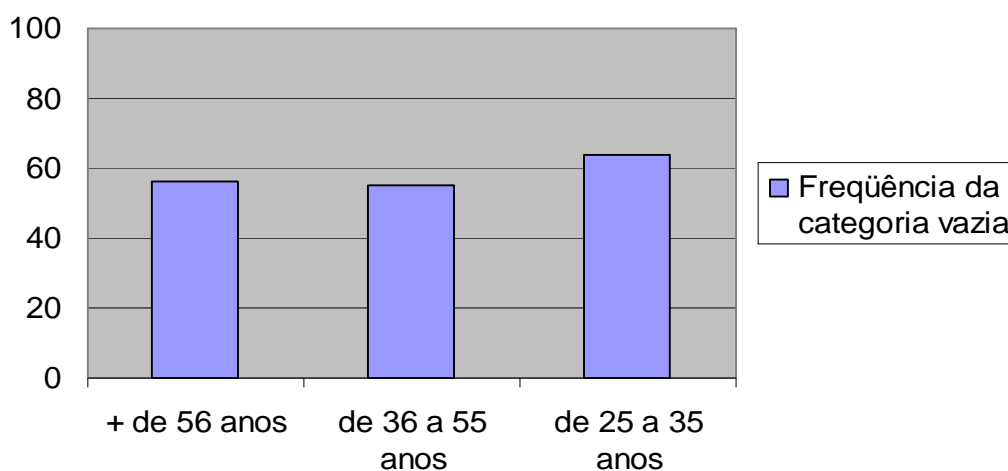
No Gráfico 4 pode-se constatar o uso da categoria vazia de acordo com o nível de formalidade do discurso:

Gráfico 4: Peso relativo da ocorrência da categoria vazia segundo o grau de formalidade do discurso (nível de significância: .000)



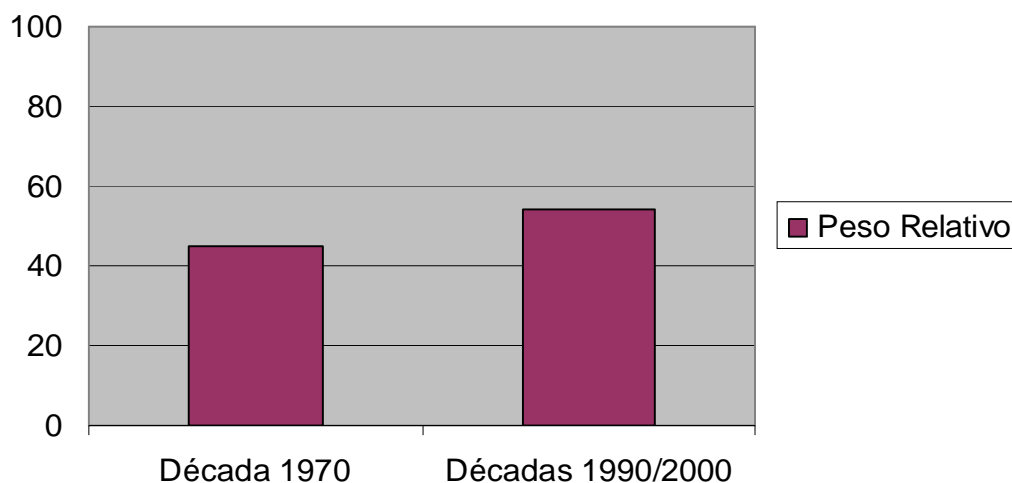
A observação do Gráfico 4 nos revela que os falantes estão evitando a categoria vazia no discurso mais formal. Pode-se pensar num esforço de clareza, pois se trata de aulas e conferências, sendo assim, seria de mais difícil decodificação para os ouvintes. Atente-se, ainda, conforme o Gráfico 3, para a ascensão do uso do clítico que, embora não seja a opção predominante do falante, confirma-se a sua prevalência, nesse nível do discurso. Saliente-se que a preferência do falante, quando não usa a categoria vazia, são os SNs anafóricos, como se pode confirmar na Tabela 14.

A análise do Gráfico 5 faz-se necessária, aqui, a fim de que se possa estabelecer uma comparação com o gráfico 1, no tocante à distribuição dos clíticos.

Gráfico 5: Frequência do uso da categoria vazia por faixa etária

O exame do Gráfico 5 nos permite inferir que a linha ascendente, com os mais jovens usando mais a categoria vazia, confirma o diagnóstico de que esta variante está se implementando na gramática dos falantes cultos de Salvador, chamando a atenção para o fato de que o clítico faz o caminho contrário.

No Gráfico 6, podemos observar a distribuição da categoria vazia nas duas sincronias estabelecidas, nesta pesquisa, em termos de seus pesos relativos, salientando que embora o nível de significância tenha ficado um pouco acima do ideal (.050), há alguns aspectos relevantes a serem observados:

Gráfico 6: Peso relativo da categoria vazia por sincronia (nível de significância: .065)

A categoria vazia está se implementando na comunidade de fala. Atente-se para a ascensão desta variante, quando confrontadas as duas sincronias: .45 contra .54, respectivamente, para a década de 70 e as de 90/2000. É pertinente, ainda, estabelecer uma comparação com o caminho inverso trilhado pelo clítico (Gráfico 2).

6.2.3 O pronome lexical e os SNs anafóricos

Vale ressaltar, com base na tabela 13 (6.1.3.3) , que tanto no registro mais formal , quanto no semi-formal (pois as entrevistas não são feitas em clima de total informalidade, nos termos da metodologia sociolinguística), o pronome lexical está praticamente ausente dos padrões de uso da língua entre os falantes cultos de Salvador. Com apenas 2,4% de frequência de uso, essa variante quase não exhibe encaixamento estrutural. No plano social, não se observou nenhuma distribuição significativa, seja quanto ao sexo, idade, nível de informalidade ou mesmo no cotejo das duas sincronias.

Quanto ao uso dos SNs anafóricos, obtivemos usos bastante significativos, no entanto, para uma síntese da análise de dados, aqui apresentada, procuramos nos concentrar no processo de queda do clítico e de ascensão da categoria vazia.

6.3 EM SÍNTESE

Com a análise dos dados, tivemos uma visão geral do que ocorre com a variável dependente *Objeto direto anafórico de 3ª pessoa na fala culta de Salvador*, sabendo-se, porém que, como todo pesquisador, padecemos de alguns limites, no nosso caso ressaltamos a escassez do número de ocorrências. Mas não é um empecilho para observarmos a variação no uso da categoria vazia, dos SNs anafóricos, do pronome

lexical pleno e do clítico acusativo, e antevermos possíveis indícios de mudança. Algumas questões não se podem negar: os clíticos estão cada vez mais em desuso no português do Brasil; o pronome lexical é pouco utilizado no discurso formal, sendo assim, os SNs anafóricos e a categoria vazia surgem como recursos para o objeto direto anafórico. Este procedimento nos permite inferir que os falantes estão evitando o pronome lexical pleno, monitorados pela avaliação social negativa, e esquivando-se do uso dos clíticos, por não ser esta uma variante espontânea, no português brasileiro, para não serem avaliados como ‘pedantes’.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão que envolve a percepção da falta de espontaneidade no uso dos clíticos, no português do Brasil, parece ser um consenso entre muitos lingüistas, como se pode comprovar a partir da observação a trabalhos de Duarte (1989), Oliveira (1989), Monteiro (1994), Nunes (1996), só para citar alguns dos autores que se têm ocupado da matéria, e ilustrar com o seguinte trecho, que integra o *corpus* desta pesquisa:

Isso acabaria com os atentados de rua... ... isso trairia ... trairia... trairia uma paz... ... Traria... traria. Então... eh... eh... o trará, né gente, que eu acho que trará. (Inquérito 023/N; Elocução Formal; H2; décadas 90/2000; linhas-425- 432).

É possível perceber, na leitura do trecho citado, que o informante demonstra pouca ou nenhuma espontaneidade, no uso do clítico. Podemos verificar esta questão se voltarmos nossa atenção para o fato de que o falante retoma o objeto direto no gênero masculino, quando o deveria fazer no feminino “... o trará”, referindo-se à paz. Este procedimento revela o esforço que se faz para atender às exigências da avaliação social, uma vez que se trata de uma situação bastante formal — uma aula. Assim, fica claro que não estamos diante de uma variante de uso espontâneo, no português brasileiro.

Um outro aspecto pode ser analisado, nesse mesmo trecho: a categoria vazia surge como “tábua de salvação” para aqueles que não querem ser avaliados negativamente. Após o uso do clítico, retomado com certa insegurança (a forma nos permite fazer essa análise), o falante, rapidamente, adere à categoria vazia, visto que esta variante parece possuir um caráter mais neutro, sendo pouco provável que alguém sofra estigma social por não preencher o objeto anafórico.

Esta possibilidade de uso para o objeto direto anafórico tem crescido, consideravelmente: 54% para a primeira sincronia — década de 70 —, e 63%, para a

segunda — décadas 90/2000, atingindo, no resultado geral dos dados obtidos, um índice de 59%. O mesmo já não se pode dizer do pronome lexical pleno — o ele e seus alomorfes.

O uso do pronome lexical pleno, ao longo de nossa análise, não se mostrou relevante, tendo apenas 2,4% do total de ocorrências, o que pode confirmar, já que na pesquisa lingüística a não-ocorrência também é importante, a rejeição do falante culto ao uso de uma forma lingüística tão criticada pelo padrão gramatical.

Os SNs anafóricos, apresentando um percentual de 34,4% do total de dados levantados, parecem ser a única possibilidade concorrente com a categoria vazia.

Ressaltemos que as quatro possibilidades de uso apresentadas coexistem na comunidade de fala brasileira, assim, não há justificativa para o tratamento privilegiado que as gramáticas normativas dão ao clítico acusativo. Podemos, sem dúvidas, ensinar essa variante, o que não se admite é ignorar o uso das outras possibilidades. A escola deve estar voltada para um ensino que contemple a variação lingüística inerente ao sistema lingüístico, levando em conta todas as formas de uso.

Dessa forma, a presente análise, nos ofereceu a oportunidade de refletir um pouco mais sobre as possibilidades de uso do objeto direto anafórico de 3ª pessoa, inferindo-se, assim, a implementação da categoria vazia e o caminho do desaparecimento trilhado pelo clítico, na comunidade lingüística brasileira, permitindo, com base nos dados que constituem o *corpus* analisado, concluir-se que:

- (a) a categoria vazia, com um índice de 59% do total de ocorrências, ocupou a liderança;
- (b) o uso dos SNs anafóricos aparece em segundo lugar, atingindo o índice de 34,4%;
- (c) o uso do clítico acusativo alcançou, apenas, 4,2% do total de ocorrências;

(d) e, por fim, vem o uso do pronome lexical pleno, com um percentual de 2,4%.

Atentando para a ordem de ocorrência, apresentada com base nos resultados deste trabalho, pode-se constatar a prevalência da categoria vazia e dos SNs anafóricos, enquanto se observa o desuso do clítico e a supressão do pronome lexical pleno.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de (1998). *Gramática da língua portuguesa*. 41 ed. São Paulo: Saraiva.
- ANDRADE, Mário de (1976). *Poesias completas*. São Paulo. Círculo do Livro.
- ANDRADE, Oswald de (1971). *Poesias reunidas*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- BAGNO, Marcos (2001). *Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola.
- BAGNO, Marcos (2003). *A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola Editorial.
- BECHARA, Evanildo (2001). *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna.
- BONVINI, Emílio ; PETTER, Margarida M. T. (1998). *Portugais du Bresil et langues africaines*. In: *Langages* (L'hyperlangue brésilienne). Paris, 130: 68-83. Tradução de Guilhermina Mendes de Carvalho.
- BRIGHT, William (1974 [1966]). As dimensões da sociolinguística. In.: FONSECA, Maria Stella V.; NEVES, Moema F. (orgs). *Sociolinguística*. Tradução da Livraria Eldorado Tijuca Ltda. Rio de Janeiro: Eldorado.
- BRITO, Luiz Percival Leme (2002). Língua e ideologia: a reprodução do preconceito. In. BAGNO, Marcos. *Linguística da norma*. São Paulo: Edições Loyola.
- CALLOU, Dinah (1999). O Projeto NURC no Brasil: da década de 70 à década de 90. *Linguística*, São Paulo, 11: 231-250.
- CALLOU, Dinah (org) (1991). *A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro : materiais para estudo*. vol. I. Elocuções Formais. Rio de Janeiro: Pós-Graduação, Faculdade de Letras: UFRJ/ FUJB.
- CALLOU, Dinah.; LOPES, Célia (orgs). (1994). *A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro: materiais para estudo*. vol.III. Diálogo entre dois informantes. Rio de Janeiro: Pós-Graduação, Faculdade de Letras; UFRJ.
- CALLOU, Dinah; LOPES, Célia (orgs). (1993). *A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro : materiais para estudo*. vol.II. Diálogo entre Informante e Documentador. Rio de Janeiro: Pós-Graduação, Faculdade de Letras: UFRJ/CAPES.
- CALVET, Louis-Jean (2002). *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola.

CARDOSO, Suzana; MOTA, Jacyra (2003). Um passo da geolinguística brasileira: O Projeto ALiB. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (orgs.). *Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras.

CARDOSO, Suzana A. M. (org.) (1996). *Diversidade Lingüística e ensino*. Salvador: EDUFBA.

CASTILHO, A. (org) (1987). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. vol.II. Diálogo entre dois informantes. São Paulo: T. A. Queiroz/FAPESP.

CASTILHO, Ataliba; PRETI, Dino (orgs) (1986). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. vol. I. Elocuções Formais. São Paulo: T. A. Queiroz/FAPESP.

CEGALLA, Domingos Paschoal (1997). *Novíssima gramática de língua portuguesa*. 40 ed. São Paulo: Editora Nacional.

CHAMBERS, J. R; TRUDGIL, Peter (1994). *Dialectologia*. Tradução de Carmem Morán Gonzáles. Madrid: Visor Livros.

CONSELHO MUNICIPAL DE CULTURA (1970). *Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta de Algumas das Principais Capitais do Brasil*. São Paulo: Editora gráfica Cairu. 76 p.

CORRÊA, Vilma Reche (1991). *Objeto direto nulo no português do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Campinas:UNICAMP.

COSERIU, Eugênio (1980). *Lições de Lingüística Geral*. Tradução do Prof. Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.

CUNHA, C; CINTRA, L. F. (2001). *Nova gramática do português contemporâneo*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

CYRINO, Sonia M. L. (1997). *O objeto nulo no português do Brasil: uma estudo sintático-diacrônico*. Londrina: editora UEL.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (1989). Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In.: TARALLO, Fernando. (org.). *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas: Pontes.

DUBOIS, J. et al. (2004 [1973]) *Dicionário de lingüística*. Tradução de Frederico Pessoa de Barros et al. 9 ed. São Paulo: Cultrix.

FERNÁNDEZ, Francisco Moreno (1998). *Principios de sociolingüística y sociología del language*. Barcelona: Editorial Ariel S.A.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana A. M. (1994). *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto.

FERREIRA, Manuela Barros et al. (1996). Variação lingüística: perspectiva dialectológica. In. FARIA, Isabel Hub et al. (orgs). *Introdução à lingüística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho.

GALVES, Charlotte (2001). O objeto nulo e a estrutura da sentença em português brasileiro. In. GALVES, Charlotte. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. São Paulo: Editora da Unicamp.

GARMADI, Juliete (1983). *Introdução à sociolingüística*. Lisboa: Publicações Don Quixote.

HILGERT, José Gasto (1997). *A linguagem falada culta de Porto Alegre: material para o seu estudo*. vol. I. Diálogo entre informante e documentador. Passo Fundo: Ediupf; Porto Alegre; Ed. Universidade/ UFRGS. Série Ciência das Letras.

HORA, Dermeval da; PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro (orgs) (2001). *Projeto variação lingüística no Estado da Paraíba (VALPB)*. João Pessoa: Idéia.

LABOV, William (1972). *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

LABOV, William (1974 [1964]). Estágios na aquisição do inglês *standard*. In.: FONSECA, Maria Stella V.; NEVES, Moema F. (orgs). *Sociolingüística*. Tradução da Livraria Eldorado Tijuca Ltda. Rio de Janeiro: Eldorado.

LABOV, William (1983). *Modelos sociolingüísticos*. Trad. de José Miguel Marilonas Herreras. Madrid: Catedra.

LOBO, Tânia (1994). Variantes nacionais do português: sobre a questão da definição do português do Brasil. *Revista Internacional de língua portuguesa*. 12: 9-16.

LUCHESE, Dante; LOBO, Tânia (1988). Gramática e ideologia. *Sitientibus*. Feira de Santana, 8, p. 73-81.

LUCCHESI, Dante (1996). Variação mudança e norma: a questão brasileira. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. (org.). *Diversidade lingüística e ensino*. Salvador: EDUFBA.

LUCCHESI, Dante (1998). A constituição histórica do português brasileiro como um processo bipolarizador: tendências atuais de mudança nas normas culta e popular. In: GROBE, S. & ZIMMERMANN, K. (eds). "*Substandard*" e mudança no português do Brasil. Frankfurt am Main: TFM, p. 1-26.

LUCCHESI, Dante (2003). O conceito de *transmissão lingüística irregular* e o processo de formação do português do Brasil. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (orgs). *Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras.

LUCHESE, Dante (1998). *Sistema, mudança e linguagem*. Lisboa: Colibri.

MACEDO, Alzira Verthein (2003). Linguagem e contexto. In: MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2001). De fontes sócio-históricas para a história social linguística do Brasil: em busca de indícios. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Para a história do português brasileiro*. vol. II, Tomo II . Primeiros estudos. São Paulo: Humanitas/ FAPESP.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2002). Para a história do português culto e popular brasileiro: sugestões para uma pauta de pesquisa. In: ALKIMIM, Tânia Maria (org.). *Para a história do português brasileiro*. vol.III. Novos estudos. São Paulo: Humanitas.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2004). A generalizada difusão da língua portuguesa no território brasileiro. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola.

MATTOSO CÂMARA Jr., J. (1972). *Dispensos de J. Mattoso Câmara Jr.* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (2003) (orgs). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto.

MONTEIRO, José Lemos (2000). *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes.

MONTEIRO, José Lemos (1994). *Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil*. Fortaleza: Edições UFC.

MOTA, Jacyra; ROLEMBERG, Vera (2006). *A linguagem falada culta na cidade do Salvador: materiais para seu estudo*. vol. II Elocuções formais. Salvador: Instituto de Letras da UFBA.

MOTA, Jacyra; ROLLEMBERG, Vera (orgs) (1994). *A linguagem falada culta na cidade do Salvador: materiais para seu estudo*. vol. I. Diálogos entre informante e documentador. Salvador: Instituto de letras da UFBA.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Marta (2003a). O conceito de *transmissão linguística irregular* e as origens estruturais do português brasileiro: um tema em debate. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. (orgs.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Marta (2003b). Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In.: MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (orgs). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto.

NUNES, Jairo (1996). Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro. In: KATO, Mary; ROBERTS, Ian. *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp.

OLIVEIRA, Derci Pedro (1989). O preenchimento, a supressão e a ordem do sujeito e do objeto em sentenças do português do Brasil: um estudo quantitativo. In: TARALLO, Fernando (org.). *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas: Pontes.

PAIVA, Maria da Conceição de; SCHERRE, Marta (1999). Retrospectiva Sociolingüística: Contribuições do PEUL. *Lingüística*, São Paulo, 11: 203-230.

PERINI, M.A. (1983). *Para uma nova gramática do português*. São Paulo: Ática.

PENNA, Maria Heloísa Moreira (2002). O emprego do ele-acusativo: do português ao latim. In: Cohen Maria Antonieta A. M.; RAMOS, Jânia M. (orgs). *Dialeto mineiro e outras falas: estudo de variação e mudança lingüística*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/ UFMG.

POSSENTI, Sírío (2006). *Por que (não) ensinar gramática na escola*. 15 ed. Campinas: Associação de Leituras do Brasil.

PRETI, Dino; URBANO, Hudinilson (orgs.) (1988). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. vol. III. Diálogo entre informante e documentador. São Paulo: T. A. Queiroz/ FAPESP.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da (1999). *Gramática normativa da língua portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

RODRIGUES, Aryion Dall'Igna (1996). As Línguas gerais sul-americanas. *Papia-Revista de crioulos de base Ibérica*. 4.2.6-18.

SÁ, Maria da Piedade M. de. et al (orgs). (2005). *A linguagem falada culta na cidade de Recife*. vol. II. Elocuções formais. Recife: Universidade Federal de Pernambuco/ Programa de Pós-graduação em Letras.

SÁ, Maria da Piedade M. et al (orgs) (1996). *A linguagem falada culta na cidade de Recife*. vol. I. Diálogos entre informante e documentador. Recife: Editora Universitária da UFPE.

SAUSSURE, Ferdinand de. (2006 [1916]). *Curso de lingüística geral*. Tradução de Antônio Cheline, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27 ed. São Paulo: Cultrix.

SILVA NETO, Serafim da. (1975 [1950]). *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 5 ed. Rio de Janeiro: Presença.

SILVA, Machline de Oliveira e; SCHERRE, Maria Marta Pereira (orgs) (1996). *Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/ Departamento de Lingüística e Filologia, UFRJ.

SILVA-CORVALAN, Carmem (1998). *Sociolingüística: teoria e análise*. Madrid: Alhambra.

- TARALLO, Fernando (1985). *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática.
- TARRALLO, Fernando (1993). Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In: Kato, Mary; ROBERTS, Ian (orgs). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2 ed. Campinas: Unicamp.
- TRASK, R. L. (2004). *Dicionário de linguagem e lingüística*. Tradução e adaptação de Rodolfo Illari. São Paulo: Contexto.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos (2002). *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez.
- TRUDGILL, Peter (1974). *Sociolinguistics: na introducion*. Great Britain: Peguin Books.
- VANDRESEN, Paulino (org.) (2002). *Variação e mudança no português falado na região sul*. Pelotas: Educat.
- VIEIRA, M. C. de. (2004). *O objeto direto anafórico no dialeto rural afro-brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA.
- VITRAL, Lorenzo (2001). Língua geral versus língua portuguesa: a influência do processo “civilizatório”. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Para a história do português brasileiro*. vol.II. Tomo II. Primeiros estudos. São Paulo: Humanitas/FAPESP.
- WEEDWOOD, Bárbara (2002). *História concisa da Lingüística*. 4 ed. São Paulo: Parábola Editorial.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. (2006 [1968]). *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Tradução de Marcos Bagno; revisão técnica de Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola .

ANEXO A

ANEXO A - LEVANTAMENTO DE OCORRÊNCIAS

O *corpus* utilizado nesta pesquisa constitui-se de 24 inquéritos do Projeto NURC- Salvador. A amostra básica selecionada compõe-se de 12 inquéritos do tipo DID (diálogo entre informante e documentador) e 12 inquéritos do tipo EF (elocuições formais), sendo seis de cada tipo para as épocas consideradas — década de 70 e décadas 90/2000. Desse modo, trabalhamos com os inquéritos, assim distribuídos: DIDs (094, 100, 159, 173, 231 e 277) e EFs (020, 023, 026, 046, 049 e 052) da década de 70; e DIDs (007/N, 012/R, 013/R, 018/N, 019/N e 173/R) e EFs (021/N, 022/N, 023/N, 024/N, 025/N e 026/N) das décadas de 90/2000.

O levantamento de ocorrências, aqui apresentado, oferece a oportunidade de observação das possibilidades de uso para a variável dependente *objeto direto anafórico de 3ª pessoa*, listadas e submetidas aos seguintes critérios:

- destaque em negrito para o objeto preenchido;
- e o uso do asterisco para o vazio lexical.

1... Eu sempre pensei (superp) em comprar a casa pronta, mas, em caso de precisar fazer... * (ls – 16, 17; Inq. – 173; M, I, 70, DID);

2... Bem, essa... esse tipo de casa, normalmente ela tem aquelas varandinhas em frente... eu não sei se eu vou saber caracterizar bem... * (ls- 120, 121, 122; Inq.- 173; M, I, 70; DID);

3... Por outro lado, uma casa moderna como é, como a gente faz para descrever? ... Como é que a gente pode descrever **uma casa moderna**... (ls- 134, 135, 136, 137; Inq.- 173; M, I, 70, DID);

4... Com é que a gente pode descrever uma casa moderna... Isso aí vai depender muito do... da pessoa que **faz a casa**... (ls- 136, 137, 138; Inq.- 173; M, I, 70, DID);

5... já tive oportunidade de ver os vidros, as telhinhas de vidro. **Isso** eu realmente **vi**. (ls- 190, 191, 192; Inq.- 173; M, I, 70, DID);

6... seria uma casa que deveria ter jardim... eu acho * uma coisa, assim importante... (ls- 276, 277; Inq.- 173; M, I, 70, DID);

7... E tem *playground*, tem áreas, assim... ...Não, não * tem. (ls- 327, 328; Inq.- 173, M, I, 70, DID);

8... até pra você colocar co... carro... colocar * lá dentro da garagem, entendeu? (340, 343; Inq.- 173; M, I, 70, DID);

- 9... toda fechadura tem um segredinho, que se a gente não quiser **mudar a fechadura toda...** (ls- 435, 436, 437; Inq.- 173; M, I, 70, DID);
- 10...porque se a gente tem uma sala, só **pode ter uma sala...** (ls- 480, 481; Inq. 173; M, I, 70, DID);
- 11...Bem, a sala de minha mãe, por exemplo, tinha uma cristaleira. **Isso não podia deixar de ter.** (ls- 511, 512; Inq.- 173; M, I, 70, DID);
- 12... Como era esse lugar, você lembra, poderia descrever? ... De **descrever ele?** (ls- 544, 545, 546, 547; Inq. 173; M, I, 70, DID);
- 13... radiola, normalmente a gente encontra, e televisor. Você... Se fosse na minha casa, por exemplo, você **encontraria televisor e radiola...** (558,559, 569, 561; Inq.- 173; M, I, 70, DID);
- 14... Você usa (superp) o querosene, né? ... Nos antigos você usaria **o querosene.** (ls- 641, 643; Inq. – 173; M, I, 70, DID);
- 15...você nunca vai ge... fritar ovos numa panela onde você cozinha o feijão, nem **cozinha feijo...** (ls-681, 682, 683; Inq- 173; M, I,70, DID);
- 16...nem cozinhar feijo... (rindo) **você cozinha feijão** numa... (ls- 682, 683; Inq.- 173, M, I, 70, DID);
- 17... dizem os entendidos, que a... acomoda melhor o corpo, porque **deixa o corpo** numa... (ls- 775,776,777; Inq.- 173; M, I, 70, DID);
- 18... não sou adepta de colchas sofisticadas e bordadas e... eu prefiro * pintadas... (ls- 791, 792, 793; Inq.- 173; M, I, 70, DID);
- 19... vai ser difícil falar de viagem de trem, porque acho que a última vez que **eu fiz viagem de trem...** (ls-7, 8, 9; Inq. – 277; H, I, DID);
- 20... se ia de trem pra... pra visitar meu tio que morava lá, era engenheiro lá da Usina; e me lembro muito pouco, a não ser de que **pegava o trem** aí na Calçada... (ls- 11, 12, 13, 14; Inq.- 277; H, I, 70, DID);
- 21... eram trens que passavam dentro da usina e... carregados ou de minério ou de... _ como a gente chama * normalmente _ de pau -de -arara... (ls- 40, 41, 42; Inq.- 277; H, I, 70, DID);
- 22... tinha o maquinista que ficava lá na frente, ninguém via *... (ls- 57,58; Inq. 277; H, I, 70, DID);
- 23... Como você conduz sua bagagem em uma viagem? ... Como eu **conduzo a bagagem?** (ls- 75, 76, 78; Inq.- 277; H, I, 70, DID);
- 24... Como você conduz sua bagagem? ... eu procuro eu mesmo **carregar minha bagagem...** (ls- 75,76, 86, 87; Inq.- 277; H, I, 70, DID);
- 25... eu procuro eu mesmo carregar minha bagagem... Normalmente eu carrego * sempre na ida... 9ls- 86,87, 88; Inq.- 277; H, I, 70, DID);
- 26... Bom, o carro é (superp) amarelo, é um Chevrolet. Por sinal, está novo, (rindo) troquei * a semana passada. (ls- 108, 109; Inq.- 277; H, I, 70, DID);
- 27... Mas esse tipo de pneu eu não gosto de usar, porque eu viajo muito e no interior não tem... não tem quem * conserte... (ls- 189, 190,191; Inq.- 277;ç H, I, 70, DID);
- 28...Então, prefiro não usar o pneu sem câmara, prefiro usar * sempre com câmara... (ls- 193, 194; Inq.- 277; H, I, 70, DID);
- 29... Como é pra conduzir a bagagem? ...pra conduzir **a bagagem** ele é bom... (ls- 196, 198; Inq.- 277; H, I, 70, DID);
- 30...já tivemos aqui ônibus não movido a gasolina... Já * tivemos. (ls- 274, 275, 276; Inq.- 277; H, I, 70, DID);
- 31... outra coisa que eu me lembro do bonde, e que hoje a gente pode raciocinar claramente e enxergar *... (ls- 330, 331, 332; Inq.- 277; H, I, 70, DID);

- 32... seriam os ônibus elétricos, que a Bahia já teve, e que, não sei por que deixou de ter * . (ls- 341, 342; Inq.- 277; H, I, 70, DID);
- 33... Bom, meu carro, quando os problemas são pequenos, eu mesmo * resolvo... (ls- 457, 458; Inq.- 277; H, I, 70, DID);
- 34... Bom, meu carro, quando os problemas são pequenos, eu mesmo resolvo... ... quando eu não tenho condições de fazer, eu levo * a... a um mecânico... (ls- 457, 458, 461, 462; Inq.- 277; H, I, 70, DID);
- 35...quando ele me disser “Eu fiz o serviço.”, fez mesmo... (ls- 4666, 467; Inq.- 277; H, I, 70, DID);
- 36... É um meio de transporte que, pra uma cidade plana, é muito válido, inclusive, eu usei * muito em Cruz das Almas... (ls- 477, 478, 479; Inq.- 277; H, I, 70, DID);
- 37... eu não entendo desses testes, mas eu achei * relativamente fácil... (ls- 522, 523; Inq.- 277; H, I, 70, DID);
- 38...pegar a bagagem e ir ao balcão da companhia que a gente está viajando, **entregar a bagagem...** (ls- 683, 684,685; Inq.- 277; H, I, 70, DID);
- 39... é se separar essas escunas e **fazer escuna** pra passageiros... (ls- 732, 733; Inq.- 277; H, I, 70, DID);
- 40... eles dividem os passageiro... ... Dividem *. (ls- 765, 767; Inq.- 277; H, I, 70, DID);
- 41...eu teria que me... vamos dizer assim, começar comprando a passagem. Provavelmente eu compraria * por uma agência... (ls- 788, 789, 790; Inq.- 277; H, I, 70, DID);
- 42... se ele passa em cima da fazenda, reconhece *. (ls- 841, 842; Inq.- 277; H, I, 70, DID);
- 43... a gente sente o ouvido. Eu... eu, principalmente, sinto * muito... (ls- 852, 853; Inq.- 277; H, I, 70, DID);
- 44... Mas não chega, assim, a... a causar, vamos dizer assim, problema pra gente não viajar, ou deixar de viajar por causa disso. Pelo menos em mim, não, nunca * tive. (ls- 854, 855, 856, 857; Inq.- 277; H, I, 70, DID);
- 45... equilibrando aquele troço para não deixar * virar... (ls- 913, 914; Inq.- 277; H, I, 70, DID);
- 46... É mais ou menos como Aracajú. Você **conhece Aracajú?** (ls- 81, 82; Inq.- 100; H, II, 70, DID);
- 47... eles não procuram ainda divulgar a... _ do ponto de vista do turismo, sabe, turismo_ a beleza daquela cidade, né, porque... eh... eu mesmo * desconhecia totalmente... (ls- 219, 220, 221, 222; Inq.- 100; H, II, 70, DID);
- 48... Essa lagoa, eu tive... **conheci ela...** (ls- 227, 228; Inq.- 100; H, II, 70, DID);
- 49... conheci ela... foi num sábado, eu fui de carro, com uma colega minha, do IPASE, ela foi me **mostrar essa... essa lagoa.** (ls- 228, 229, 230; Inq.- 100; H, II, 70, DID);
- 50... tem mais duas ou três que não houve tempo de eu conhecer * . (ls- 395, 396; Inq.- 100; H, II, 70, DID);
- 51... Então, se um artista pusesse num quadro um mar nessas... com essas nuances de azul e... e a pessoa que nunca * tivesse visto ao natural... (ls- 424, 425, 426; Inq.- 100; H, II, 70, DID);
- 52... a Bahia é a cidade mais linda do mundo! Eu acho * mais bonita do que o Rio de Janeiro... (ls- 437, 438, 439; Inq.- 100; H, II, 70, DID);
- 53... Agora a CIA, o Centro Industrial da Aratu... mas aí já é uma parte mais industrial, né? Bom, eu mesmo **não conheço direito o Centro Industrial da Aratu,** o CIA... (ls- 483, 484, 485, 486, 487; Inq.- 100; H, II, 70, DID);
- 54... eu mesmo não conheço direito o Centro Industrial da Aratu, o CIA, eu não * conheço... (ls- 486, 487; Inq.- 100; H, II, 70, DID);

- 55... Não conhecia o Recreio dos Bandeirantes; vim conhecer * em setenta e dois. (ls- 511, 512; Inq.- 100; H, II, 70, DID);
- 56...Não conhecia o Recreio dos Bandeirantes; vim conhecer em setenta e dois. **Eu achei aquilo uma coisa muito bonita...** (ls- 511,512, 513; Inq.- 100; H, II, 70, DID);
- 57... eu uso de toda sinceridade, de toda franqueza, e peço que se retire. (risos). Mas, às vezes, **a gente não pode fazer isso** não... (ls- 591, 592, 593; Inq.- 100; H, II, 70, DID);
- 58... eu encontro sempre um carro estacionado na porta da minha garagem, né? Então, **eu acho isso** uma... uma falta de... de atenção... (ls- 610, 611, 612; inq.- 100; H, II, 70, DID);
- 59... Então, eu acho isso uma... .. porque eu sou incapaz de **fazer isso**... (ls- 612, 613; Inq.- 100; H, II, 70, DID);
- 60... e vou esvaziar o pneu, ta entendendo, e nem que deixe meu carro do lado de fora; eu já **fiz isso** diversas vezes... (ls- 617, 618,619; Inq.- 100; H, II, 70, DID);
- 61... e lá ele alugou um carro _ aliás, não, **ele alugou esse carro**... (ls- 649, 650; Inq.- 100; H, II, 70, DID);
- 62... ele alugou esse carro eu acho que na Alemanha e foi da Alemanha à Suécia por terra_ e, chegando lá em Estocolmo, **ele foi estacionar o... o carro**... (ls- 650, 651, 652, 653; Inq.-100; H, II, 70, DID);
- 63...fechou o carro; quando ele foi andando... o guarda conversou com ele em inglês, disse que ele voltasse e **estacionasse o carro** mais próximo do meio-fio. (ls- 654, 655, 656, 657, 658; Inq.- 100; H, II, 70, DID);
- 64...só restava um cigarro, ele **tirou o cigarro**...(ls- 662, 663; Inq.- 100; H, II, 70, DID);
- 65... ele tirou a carteira de cigarro... .. **pega essa carteira** e...(ls- 661,662,663; Inq. 100; H, II, 70, DID);
- 66... pegou essa carteira, **machucou a carteira**... (ls- 663; Inq.- 100; H, II, 70, DID);
- 67...machucou a carteira e * jogou no chão. (ls- 663,664; Inq.- 100; H, II, 70, DID);
- 68...ele foi andando, um guarda chamou *... (ls- 664, 665; Inq.- 100; H, II, 70, DID);
- 69... fez com que ele apanhasse a carteira do cigarro amassada e * pusesse na caixa coletora de papel. (ls.-665, 666, 667; Inq.- 100; H, II, 70, DID);
- 70... e cursei a Faculdade de Medicina, não a da Federal, eu fiz * na Católica... (ls- 31, 32; Inq.- 231; M, II, 70, DID);
- 71... e cursei a Faculdade de Medicina... ..Naquele tempo que eu * cursei há dez... (ls- 31, 34, 35; Inq.- 231; M, II, 70, DID);
- 72... ela foi à escola com um ano e quatro meses. Eu coloquei * na maternal... (ls- 75, 76; Inq.- 231; M, II, 70, DID);
- 73... a criança deve ir o mais cedo possível á escola, entendeu? E f... uma coisa que eu não me arrependi **foi ter botado ela**, com um ano e quatro meses... (ls- 79, 80, 81; Inq.- 231; M, II, 70, DID);
- 74... foi ter botado ela com um ano e quatro meses, quando eu * matriculei... (ls- 80,81; Inq.- 231; M, II, 70, DID);
- 75... Então, ela vai cursar aí até o prontidão... .. O meu problema agora é onde botar * para ser alfabetizada. (ls-115, 116, 118, 119; Inq.- 231; M, II, 70, DID);
- 76... Então, ela vai cursar aí até o prontidão... .. O meu problema agora é onde botar para ser alfabetizada, se eu * botaria logo num colégio... (ls- 115, 116, 118, 119, 120; Inq.- 231; M, II, 70, DID);
- 77... eu entrei numa escola e só saí pra universidade, que **eu acho isso** ideal. (ls- 120, 121, 122; inq.- 231; M, II, 70, DID);
- 78... eu passei meus anos todos naquele colégio... .. Ela, eu não sei se **eu faço isso**... (ls- 122, 123, 124, 125; inq.- 231; M, II, 70, DID);

- 79... Ela eu não sei se eu faço isso, ou se **eu ponha ela** numa... (ls- 124, 125; inq.- 231; M, II, 70, DID);
- 80... ou se eu ponha ela numa escola pequena, ainda para ser alfabetizada, pra fazer o primário, pra depois passar * pra um colégio maior. (ls- 125, 126, 127, 128; Inq.- 231; M, II, 70, DID);
- 81... Se ela for uma criança tímida eu vou ter que botar * num colégio menor. (ls- 129, 130; Inq.- 231; M, II, 70, DID);
- 82... Se ela for uma criança... .. então, eu tenho a impressão que vou botar * num colégio maior... (ls- 130, 131, 135, 136; Inq.- 231; M, II, 70, DID):
- 83... Achrom que é um dos melhores estágios que eles têm dentro da Faculdade, porque eles já * fazem no quinto ano de Medicina... (ls- 212, 213, 214; Inq.- 231; M, II, 70, DID);
- 84... seis anos não dá pra aprender Medicina, pra sair de lá fazendo *... (ls- 250, 251; Inq.- 231; M, II, 70, DID);
- 85... local em que haja condições de o estudante ter a aula e do professor **dar a sua aula**... (ls- 367, 368; Inq.- 231; M, II, 70, DID);
- 86... o estudante deve praticar esporte; a criança **deve praticar esporte**... (ls- 428, 429; Inq.- 231; M, II, 70, DID);
- 87... em tudo, é a natação. Então, é difícil, nas escolas, as crianças **praticarem natação**.... (ls- 439, 440; Inq. 231; M, II, 70, DID);
- 88... Seria a natação o melhor exercício para a criança... .. Agora, **não tendo a natação**... (ls- 449, 450, 451, 452; Inq.- 231; M, II, 70, DID);
- 89... Eu acho que toda escola deveria praticar a natação. Se não tiver a sua piscina, pelo meno... ah... levar a... um clube... .. pra os... as crianças praticarem a natação... (ls- 459, 460, 461, 462 463; Inq. 231; M, II, 70, DID);
- 90... nós damos tantos doentes pra aquele estudante acompanhar *... (ls- 646; Inq.- 231; M, II, 70, DID);
- 90... ele atende os doentes, medica *... (ls- 656, 657; Inq. 231; M, II, 70, DID);
- 91...então, nós fazemos uma prova no fim do curso, depois de dois , três meses... ah... o estudante **faz a prova**. (ls- 731, 732, 733; Inq.- 231; M, II, 70, DID);
- 92... o estudante pega o assunto e decora *... (ls- 769, 770; Inq.- 231; M, II, 70, DID);
- 93...Eu fiz prova, concurso, agora, pra o INPS, tipo teste, e achei * bem melhor do que as provas... (ls- 786, 787, 788; Inq.- 23; M, II, 70, DID);
- 94... o professor não se relacionava com o estudante, exatamente pra o estudante ter medo, ter pavor dele e respeitar *. (ls- 897, 898, 899; Inq. 231; M, II, 70, DID);
- 95... o estudante faz uma boa prova, tem uma nota boa e não é através dum... dum nota que a gente **vai qualificar o estudante**. (ls- 999, 1000, 1001; Inq.- 231; M, II, 70, DID);
- 96... como muita gente tacha , uma brincadeira de mau gosto. Eu não acho *. (ls- 1043, 1044, 1045; Inq.- 231; M, II, 70, DID);
- 97... mas o tipo de trote que eu tomei achei * uma beleza. (ls- 1055, 1056; Inq.- 231; M, II, 70, DID);
- 98... mas o tipo de trote que eu tomei achei uma beleza. Achei * ótimo... (ls- 1055, 1056; Inq.- 231; M, II, 70, DID);
- 99... havia uma expressão, por sinal. *Terrace*_ nós aportuguesamos * para terraço... (ls- 110, 111; Inq.- 094; H, III, 70, DID);
- 100... e desse tipo de rua nós temos uma série muito grande aqui em Salvador, como nós * conhecemos... (ls- 207, 208, 208; Inq. 094; H, III, 70, DID);
- 101... e desse tipo de rua nós temos uma série muito grande aqui em Salvador, como nós conhecemos e * temos encontrado em outras cidades... (ls- 207, 208, 209, 210; Inq. 094; H, III, 70, DID);

- 102...outras permitindo o estacionamento, outras proibindo o estacionamento... (ls- 252, 253, 254; inq. 094; H, III, 70, DID);
- 103... Seriam os viadutos ou, em alguns casos, eles chamariam * de pontes... (ls- 258, 259; Inq.- 231; H, III, 70, DID);
- 104... Seriam os viadutos ou, em alguns casos, eles chamariam de pontes, em outros casos chamariam * de viadutos... (ls- 258, 259, 260; Inq. 094; H, III, 70, DID);
- 105... Elas estão perdendo, por exemplo, aquela característica, que foi a do meu tempo, que hoje já não existe mais. Quando nós * chamávamos de faculdade... (ls- 342, 343, 344, 345; Inq.- 094; H, III, 70, DID);
- 106... esse tipo de construção que se realiza nas cidades têm... não só embelezam *... (ls- 418, 419; inq.- 094; H, III, 70, DID);
- 107...essa rede seria encarregada de distribuir a eletricidade por todas as ruas e, naturalmente, levando * também às casas residenciais. (ls- 479, 480, 481; Inq.- 094; H, III, 70, DID);
- 108... seria essa luz comum como nós chamamos *... (ls- 532, 533; Inq.- 094; H, III, 70, DID);
- 109... Haveria algum tipo de iluminação especial pra estradas... .. **eu não conheço**, assim, especificamente, **um tipo de iluminação para as estradas**... (ls- 543, 544, 545, 546, 547; Inq.- 094; H, III, 70, DID);
- 110... nós temos um... um chuveiro elétrico, lá no nosso banheiro que, apesar do eletricista que * colocou dizer que... (ls- 702, 703, 704; Inq.- 094; H, III, 70, DID);
- 111... esse aparelho tem a função de estabelecer o equilíbrio, de **manter o equilíbrio**... (ls- 723, 724; Inq.- 094; H, III, 70, DID);
- 112... Agora, a senhora, em geral, usa... ah... se veste, assim, encomendendo a sua roupa, ou providenciando, ou já comprando? ... Às vezes eu compro * pronta... (ls- 239, 240, 241, 242; Inq.- 159; M, III, 70, DID);
- 113... Agora, a senhora, em geral, usa... ah... se veste, assim, encomendendo a sua roupa, ou providenciando, ou já comprando? ...Às vezes eu compro pronta, às vezes mando fazer *... (ls- 239, 249, 241, 242; Inq.- 159; M, III, 70, DID);
- 114... agora, a senhora, em geral, usa... ah... se veste, assim, encomendendo a sua roupa, ou providenciando, ou já comprando? ... Às vezes eu compro pronta, às vezes mando fazer e, na maioria dos casos eu mesmo **confecciono minha roupa**. (ls- 239, 240, 241, 242, 243, 244; Inq.- 159; M, III, 70, DID);
- 115... Não gosto de veludo. Acho * quente. (ls- 291; inq.- 159; M, III, 70, DID);
- 116... Não gosto de veludo. Acho quente. ... Não * acho bonito mesmo. (ls- 291, 293; Inq.- 159; M, III, 70, DID);
- 117... quem conserve uma roupa, isto é, quem * lave... (ls- 300, 301; Inq.- 159; M, III, 70, DID);
- 118... quem conserve uma roupa, isto é, quem lave e * passe bem. (ls- 300. 301, 302; Inq.- 159; M, III, 70, DID);
- 119... o colarinho duro era... ele tinha essa consistência devido à quantidade de goma empregada... .. quando havia quem fosse capaz **de passar o colarinho**... (ls- 350, 351, 352, 354, 355; Inq.- 159; M, III, 70, DID);
- 120... aquilo também é muito prático, mas pouco usado; pelo menos aqui no Norte, eu quase não * encontro. (ls- 379, 380, 381; Inq.- 159; M, III, 70, DID);
- 121... Mas eu nunca empreguei este nome, porque nunca * tinha visto escrito... (ls- 548, 549; Inq.- 159; M, III, 70, DID);
- 122... Existia a gravata tipo borboleta, que alguns homens davam o laço, depois de **colocar a gravata**... (ls- 641, 642, 643; Inq.- 159; M, III, 70, DID);

- 123... depois de colocar a gravata, né, punham * atrás, no pescoço... (ls- 643; Inq.- 159; M, III, 70, DID);
- 124... outras vinham com um lacinho já feito e com uma.. uma alça de material flexível, que se fixava no pescoço, e botava * atrás com uma pressãozinha. (ls- 644, 645, 646, 647; Inq.- 159; M, III, 70, DID);
- 125... Usavam um alfinete de gravata para fixá-la... (ls- 661, 662; Inq.- 159; M, III, 70, DID);
- 126... Usavam um alfinete de gravata para fixa-la, achavam * necessário. (ls- 661, 662; Inq.- 159; M, III, 70, DID);
- 127... Usavam um alfinete de gravata... .. Hoje ninguém * usa... (ls- 661, 662; Inq.- 159; M, III, 70, DID);
- 128... Usavam um alfinete de gravata... .. Hoje ninguém usa e não * acha necessário. (ls- 661, 662, 663; Inq.- 159; M, III, 70, DID);
- 129... pode ser um lenço de pescoço ou... os homens usavam * para... (ls- 694, 695; Inq. 159; M, III, 70, DID);
- 130... Antigamente quando eu era menina, se chamava capote... .. Hoje, ninguém mais * usa. (ls- 704, 705, 707; Inq.- 159; M, III, 70, DID);
- 131... Uma capa, que seja de um tecido impermeável, não plástico, um guarda chuva e um... eu não sei o nome, mas, há mais tempo vendiam 8 como anti-chuva. (ls- 715, 716, 717, 718, 719; Inq.- 159; M, III, 70, DID);
- 132... É uma tira plástica, toda pregueada... ..na hora de colocar * na cabeça... (ls- 721, 725; Inq.- 159; M, III, 70, DID);
- 133... É uma tira plástica, toda pregueada... .. na hora de colocar na cabeça, nós desfazemos as pregas, pela parte do meio e colocamos * na cabeça... (ls- 721, 725, 726, 727; Inq. 159; M, III, 70, DID);
- 134... ele teve condições de manobrar a energia disponível e **transformar essa energia** em seu próprio benefício.... (ls- 14, 15, 16; Inq.- 052; H, I, 70, EF);
- 135... ele continuou atuando nos sistemas, degradando * e fazendo com que.... (ls- 27, 28; Inq. 052; H, I, 70, EF);
- 136... vocês sabem que o fogo tem uma atuação enorme na biosfera; **a gente quando ateia fogo em um...** (ls- 34, 35,36; Inq.- 052; H, I, 70, EF);
- 137... ele destruindo as florestas, ele ateando fogo, **ele fazia isso...** (ls- 38, 39; Inq.- 052; H, I, 70, EF);
- 138... ele ateando fogo nas florestas, ele fazia isso em ben... em seu benefício, porque ele **ateava fogo nas florestas...** (ls- 39, 40; Inq.- 052; H, I, 70, EF);
- 139... porque ele retira muito o nitrogênio do solo e não * repõe. (ls- 72, 73; Inq.- 052; H, I, 70, EF);
- 140... quando o solo é descoberto, quando ele deixa de ter uma cobertura que * protege... (ls- 126, 127; Inq.- 052; H, I, 70, EF);
- 141... quando ele deixa de ter uma cobertura vegetal que protege e que permite que haja uma umidade suficiente para **suportar uma cobertura vegetal...** (ls- 126, 127, 128; Inq.- 052; H, I, 70, EF);
- 142... levando esses nutrientes para os rios, e os rios levando-os para o... (ls- 141, 142; Inq.- 052; H, I, 70, EF);
- 143... ele carrega uma grande quantidade de minerais... eh... anualmente e * deposita na sua foz... (ls- 143, 144; Inq.- 052; H, I, 70, EF);
- 144... Mas os elementos que não fazem parte naturalmente do sistema, quando eles entram no ciclo, a gente chama * de poluentes. (ls- 161, 162, 163; Inq.- 052; H, I*, 70, EF);

- 145... E você bebe muita água, porque você aumentou a concentração de... de... de cloreto, então você precisa de água para equilibrar *. (ls- 214, 215, 216; Inq.- 052; H, I, 70, EF);
- 146... o organismo necessita de cloreto de sódio para equilibrar *. (ls- 216, 217; Inq.- 052; H, I, 70, EF);
- 147... Então, você elimina o sódio, você... eh... **ingere o sódio**... (ls- 221; Inq.- 052; H, I, 70, EF);
- 148... ingere o cloro, **elimina o cloro**... (ls- 221, 222; Inq.- 052; H, I, 70, EF);
- 149... Todo o alimento disponível para os animais provem dos vegetais. Se o homem **degrada os vegetais**, ele, indiretamente, está sacrificando os animais. (ls- 234, 235, 236; Inq.- 052; H, I, 70, EF);
- 150... a tartaruga sai da água... .. ela sai do ovo.... Então, é nessa época que o homem **vai caçar a tartaruga**... (ls- 244, 245, 246; Inq.- 052; H, I, 70, EF);
- 151... Ora, quando a tartaruga está saindo da água para desovar na areia, então se ele **pega a tartaruga**... (ls- 247, 248; Inq.- 052; H, I, 70, EF);
- 152... Quando ele atua na... na... escavando a areia pra procurar esses ovos, para utilizar * na fabricação de manteiga... (ls- 249, 259; Inq.- 052; H, I, 70, EF);
- 153... casacos que as... eh... serve de moda, né, e as mulheres gostam muito de usar * nos... nos locais... (ls- 257, 258; Inq.- 052; H, I, 70, EF);
- 154... eles, às vezes, utilizam até a queimada para conduzir os animais pra um local fácil, onde eles pudessem abater *. (ls- 266, 267; Inq.- 052; H, I, 70, EF);
- 155... existir civilizações que ainda vivem em equilíbrio com a natureza, que **utilizam a natureza** como meio de subsistência. (ls- 284, 285, 286; Inq.- 052; H, I, 70, EF);
- 156... eles proporcionam a que exista sempre uma floresta que suporte aqueles animais autóctones e que eles possam usar * como alimento. (ls- 287, 288; Inq.- 052; H, I, 70, EF);
- 157... ele tem que derrubar uma grande área, tem que **sacrificar uma grande área**... (ls- 336, 337; Inq.- 052; H, I, 70, EF);
- 158... A contagiosidade da tuberculose vem de... desde o tempo de Roma, quando Galeno... eh... **a considerou**.... (ls- 06, 07; Inq.- 046; M, I, 70, EF);
- 159... O contágio pode ser através da expectoração, vocês já * viram. (ls- 79, 80; Inq.- 046; M, I, 70, EF);
- 160... porque o número e a virulência são o contágio, o número e a virulência; a resistência é a resistência do indivíduo que **vai combater isso** ... (ls- 100, 102, 102; Inq.- 046; M, I, 70, EF);
- 161... nós damos a vacina pra provocar essa primoinfecção, **provocar isso**. (ls- 126, 127; Inq.- 046; M, I, 70, EF);
- 162... causam a doença, então, reativam *... (ls- 150, 151; Inq.- 046; M, I, 70, EF);
- 163... causam a doença, então reativam e **causam a doença**... (ls- 150, 151; Inq.- 046; M, I, 70, EF);
- 164... O doente virgem de tratamento é aquele que nunca fez tratamento com drogas que nunca fez * por menos de trinta dias. (ls- 284, 285, 286; Inq.- 046; M, I, 70, EF);
- 165... Virgem de tratamento, é aquele que nunca fez tratamento, ou * fez por menos de trinta dias. (ls- 286, 287; Inq.- 046; M, I, 70, EF);
- 166... se o indivíduo está... eh... não está em condições de fazer determinados esforços, ele não vai fazer * . (ls- 322, 323; Inq.- 046; M, I, 70, EF);
- 167... porque eu trouxe pra vocês algumas apostilas com esquemas mais modernos de alimentação. Depois eu vou distribuir *, aí, pra vocês... (ls- 330, 331, 332; Inq.- 046; M, I, 70, EF);

- 168... Então, nó... temos... eh... de doentes, doentes de... de VT e PS, de cri... de crianças e de tratamento de segunda linha. Depois eu dou * pra vocês. (ls- 332, 333, 334; Inq.- 046; M, I, 70, EF);
- 169... elas não tomem o BCG... eh... logo após o uso do leite ou **tomem o BCG** e... (ls- 406, 407; Inq.- 046; M, I, 70, EF);
- 170... a enfermeira faz o cálculo da medicação e **reserva a medicação**... (ls- 450; Inq.- 046; M, I, 70, EF);
- 171... e reserva logo a medicação pra tratamento do doente. Então, assim, ela evita que **falte medicação** para o doente. (ls- 454, 455, 456; Inq.- 046; M, I, 70, EF);
- 172... Mas o doente que já começou o tratamento, não deve **interromper o seu tratamento**. (ls- 465, 466; Inq.- 046; M, I, 70, EF);
- 173... Seu objetivo principal é fazer com que o doente não interrompa seu tratamento e **faça um tratamento** adequado... (ls- 481, 482; Inq.- 046; M, I, 70, EF);
- 174... é o tratamento que o doente vai fazer. Então se você **classifica o doente** como Vt e como OS... (ls- 488, 489; Inq.- 046; M, I, 70, EF);
- 175... Então, se você classifica o doente como VT e como OS, ele vai fazer o tratamento com a medicação de primeira linha. Se você **classifica o doente** como... (ls- 489, 490, 491; Inq.- 046; M, I, 70, EF);
- 176...Ela vai avaliando o trabalho do seu pessoal, ela já vai orientando *. (ls- 501, 502; Inq.- 046; M, I, 70, EF);
- 177... se chega alguma pessoa que queira ter conhecimento daquilo, como é feito e tal, você * orienta. (ls- 525, 526; Inq.- 046; M, I, 70, EF);
- 178... Se nós olharmos o termômetro... se nós **olharmos o termômetro** não há... (ls- 22, 23; Inq.- 026; H, II, 70, EF);
- 179... esses abrigos aparecem logo que o termômetro desce... .. apenas para se ter a oportunidade de usá-los... (ls- 27, 28, 31; Inq.- 026; H, II, 70, EF);
- 180... donde vinham as chuvas, sem procurar saber donde é que vêm; localizadas, assim, do ponto de vista de pontos cardeais é sempre o sudeste; é do sudeste que vêm os ventos que **trazem as chuvas** para... (ls- 64, 65, 66, 67; inq.- 026; H, II, 70, EF);
- 181... mas é aquela que e prefiro e eu vou colocar * aqui na pedra... (ls- 111, 112; inq.- 026; H, II, 70, EF);
- 182... nós teríamos um outro recôncavo, **nós o chamaríamos** de recôncavo do litoral... (ls- 133, 134; Inq.- 026; H, II, 70, EF);
- 183... quando nós visitamos hoje as grandes casas de fazendas do passado, nós ficamos impressionados de ver *... (ls- 154, 155, 156; Inq.- 026; H, II, 70, EF);
- 184... ele alcança altas cotações, tem compensado os esforços daqueles que **o têm plantado**. (ls- 252, 253, 254; Inq.- 026; H, II, 70, EF);
- 185... Hoje, ninguém está pensando mais em criar gado aqui no recôncavo, porque sabe que, mais cedo ou mais tarde, a indústria chega e vai crescendo, vai... cada vez aumentando mais, e terá que **afastar o gado**... (ls- 459, 460, 461; Inq.- 026; H, II, 70, EF);
- 186... para recuperar os saveiros e transformar * em embarcações turísticas. (ls- 470, 471; Inq.- 026; H, II, 70, EF);
- 187... quanto à cidades que existem no recôncavo, vamos ver *... (ls- 492, 493; Inq.- 026; H, II, 70, EF);
- 188... quanto à cidades que existem no recôncavo, vamos ver... vamos relacioná-las... (ls- 492, 493; Inq.- 026; H, II, 70, EF);
- 189... E o forte não tem nada, está abandonado, a sujeira terrível, não sei se foi recuperado agora, mas da última vez que eu *vi... (ls- 568, 569, 570; Inq.- 026, H, II, 70, EF);

- 190... Cachoeira é uma das cidades mais lindas que existem no Brasil. Felizmente, está havendo um plano de recuperação de modo a transformá-la numa... (ls- 575, 576, 577; Inq.- 026; H, II, 70, EF);
- 191... Nono... é vasos e nervos. ... Bem, copiaram*? (ls- 12, 14; Inq.- 049; M, II, 70, EF);
- 192... são os elementos que constituem a glândula mamária. Porém, se há persistência de um nódulo, é porque aquele nódulo é patológico. Então, vocês sabem, à palpação... se nós **palpamos a glândula mamária...** (ls-114, 115, 116,117; Inq.- 049; M, II, 70, EF);
- 193... é o músculo chamado de areolar. Então, à face profunda da aréola, nós **vamos encontrar um músculo...** (ls- 146, 147; Inq.- 049; M, II, 70, EF);
- 194... nós vamos encontrar, na glândula mamária, uns prolongamentos, ela não apresenta... ela não é uniforme, é semi... semi-esférica, porém, ela não é uniforme, porque nós **vamos encontrar alguns prolongamentos...** (ls- 192, 193, 194; Inq.- 049; M, II, 70, EF);
- 195...terá que se fazer, na maioria das vezes, não a retirada do tumor, e sim a retirada da glândula mamária. E vocês que é uma intervenção, tão traumatizante, tão mutilante, que não só se limita **a tirar, em muitos casos, a glândula mamária...** (ls- 218, 219, 220, 221, 222; Inq.- 049; M, II, 70, EF);
- 196... Vocês estão vendo aqui a glândula, **vêm aqui a glândula...** (l- 258; Inq.- 049; M, II, 70, EF);
- 197... Vocês estão vendo aqui a pele, a glândula mamária, **olhem aqui a glândula mamária...** (ls- 266, 267; Inq.- 049; M, II, 70, EF);
- 198... Vocês vão encontrar aqui a aréola, **olhem aqui a aréola...** (ls- 267, 268; Inq.- 049; M, II, 70, EF);
- 199... vocês já viram a sua situação. Já viram *... (l- 290; Inq.- 049; M, II, 70, EF);
- 200... O outro assunto é região mediastínica. Então, vamos começar a nossa região mediastínica. (ls- 302, 303; Inq.- 049; M, II, 70, EF);
- 201... eu vou dizendo a vocês o esquema, e vocês vão copiando *. (ls- 304, 305; Inq.- 049; M, II, 70, EF);
- 202... a traquéia, com a sua bifurcação, pertence ao mediastino posterior, desde que o plano, que foi usado para a divisão do mediastino do ponto de vista geral, em anterior e posterior, passou por diante dela, equivale a dizer que ela pertence ao mediastino posterior, pra vocês não esquecerem, **não incluïrem o... a traquéia** dentre os ... (ls- 380, 381, 382, 383, 384; Inq.- 049; M, II, 70, EF);
- 203... civilizações até então desconhecidas passaram a ter o seu modo de vida e sua organização social e política, em suma, todos os elementos que **a caracterizavam...** (ls- 67, 68, 69; Inq.- 020; H, III, 70, EF);
- 204... havia vários outros elementos classificados hoje como bens culturais, e nós **pudemos conservá-los.** (ls- 88, 89; Inq.- 020: H, III, 70, EF);
- 205... no caso de uma pessoa que tem sensibilidade conhecimento relativamente a estes bens e uma outra que **os ignore totalmente...** (ls- 92, 93, 94; Inq.- 020; H, III, 70, EF);
- 206... há certas espécies de rosas que eram abundantes e hoje desapareceram e há institutos guardando *... (ls- 183, 184, 185; Inq.- 020; H, III, 70, EF);
- 207... Ao ter, a comunidade, conhecimento, desta pretensão dos turistas, reuniu-se e **pretendiam linchá-los...** (ls- 265, 266; Inq.- 020; H, III, 70, EF);
- 208... uma pessoa devidamente qualificada para vir trabalhar um arquivo da Bahia, municipal, de grande valor, no sentido de recuperá-lo. (ls- 320, 321; inq.- 020; H, III, 70, EF);

- 209... a gente não pode, de jeito nenhum, virar qualquer página, sob pena de destruir *... (ls- 544, 545, 546; Inq.- 020; H, III, 70, EF);
- 210... Qual a situação da problemática vocacional deste jovem? ... como posso **ajudá-lo** a resolver? (ls- 25, 26, 28, 29; Inq.- 023; M, III, 70, EF);
- 211... o projeto, então, terá de responder a essas três perguntas. Nós, para podermos elaborar *... (ls- 30, 31; Inq.- 023; M, III, 70, EF);
- 212... terá de responder a essas três perguntas. Nós para podermos elaborar, devemos está conscientes de que nós podemos **responder a essas três perguntas**. (ls- 30, 31, 32; Inq.- 023; M, III, 70, EF);
- 213... nós podemos encontrar pessoas em três momentos de orientação: nós podemos encontrar *, simplesmente... (ls- 55, 56; Inq.- 023; M, III, 70, EF);
- 214... mas podemos encontrar indivíduos para eleger, como **podemos encontrar indivíduos** para... (ls- 57, 58; Inq.- 023; M, III, 70, EF);
- 215... e não se tem tempo de ver todo o material, muitas vezes vai se ver que faltava uma página, na hora de corrigir *... (ls- 135, 136, 137; Inq.- 023; M, III, 70, EF);
- 216... e quais são as aptidões; e só em termos de **avaliar essas aptidões**... (ls- 146, 147; inq.- 023; M, III, 70, EF);
- 216... procuramos os valores, o que nós valorizamos através do interesse, que é essa busca de **conseguir valores**... (ls- 201, 202; Inq.- 023; M, III, 70, EF);
- 217... são também maneiras que nós temos de colher, indiretamente, os interesses. Leituras, filmes, tipos de filme, de leitura, de programa de rádio e TV, tudo isso são formas também de **nós colhermos os interesses**... (ls- 262, 263, 264, 265; Inq.- 023; M, III, 70, EF);
- 218... É por isso que ele situa; por causa da biologia. A psicologia como um ramo da Biologia. ... ele, aí, **situa ela** dentro da Biologia... (ls- 290, 291, 297, 298; Inq.- 023; M, III, 70, EF);
- 219... ele, aí, situa ela dentro da Biologia, quer dizer como interesse biológico. Então, botem * junto com... (ls- 297, 298, 299; Inq.- 023; M, III, 70, EF);
- 220... ele, aí, situa ela dentro da Biologia, quer dizer como interesse biológico. Então, botem junto com Engenharia, Medicina e ... Mas há também quem * situe só no ramo da Matemática... (ls- 297, 298, 299, 304; inq.- 023; M, III, 70, EF);
- 221... ele, aí, situa ela dentro da biologia, quer dizer, como interesse biológico... Mas há também quem situe no ramo da Matemática... Esses todos, como Guilford, que trabalha com Análise Aspectorial, inclusive da personalidade, pronto, coloca * logo no campo da Matemática... (ls- 297, 298, 299, 304, 306, 307, 308; Inq.- 023; M, III, 70, EF);
- 222... ele mandou um... um estatístico da terra, um professor fazer o gráfico lá e o homem * fez... (ls- 317, 318; Inq.- 023; M, III, 70, EF);
- 223... é a aptidão que é subjacente ao interesse, porque enquanto o indivíduo **pode ter o interesse** (ls- 391, 392; inq.- 023; M, III, 70, EF);
- 224... E há quarenta anos ele trabalha sobre este mesmo instrumento. Hoje não dá pra entender *... (ls- 407, 408; inq.- 023; M, III, 70, EF);
- 225... partiu do princípio de que os homens que tivessem as mesmas preferências e as mesmas aversões ou antipatias... aversões ou antipatias por determinadas ocupações ou objetos relativos ao trabalho, escolheriam a mesma profissão. **Entenderam isso?** (ls- 413, 414, 416, 417, 418; Inq.- 023; M, III, 70, EF);
- 226... É um teste novo que exige duas aplicações, todas duas cansativas. Mas eu posso trazer * pra... (ls- 443, 444; Inq.- 023; M, III, 70, EF);
- 227... vocês pegam o caderno que se aproxime e corrigem melhor. (ls- 458, 459; Inq.- 023; M, III, 70, EF);

- 228... Existem situações profissionais em que o indivíduo ao começar *, já a acha um caminho... (ls- 524, 525; Inq.- 023; M, III, 70, EF);
- 229... o pai já está cansado, o filho passa a ajudar *... (ls- 533; M, III, 70, EF);
- 230... é o que faz dentadura, não sei se é o protécnico. Ou Dentista, tem um profissional que ele **faz dentadura**, não sei assim... (ls- 99, 100, 101; Inq.- 019/N; H, I, 90, DID);
- 231... a nível técnico que denta... que faz dentadura. O Dentista também * faz... (ls- 101, 102; inq.- 019/N; H, I, 90, DID);
- 232... levantaria as paredes, (risos) passava o reboco, pintava *... (l- 165; Inq.- 019/N; H, I, 90, DID);
- 233... alguém lá em... que eu conheço no interior mandaria * fazer um portão pra mim... (ls- 184, 185; Inq.- 019/N; H, I, 90, DID);
- 234... deve ser observar um... um fato e transcrevê-lo... (l- 193; Inq.- 019/N; H, I, 90, DID);
- 235... é uma área aberta pra todo mundo que predispõe a... a fazer *... (ls- 252, 253; Inq.- 019/N; H, I, 90, DID);
- 236... eu não procuraria ninguém pra fazer esse tipo de coisa, mas se fosse bem afrescalhado, possivelmente um decorador **pra fazer isso** (risos). (ls- 268, 269, 270; Inq.- 019/N; H, I, 90, DID);
- 237... nunca coloquei meu sapato pra consertar, só sei comprar *... (l- 310; Inq.- 019/N; H, I, 90, DID);
- 238... nunca coloquei meu sapato pra consertar, só sei comprar, acabou eu jogo * fora. (ls- 310, 311; Inq.- 019/N; H, I, 90, DID);
- 239... eles diminuirém a... a minha calça, colocarem uma prega a mais. Um tintureiro **para pintar a minha calça**... (ls- 316, 317; Inq.- 019/N; H, I, 90, DID);
- 240... você costuma fazer as unhas? ... Em casa eu faço *. (ls- 361, 362; Inq.- 019/N; H, I, 90, DID);
- 241...Eu não tenho filho e se fosse pra alguém, se fosse pra alguém pra tomar conta, se * tivesse, procuraria um parente... (ls- 419, 420; Inq.- 019/N; H, I, 90, DID);
- 242... E pra vender a carne, quem seria? ... Quem vende **a carne**... (ls- 448, 449; Inq.- 019/N; H, I, 90, DID);
- 243... quem vende a carne, a gente diz o açougueiro, mas... é açougueiro que * vende... (l- 449; Inq.- 019/N; H, I, 90, DID);
- 244... faz o controle sanitário, é eles que * fazem. (l- 454; Inq.- 019/N; H, I, 90, DID);
- 245... Só vende carne. **Empurra a carne** pra lá. (ls- 456; Inq.- 019/N; H, I, 90, DID);
- 246... e a função do Carteiro seria só entregar cartas? ... eu acho que o Carteiro seria só entregar * ... (ls- 463, 465; Inq.- 019/N; H, I, 90, DID);
- 247... agora o pessoal dos Correios que recebe as cartas, **encaminham as cartas**... (ls- 465, 466; Inq.- 019/N; H, I, 90, DID);
- 248... Que organizam pra que bairro as cartas vão, que países é... aquelas cartas devem ir, se é o Carteiro. Pra mim só o Carteiro é quem **entrega cartas**... (ls- 467, 468; Inq.- 019/N; H, I, 90, DID);
- 249... as pessoas que recebem as cartas sua e colocam * em algum lugar...(ls- 472, 473; Inq.- 019/N; H, I, 90, DID);
- 250... Quem recebe a carta, quem **encaminha a carta**... (ls- 473, 474; Inq.- 019/N; H, I, 90, DID);
- 251... Procuraria um corretor pra me orientar e mostrar sobre alguma casa, mas eu abriria um jornal e * procuraria de acordo com as minhas posses... (ls- 477, 478, 479; Inq.- 019/N; H, I, 90, DID);
- 252... mas eu não sei se o corretor seria uma boa ajuda, porque você tem que considera que ele recebe pra vender aquilo ali, então ele não ta te ajudando, ele ta, ele ta querendo

- ganhar em cima de você, então não tem porque eu **procurar um corretor**... (ls- 486, 487, 488, 489; Inq.- 019/N; H, I, 90, DID);
- 253... tira o leite pra vender*... (l- 530; Inq.- 019/N; H, I, 90, DID);
- 254... Se você recebe um couro de animais mortos, **trata esse couro**... (ls- 557, 558; Inq.- 019/N; H, I, 90, DID);
- 255... trata esse couro, sei lá bota * esticando com varas... (ls- 558, 559; Inq.- 019/N; H, I, 90, DID);
- 255... trata esse couro, sei lá, bota esticando com varas e * colocando no sol... (ls-558, 559; Inq.- 019/N; H, I, 90, DID);
- 256... trata esse couro, sei lá, bota esticando com varas e colocando no sol... pra depois utilizar * pra confecção de sapato... (ls-558, 559, 560; Inq.- 019/N; H, I, 90, DID);
- 257... mas vamos falar de ônibus que é mais rápido, que eu **pego** todo dia **ônibus**. (ls- 579, 580; inq.- 019/N; H, I, 90, DID);
- 258... São tipos de vestimentas deles, como é que eu poderia definir * pra você? (ls- 18, 19; Inq.- 018/N; M, I, 90, DID);
- 259... Geralmente os cintos, tem de couro.... Eles utilizam *... (ls- 38, 41; Inq.- 018/N; M, I, 90, DID);
- 260... Geralmente os cintos, tem de couro... .. Eles utilizam, alguns... a maioria, minoria que * mesmo pra segurar a calça. (ls- 38, 41, 42; Inq.- 018/N; M, I, 90, DID);
- 261... existem aquelas camisas de malha que não precisa usar botões pra poder abrir *... (ls- 47, 48; Inq.- 018/N; M, I, 90, DID);
- 262... quais são os tipos de paletó que a senhora conhece? ... eu não sei diferenciar * ... (ls- 56, 57; Inq.- 018/N; M, I, 90, DID);
- 263... Tem o paletó normal, é... básico. Que a pessoa chama de básico, mas eu não sei diferenciar * bem... (ls- 57, 58; Inq.- 018/N; M, I, 90, DID);
- 264... O cachecol, né? Que o pessoal chama de cachecol. Alguns chamam * de chale, né? (l- 90; Inq.- 018/N; M, I, 90, DID);
- 265... Alguns chamam de chale, né? Eles colocam * pra aquecer... (ls- 90, 91; Inq.- 018/N; M, I, 90, DID);
- 266... elas costumam pôr o dinheiro onde? ... Outros colocam * diretamente ou dentro da carteira... (ls- 135, 137, 138; Inq.- 018/N; M, I, 90, DID);
- 267... Outros colocam diretamente ou dentro da carteira, pra colocar * dentro do bolso. (ls- 137, 138; Inq.- 018/N; M, mI, 90, DID);
- 268... E com relação às roupas assim da senhora, a senhora costuma comprar... .. Eu compro *, eu gosto muito de... (ls- 169, 171; Inq.- 018/N; M, I, 90, DID);
- 269... E, com relação às roupas assim da senhora, a senhora costuma comprar... .. Eu compro... .. Não, eu nunca mando fazer *. (ls- 169, 175; Inq.- 018/N; M, I, 90, DID);
- 270... geralmente eles utilizam um avental, eles **colocam um avental**. (l- 183; Inq.- 018/N; M, I, 90, DID);
- 271... e tem também soutier maia-taça, soutier mais encorpado, menos encorpado. Tem vários tipos, eu não sou muito de vestir * não. (ls- 196, 197, 198; Inq.- 018/N; M, I, 90, DID);
- 272... alguma pra proteger as pernas, algumas pra embelezar * mesmo. (ls- 203, 204; Inq.- 018/N; M, I, 90, DID);
- 273... eles utilizam casaco de lã, casaco mais encorpado, longo, outros mais curtos. Às vezes jeans também pra proteger * do frio. (ls- 222, 223, 224; Inq.- 018/N; M, I, 90, DID);
- 274... Eles usam presilhas, eles colocam *... (l- 234; inq.- 018/N; M, I, 90, DID);
- 275... Eles usam presilhas, eles colocam, alguns chamam * de passadeira... (ls- 234, 235; Inq.- 018/N; M, I, 90, DID);

- 276... Mas as pessoas prendem muito o cabelo, prendem * com presilhas... (l- 237; inq.- 018/N; M, I, 90, DID);
- 277... Tem outros tipos de presilhas que eu não sei o nome, alguns chamam * de xuxinha. (ls- 238, 239; Inq.- 018/N; M, I, 90, DID);
- 278... ele tá adequando ao clima, o a um ambiente pós-parto não saiu do útero que é um ambiente, tem ali a temperatura ambiente, esta vestiria a chamada roupinha de pagão, que é uma calça comprida é uma blusinha por exemplo... convertida com uma blusinha de manga comprida para **poder aquecê-lo** ... (ls- 260, 261, 262, 263; Inq.- 018/N; M, I, 90, DID);
- 279... quando a criança começa a se lambuzar toda epara poder **limpar ele**, mais é o babador. (ls- 271, 272, 273; Inq.- 018/N; M, I, 90, DID);
- 280... mas ele tem um gorro, eu coloquei * no dia que tava frio... (l- 286; Inq.- 018/N; M, I, 90, DID);
- 281...e estas roupas finas, estas coisas todas, que a gente não usa no dia a dia só em ocasiões especiais eu lavo, tipo assim, coloco * de molho... (ls- 303, 304, 305; inq.- 018/N; M, I, 90, DID);
- 282... E estas roupas finas, estas coisas todas, que a gente não usa no dia a dia só em ocasiões especiais eu lavo, tipo assim, coloco de molho, lavo... (ls- 303, 304, 305; inq.- 018/N; M, I, 90, DID);
- 283... tento procurar saber alguém que tinha conhecimento em como tirar manchas, pr poder eu mesmo tirar *... (ls- 310, 311; inq.- 018/N; M, I, 90, DID);
- 284... E com relação assim aos consertos de roupas quando a gente quer aproveitar e fala eu vou consertar a roupa... .. Algumas pessoas manda os costureiros pra poder reformar *... (ls- 331, 332, 334; Inq.- 018/N; M, I, 90, DID);
- 285... Quais são os locais mais freqüentes assim pra se comprar as ruopas que a senhora costuma ir. ...eu não sei , compro * em loja... (ls- 395, 396, 397; Inq.- 018/N; M, I, 90, DID);
- 286... quando a roupa me agrada, mais basicamente e também vou até o shopping, até as lojas e * compro lá... (ls- 400, 401; Inq.- 018/N; M, I, 90, DID);
- 287... eu tô vendendo roupa, aí... eu compro *... (ls- 401, 402; Inq.- 018/N; M, I, 90, DID);
- 288... as roupas que ele usa no trabalho, ele também * usa pra passear. (l- 22; Inq.- 007/N; H, II, 90, DID);
- 289... Tem os tipos de corte, né? Que às vezes a gente... chama * mais alinhado.. (l- 87; Inq.- 007/N; H, II, 90, DID);
- 290... Então a... a roupa de sair é como se fosse uma roupa menos... eh... menos vestida da pessoa, né? A do dia-a-dia que vai trabalhar, ele repete *... (ls- 89, 90, 91; Inq.- 007/N; H, II, 90, DID);
- 291... A do dia-a-dia que vai trabalhar, ele repete, lava *... (ls- 90, 91; Inq.- 007/N; H, II, 90 DID);
- 292... A do dia-a-dia que vai trabalhar, ele repete, lava... na terceira semana, ele já * usa novamente. (ls- 90, 91; Inq.- 007/N; H, II, 90, DID);
- 293... eu inclusive só tenho duas camisas de manga comprida e que normalmente eu não uso, porque normalmente tem calor. Como no meu dia-a-dia de trabalho não é necessário eu usar *... (ls- 124, 125, 126; Inq.- 007/N; H, II, 90, DID);
- 294... Eu tenho um capote de lã... .. Inclusive eu **nunca usei esse capote** aqui em Salvador... (ls- 179, 180; Inq.- 007/N; H, II, 90, DID);
- 295... Inclusive eu nunca usei esse capote aqui em Salvador, durante dois anos, a não ser emprestando * a alguém... (ls-180, 181; Inq.- 007/N; H, II, 90, DID);

- 296... Inclusive eu nunca usei esse capote aqui em Salvador, durante dois anos, a não ser emprestando a alguém pra usar *. (ls- 180, 181; Inq.- 007/N; H, II, 90, DID);
- 297... você é adepto à gravata ou não? ... Já * usei, né? (ls- 184, 188; Inq.- 007/N; H, II, 90, DID);
- 298... Você tem costume de andar de lenço? (superp)... ..**Não uso lenço.** (ls- 191, 192; Inq.- 007/N; H, II, 90, DID);
- 299... Não uso lenço. ... Eu tenho *... (ls- 192, 194; Inq.- 007/N; H, II, 90, DID);
- 300... Não uso lenço... Eu tenho, mas não * uso. (ls- 192, 194; Inq.- 007/N; H, II, 90, DID);
- 301... Como (superp) é o chapéu dele? ... Eu não * conheço. (ls- 244, 245; Inq.- 007/N; H, II, 90, DID);
- 302... Como (superp) é o chapéu dele? ... eu não conheço. ... Ele disse que * tem... (ls- 244, 245, 247; Inq.- 007/N; H, II, 90, DID);
- 303... Como (superp) é o chapéu dele? ... Eu não conheço. ... Ele disse que tem. (superp) Eu nunca * vi. (ls- 244, 245, 247; Inq.- 007/N; H, II, 90, DID);
- 305... eu não gosto (superp) muito de boné... ... Eu nunca gostei de usar *. (ls- 253, 254; Inq.- 077/N; H, II, 90, DID);
- 306... ela usava saia comprida e anágua, porque era uma superproteção, era pra proteger * de... (ls- 422, 423; Inq.- 007/N; H, II, 90, DID);
- 307... O que você faz pra cuidar de suas roupas? ... A gente tem que usar... usar * de forma adequada... (ls- 598, 599, 601; Inq.- 007/N; H, II, 90, DID);
- 308... O que você faz pra cuidar de suas roupas? ... A gente tem que usar... usar de forma adequada... ... Depois que lavar... (ls- 598, 599, 601, 604; Inq.- 007/N; H, II, 90, DID);
- 309... O que você faz pra cuidar de suas roupas?... A gente tem que usar... usar de forma adequada... ... Depois que lavar, engomar *... (ls- 598, 599, 601, 604; Inq.- 007/N; H, II, 90, DID);
- 310... O que você faz pra cuidar de suas roupas? ... A gente tem que usar... usar de forma adequada... ... Depois que lavar, engomar e dependurar * no cabide... 9ls- 598, 599, 601, 604, 605; Inq.- 007/N; H, II, 90, DID);
- 311... Você geralmente manda lavar sua roupa fora ou você lava em casa? ... normalmente * lava em casa... (ls- 607, 608; Inq.- 007/N; H, II, 90, DID);
- 312... quais são os estragos que podem acontecer com uma roupa?... ...Quando você está usando *... (ls- 618, 619, 620; Inq.- 007/N; H, II, 90, DID);
- 313... quais são os estragos que podem acontecer com uma roupa? quando você está usando ou quando a lavadeira está lavando *? (ls- 618, 619, 620; Inq.- 007/N; H, II, 90, DID);
- 314... vai preenchendo os espaços e **definindo**, assim, **os espaços**... (l- 84; Inq.- 173/R; M, II, 90, DID);
- 315... As casas mais antigas era aquilo... era de madeira, né? Acho que era mais de madeira, chamavam * , cho ver... como é meu Deus? (ls- 224, 225; Inq.- 173/R; M, II, 90, DID);
- 316... Aqui eu resolvi criar um... um gabinete e hoje estou pensando (superp)... em desfazer *... (ls- 284, 285, 287; Inq.- 173/R; M, II, 90, DID);
- 317... eu adoro pisar em madeira, né? acho * mais quente... (ls- 319, 320; Inq.- 173/R; M, II, 90, DID);
- 318... são as... as... vamos dizer assim, as areas de circulação, né? Corredores, né? A gente chamav * de corredor, né? (ls- 342, 343; Inq.- 173/R; M, II, 90, DID);
- 319... geralmente se chama área de circulação, né? Eu costumo chamar * um corredor. (ls- 345, 346; Inq.- 173/R; M, II, 90, DID);

- 320... Eh... máquinas de lavar roupas, né, máquinas, eh... tábuas pra passar *... (ls- 394, 395);
- 321... E que tipo de transação comercial se pode fazer com uma casa? ... Vender *.... (ls- 419, 420; Inq.- 173/R; M, II, 90, DID);
- 322... E que tipo de transação se pode fazer com uma casa? ...Você pode alugar *. (ls- 419, 422; Inq.- 173/R; M, II, 90, DID):
- 323... E que tipo de transação comercial se pode fazer com uma casa?Você pode alugar. Você pode vender *. (ls- 419, 422; Inq.- 173/R; M, II, 90, DID);
- 324... Que tipo de transação comercial você pode fazer com uma casa?... .. Você pode alugar. Você pode vender... ..A não ser que você **queira utilizar a casa** para algum negócio... (ls- 419, 422, 423, 424; Inq.- 173/R; M, II, 90, DID);
- 325... ele vai pagar o imposto, não precisa a prefeitura ir atrás dele, é ele que vai pagar *... (ls- 69, 70; Inq.- 012/R; H, III, 90, DID);
- 326... então o poder público criou o registro TORRES, e jamais **cumpriu o registro TORRES**... (ls- 80; Inq.- 012/R; H, III, 90, DID);
- 327... O estado da Bahia, na sua imensidade, possui terras... a despeito disso, o estado da Bahia **não tem conseguido vender estas terras**... (ls- 82, 83, 84, 85; inq.- 012/R; H, III, 90, DID);
- 328... se a propriedade é do estado não há o que discutir mais o domínio e, se alguém ocupa *... (ls- 90, 91; Inq.- 012/R; H, III, 90, DID);
- 329... se a propriedade é do estado não há o que discutir mais o domínio e, se alguém ocupa, a solução é comprar * ao estado... (ls- 90, 91, 92; Inq.- 012/R; H, III, 90, DID);
- 330... se a propriedade é do estado não há o que discutir mais o domínio e, se alguém ocupa, a solução é comprar ao estado... .. e * vende a quem... (ls- 90, 91, 92, 93; Inq.- 012/R; H, III, 90, DID);
- 331... o capital dos bancos que ocupavam essas áreas pra vender * a estrangeiros... (ls- 107, 108; Inq.- 012/R; H, III, 90, DID);
- 332... provaram que obtiveram a cadeia sucessória de seus antepassados e compraram * a uns descendentes de ... (ls- 147, 148; Inq.- 012/R; H, III, 90, DID);
- 333... um pastor protestante que viajava num aviãozinho e notou a cachoeira, procurou * no mapa... (ls- 216, 217; Inq.- 012/R; H, III, 90, DID);
- 334... um pastor protestante que viajava num aviãozinho e notou a cachoeira, procurou no mapa e não * achou no mapa do Brasil... (ls- 216, 217, 218; Inq.- 012/R; H, III, 90, DID);
- 335... e com o nome de Glessi ela está na (superp)... está registrada lá assim. ... passamos a chamar* Cachoeira da Fumaça, né? (ls- 228, 231, 232; Inq.- 012/R; H, III, 90, DID);
- 336... Mas ele é uma das coisas mais bonitas que se pode contemplar, como eu pude contemplar * duas vezes... (ls- 236, 237; Inq.- 012/R; H, III, 90, DID);
- 337... Mas ele é uma das coisas mais bonitas que se pode contemplar, como eu pude contemplar duas vezes, uma vez de Lençóis, vendo ela de baixo para cima... (ls- 236, 237; Inq.- 012/R; H, III, 90, DID);
- 338... uma vez de Lençóis, vendo ela de baixo para cima e outra vez de Palmeiras, vendo * de cima para baixo... (ls- 237, 238; Inq.- 012/R; M, III, 90, DID);
- 339... dei logo o subtítulo: “A cachoeira encantada”, porque pra **achar essa cachoeira** não é fácil... (ls- 258, 259; Inq.- 012/R; H, III, 90, DID);
- 340... porque o cacau na Bahia era todo ele plantado, na, na, a sombra daquelas grandes árvores, e servia para fazenda de cacau.... Com o aparecimento da vassoura de bruxa, eles **perderam o cacau**... (ls- 363, 364; Inq.- 012/R; H, III, 90, DID);

- 341... eu escrevi um artigo sobre ele, eh, **eu escrevi um artigo** com o título... (ls- 35, 36; Inq.- 013/R; M, III, 90, DID);
- 342... eu comprei portanto esse terreno, já faz eh quarenta e seis anos mais ou menos, né, e comprei esse terreno... (ls- 72, 73; Inq.- 013/R; M, III, 90, DID);
- 343... comprei esse terreno aqui já com condições de engenheiros, de arquitetos, que valia a pena, comprei * por uma bobagem... (ls- 72, 73, 74; Inq.- 013/R; M, III, 90, DID);
- 344... os meninos tiveram uma infância linda... porque eu podia fiscalizar * também... (ls- 83, 85; Inq.- 013/R; M, III, 90, DID);
- 345... eles ficam aqui o tempo todo e os gatos querendo pegar *. (ls- 171, 172; Inq.- 013/R; M, III, 90, DID);
- 346... o governo do estado é do mesmo bloco, né. ... eu acho * um benefício pra população. (ls- 225, 226, 227; Inq.- 013/R; M, III, 90, DID);
- 347... pra a paz haver no mundo é preciso que cada um tenha paz dentro de si. (ls- 264, 265; Inq.- 013/R; M, III, 90, DID);
- 348... agora linda é a do, do Centro Administrativo, eu acho * linda... (l- 307; Inq.- 013/N; M, III, 90, DID);
- 349... agora linda é a do centro Administrativo, eu acho linda, você conhece... (ls-307, 308; Inq.- 013/R; M, III, 90, DID);
- 350... não tem um guarda, quando tem um chama uma ocorrência pra uma batida você espera *. (ls- 327, 328; Inq.- 013/R; M, III, 90, DID);
- 351... isso eu juá dizia , modéstia á parte, há muitos anos... ... **já mostrava isso**... (ls- 361, 362; Inq.- 013/R; M, III, 90, DID);
- 352... se você tem direito, **você usar o seu direito**... (ls- 377, 378; Inq.- 013/R; M, III, 90, DID);
- 353... porque você tem o direito e **vai usar o seu direito**... (l- 379; Inq.- 013/R; M, III, 90, DID);
- 354... ele tirou dez, por isso que eu estou dizendo, e quem veio, vem, **veio argüi-la** foi uma... (ls- 394, 395; Inq.- 013/R; M, III, 90, DID);
- 355... comprava bolsa, sapato, vestido e * pagava depois... (ls- 477; Inq.- 013/R; M, III, 90, DID);
- 356... eu ia passar ferias em Aracaju, **adoro Aracaju**... (l- 547; inq.- 013/R; M, III, 90, DID);
- 357... possamos dizer que ela seja até um pouco neutra, depende de como **usar ela**... (ls- 655, 656; Inq.- 013/R; M, III, 90, DID);
- 358... depende de como usar ela, depende de como você usar * (ls- 656; Inq.- 013/R; M, III, 90, DID);
- 359... e também na televisão usa-se é pra fazer eh, pra ouvir filmes pornográficos, ou filme de horror depende de como você usar * (ls- 659, 660; Inq.- 013/R; M, III, 90, DID);
- 360... o economês é uma língua difícil... ... Eu não me arvorou a **entender o economês**. (ls- 689, 691; Inq.- 013/R; M, III, 90, DID);
- 361... Dado que um ponto central... que mais... e outros pontos que mantêm a mesma distância entre eles, ok? ... **Mantêm a mesma distância** entre... (ls- 05, 06, 07; Inq.- 026/N; H, I, 2000, EF);
- 362... Então nós temos o quê... essa região, interna... ... Alguns matemáticos... atualmente chamam * de círculo ou... (ls- 14, 16, 17; Inq.- 026; H, I, 2000, EF);
- 363... nós vamos ver é a reta secante a... reta é secante à circunferência. Então, nós vamos ver * aqui, ó. (ls- 45, 46; Inq.- 026/N; H, I, 2000, EF);

- 364... Qual o seu nome mesmo? ... Por que sua mãe e seu pai botou *? (ls- 69, 71; Inq.- 026/N; H, I, 2000, EF);
- 365... Quem estudou essas retas batizou * com secante. (l- 71; Inq.- 026/N; H, I, 2000, EF);
- 366... Só que esses pontos A e B pertencem à circunferência. Então, nós * chamamos de... borda... (ls- 92, 93; Inq.- 026/N; H, I, 2000, EF);
- 367... Aí, essa reta é chamada de secante, ok? ... Agora, como é que eu vou analisar * só do ponto... (ls- 98, 99, 100; Inq.- 026/N; H, I, 2000, EF);
- 368... Vamos ver aqui a segunda relação... Vamos **ver aqui a segunda relação**. (ls- 114, 115; Inq.- 026/N; H, I, 2000; EF);
- 369... Nós temos uma reta... uma reta. Chama * de quê? (ls- 116, 117; Inq.- 026/N; H, I, 2000, EF);
- 370... quando uma reta intercepta a circunferência em um único ponto nós * chamamos de... (ls- 119, 120; H, I, 2000, EF);
- 371... Porque... se eu quero... eu quero... medir, mensurar a minha distância, a distância da minha pessoa... ... da minha pessoa até a parede eu tenho que... eu tenho que medir * como? (ls- 131, 132, 133, 135; Inq.- 026/N; H, I, 2000, EF);
- 372... Essa distância tem que ser perpendicular... à parede não tem? Porque se eu não * medir perpendicular... (ls- 135, 136, Inq.- 026/N, H, I, 2000, EF);
- 373... eu... (inint)... marcar a distância do centro à reta se (inint)... porque eu não vou medir a distância desse ponto central à reta... (ls- 144, 145; Inq.- 026/N; H, I, 2000, EF);
- 374... E nós temos quantas retas tangentes à circunferência? ... podemos representar * como... (ls- 208, 210; Inq.- 026/N; H, I, 2000; EF);
- 375... vocês entenderam aí essa questão dessa segunda propriedade? Você * entendeu, hein... (ls- 244, 245; Inq.- 026/N; H, I, 2000; EF);
- 376... Você entendeu essa segunda propriedade? ... Então me * explique. (ls- 245, 247; Inq.- 026/N; H, I, 2000, EF);
- 378... olha a merenda que eu prometi a vocês... não vou dar *, viu?
- 379... Então, eu trouxe pra vocês um mapinha que eu não sei se eu botei aqui dentro (inint), eu não * estou achando. (ls- 50, 51; Inq.- 025/N; M, I, 2000, EF);
- 380... e aproveitou também para fazer a divisão; mas, praticamente, ó, ele passa por dentro dos Estados **para fazer a divisão**... (ls- 101, 102; Inq.- 025/N; M, I, 2000, EF);
- 381... Até pra pessoa agregar mais a informação, acho que até pra pessoa assimilar * mais... (ls- 127, 128; Inq.- 025/N; M, I, 2000, EF);
- 382... Ele subdivide em quatro regiões. Eu vou colocar * aqui pra vocês... (ls- 144, 145; Inq.- 025/N; M, I, 2000, EF);
- 383... Então, (inint) ACM, ele emancipou São Mimoso do Oeste (superp). Aí ele emancipou São Mimoso do Oeste... (ls- 158, 159; Inq.- 025/N; M, I, 2000, EF);
- 384... Quando chegam as benfeitorias **acabam concentrando- as** em poder daqueles... (ls- 291, 292; Inq.- 025/N; M, I, 2000, EF);
- 385... Então, eles produzem bastante uva; digamos assim, se a safra (inint) é duas vezes ao ano, lá, eles produzem * o ano inteiro. (ls- 325, 326; Inq.- 025/N; M, I, 2000, EF);
- 386... aqui... é o Centro-sul, dá pra ver * daí? (ls- 343, 344; Inq.- 025/N; M, I, 2000, EF);
- 387... vou fazer um apontamentozinho pra vocês pegarem algumas informações, e a gente faz * no caderno. (ls- 456, 457; Inq.- 025/N; M, I, 2000, EF);
- 388... Então, algumas coisas nós vamos ressaltar... algumas informações e, a gente faz *. (ls- 458, 459; Inq.- 025/N; M, I, 2000, EF);

- 389... eu tinha pensado uma atividade que eu acho importante, mas eu acho que não daria tempo para a gente trabalhar *, hoje. (ls- 459, 460, 461; Inq.- 026/N; M, I, 2000, EF);
- 390... eu tinha pensado uma atividade que eu acho importante, mas eu acho que não daria tempo para a gente trabalhar, hoje. Na turma passada, eu consegui trabalhar *, só que... (ls- 459, 460, 461; Inq.- 025/N; M, I, 2000, EF);
- 391... se eu pedir pra localizar a Região Amazônica, Nordeste e Centro-Sul, não tem errada, é Nordeste, Amazônica e Centro-sul. Eh... eu já delimiti *... (ls- 469, 470; Inq.- 025/N; M, I, 2000, EF);
- 392... é Nordeste, Amazônica e Centro-sul. Eh... eu já delimiti, eu mesma delimiti *... (ls- 469, 470, 471; Inq.- 025/N; M, I, 2000, EF);
- 393... porque a delimitação tá feita, viu? O mais complicado **seria fazer a delimitação**... (ls- 471, 472; Inq.- 025/N; M, I, 2000, EF);
- 394... é como se você fosse concentrando aquela chuva toda e depois medisse * em milímetro... (ls- 493, 494; Inq.- 025/N; M, I, 2000, EF);
- 395... Lembram do climograma? Que se a gente fosse **representar o climograma**... (ls- 635, 634; Inq.- 025/N; M, I, 2000, EF);
- 396... E aí a gente tinha até terça-feira pra dar entrada pra mudar o gabarito **e assim o fiz, certo?** (ls- 05, 06; Inq.- 023/N; H, II, 2000, EF);
- 397... O Brasil desenvolveu uma bactéria, o Brasil... foi um brasileiro, um baiano, bem lembrado. **Desenvolveu uma bactéria** (inint)... (ls- 43, 44; Inq.- 023/N; H, II, 2000, EF);
- 398... Desenvolveu uma bactéria (inint), (inint)... ...Então, você **joga essa bactéria**, certo?... (ls- 44, 45; Inq.- 023/N; H, II, 2000, EF);
- 399... por isso que tem que ter seis na prova (inint); quatro eram estendidas demais em História (inint), (inint)... **coloquei essas seis**... (ls- 70, 71; Inq.- 023/N; H, II, 2000, EF);
- 400... M. que fez o primeiro desmatamento iliso, no primeiro semestre, no Mato Grosso, pra plantar o quê? Soja e algodão; como é que **vai plantar soja e algodão** num... (ls- 118, 119, 120; Inq.- 023/ N; H, II, 2000, EF);
- 401... A Bahia está realmente a leste, como ele está dizendo no texto, **nós já vimos isto**, né? (ls- 171, 172; Inq.- 023/N; H, II, 2000, EF);
- 402... Aqui está (inint) e Salvador... aqui a Barra como já * vimos inúmeras vezes. (l- 173; Inq.- 023/N; H, II, 2000, EF);
- 403... Porque na Bahia se descobriu o quê? Petróleo. Em que lugar? ... No Recôncavo baiano **descobriu o Petróleo**... (ls- 190, 191, 193; Inq.- 023/N; H, II, 2000, EF);
- 404... As gerações de trabalho são capitalistas assalariadas? Pré-capitalistas. ... E eu analiso * pelas relações... (ls- 242, 243; Inq.- 023/N; H, II, EF);
- 405... Ela comprou, agora, a Glória... a Nestlé . O governo está 'chiando', talvez tenha que devolver *. (ls- 288, 289; Inq.- 023/N; H, I, 2000, EF);
- 406... Hugo Chávez brigou, agora, com o vice (inint), **não sei se você viu isso**. (ls- 369, 370; Inq.- 023/N; H, II, 2000, EF);
- 407... Hugo Chavez brigou com o vice... ... ele chamou * de... de um presidente ligado demais a ... (ls- 370, 371; Inq.- 023/N; H, II, 2000, EF);
- 408... e a gente venderia, por exemplo, carros. A Venezuela **não produz carros**... (ls- 386, 387; Inq.- 023/N; H, II, 2000, EF);
- 409... A Venezuela não produz carros, a gente **venderia carros** por preços... (ls- 387, 388; Inq.- 023/N; H, II, 2000, EF);
- 410... vai vender trigo pra eles, que eles não tem *... (ls-389, 390; Inq.- 023/N; H, II, 2000, EF);

- 411... o maior produtor de trigo da América Latina é a Argentina que * vende até pra gente. (ls- 390, 391; Inq.- 023/N; H, II, 2000, EF);
- 412... O maior produtor de trigo da América Latina é a Argentina que vende até pra gente. Então, vai vender * pra Venezuela. (ls- 390, 391, 392; inq.- 023/N; H, II, 2000, EF);
- 413... Chama, em Israel, muro de segurança, o mundo chama * muro da vergonha... (ls- 418, 419; Inq.- 023/N; H, II, 2000, EF);
- 414... ele quer, na verdade, acabar com o terrorismo, em Israel, e ele vai conseguir *. (ls- 422; Inq.- 023/N; H, II, EF);
- 415... ele quer, na verdade, acabar com o terrorismo, em Israel, ele vai conseguir. Se ele isolar os palestino, ele vai conseguir * ... (ls- 422, 423; Inq.- 023/N; H, II, 2000, EF);
- 416... isso 'trairia'... 'trairia'... uma paz.... ... Então, eh... eh... o trará, né gente... (ls- 425, 426, 432; Inq.- 023/N; H, II, 2000, EF);
- 417... Isso acabaria com os atentados de rua... isso 'trairia'... 'trairia' paz... ... Ele **conseguirá isso**... (ls- 425, 426, 432; Inq.- 023/N; H, II, 2000, EF);
- 418... Porque as mulheres são oprimidas, são abandonadas ao nascer, por motivos culturais, **nós já vimos isso**. (ls- 489, 490; Inq.- 023/N; H, II, EF);
- 419... Teve um cara, R. B., a gente **queria matar esse cara**... (l- 509; Inq.- 023/N; H, II, 2000, EF);
- 420... a gente queria matar esse cara; ficou o último da fila, aí Collor foi lá e **chamou ele**... (ls- 509, 510; Inq.- 023/N; H, II, 2000, EF);
- 421... Mas, só porque ele era o último e Collor chamou *... (l- 511; Inq.- 023/N; H, II, 2000, EF);
- 422... Mas, só porque ele era o último e Collor Chamou... e Collor de 'sacanagem', botou o **último**... (ls- 511, 512; Inq.- 023/N; H, II, 2000, EF);
- 423... "pois passaram a exportar matéria prima..." ... sempre **fizeram isso**... (l- 529; Inq.- 023/N; H, II, 2000, EF);
- 424... A prova não é difícil, **você ta vendo isso**... (l- 675; Inq.- 023/N; H, II, 2000, EF);
- 426... A prova não é difícil, você ta vendo isso... ... dá pra você fazer * sim... (ls- 675, 676; Inq.- 023/N; H, II, 2000, EF);
- 427... a de dois mil e cinco eu achei mais fácil, quem vai fazer * , quem ficar na revisão... (ls- 677, 678; Inq.- 023/N; H, II, 2000, EF);
- 428... o Brasil substituiu importação... O Brasil **substituiu importação** desde o século dezenove... (ls- 698, 699; Inq.- 023/N; H, II, 2000, EF);
- 429... Quem recebeu esse material, ontem ? E quem não recebeu *... (l- 01; Inq.- 022/N; M, II, 2000, EF);
- 430... Quem recebeu esse material, ontem? E quem não recebeu... levante a mão. Ficamos de entregar * ontem... (ls- 01, 02; Inq.- 022/N; M, II, 2000, EF);
- 431... É um material que foi dado pelo palestrante do diurno que deixou * aí... (ls- 05, 06; Inq.- 022/N; M, II, 2000, EF);
- 432... O material é pra vocês, certo? ... eu não **vou trabalhar esse material**... (ls- 06, 07, 09; Inq.- 022/N; M, II, 2000, EF);
- 433... eu não vou trabalhar esse material... ... Mais alguém não * recebeu? (ls- 09, 13; Inq.- 022/N; M, II, 2000, EF);
- 434... Guardem esse material. Lê *. (l- 14; Inq.- 022/N; M, II, 2000, EF);
- 435... Guardem esse material. Lê. ... Você já * leu? (ls- 14, 15; Inq.- 022/N; M, II, 2000, EF);
- 436... Guardem esse material. Lê... ... Guardem *. (ls- 14, 18; inq.- 022/N; M, II, 2000, EF);

- 437... Guardem esse material. Lê... ... Guardem, mas antes de guardar *... (ls- 14, 18; Inq.- 022/N; H, II, 2000, EF);
- 438... Esse é um material rico, um material caro, então não * joguem fora... (ls- 19, 20; inq.- 022/N; M, II, EF);
- 439... Esse é um material rico, material caro, então não joguem fora, guardem *... (ls- 19, 20; inq.- 022/N; M, II, 2000, EF);
- 440... Definimos o que era História e **dividimos a História**... (l- 38; Inq.- 022/N; M, II, 2000, EF);
- 441... Vai dar essa apostila? ... Não, não, eu não **vou dar essa apostila** pra vocês... (ls- 72, 73; Inq.- 022/N; M, II, 2000, EF);
- 443... E vocês se lembram também que o imperador era o quê? Da maçonaria... ... E a igreja, naquela época, condenava a maçonaria. (ls- 142, 143; Inq.- 022/N; M, II, 2000, EF);
- 444... E, se o exército estava do lado da camada social mais baixa, é claro que **eles iam apoiar essa camada social**... (ls- 158, 159; Inq.- 022/N; M, II, 2000, EF);
- 445... Mas, na verdade, quem recebeu as indenizações... Alguns escravos recebeu *... (ls- 178, 179; Inq.- 022/N; M, II, 2000, EF);
- 446... Mas, na verdade, quem recebeu as indenizações... Alguns escravos recebeu... alguns... senhores **receberam as indenizações**... (ls- 178, 179; Inq.- 022/N; M, II, 2000, EF);
- 447... Aí eu coloco... essa frase minha... ... Democraticamente, quem gostaria de ler essa frase? (ls- 245, 248; Inq.- 022/N; M, II, 2000, EF);
- 448... leia essa frase aqui, só, e diga de quem é a culpa. Leia ela aí pra mim. (l- 262; Inq.- 022/N; M, II, 2000, EF);
- 449... verdade dogmática é verdade absoluta, é dogma, é quando a ciência não * comprova mas você acredita. (ls- 33, 34,35; Inq.- 021/N; H, III, 2000, EF);
- 450... a igreja que exercia o poder (inint) do rei, na época do absolutismo, e... que * exercia, como eu disse a vocês, durante o período colonial... (ls- 96, 97; Inq.- 021/N; H, III, 2000, EF);
- 451... O filho mais velho tinha direito (inint) governava tudo e, os demais **não tinham direito**... (ls- 114, 115; Inq.- 021/N; H, III, 2000, EF);
- 452... A Revolução Francesa criou os partidos políticos como nós * conhecemos, hoje... (ls- 115, 116; Inq.- 021/N; H, III, 2000, EF);
- 453... a Revolução Francesa criou o posicionamento público organizado, como nós * conhecemos, hoje... (ls- 116, 117; Inq.- 021/N; H, III, 2000, EF);
- 454... Na hora que os brancos quiseram a independência do Haiti em relação à Espanha e à França, o que é que os negros da elite fizeram? Fizeram uma revolução, expulsaram ou **mataram os brancos**... (ls- 159, 160, 161; Inq.- 021/N; H, III, 2000, EF);
- 455... todo mundo naquela época, que entrava para... maçonaria se comprometia em lutar pela Independência do Brasil. E Dom Pedro também veio pro Brasil, porque ele **promoveria a Independência do Brasil**. (ls- 198, 199, 200; Inq.- 021/N; H, III, 2000, EF);
- 456... e com duas correntes maçônicas que criou a Independência do Brasil . As duas **queriam a Independência**... (ls- 203, 204; Inq.- 021/N; H, III, 2000, EF);
- 457... Tinha um grupo que queria a Independência de forma republicana. Tinha outro grupo que **queria a Independência** de forma monárquica. (ls- 212, 213; Inq.- 021/N; h, III, 2000, EF);
- 458... uma queria a Independência de forma republicana; a outra **queria a Independência** de forma monárquica... (ls- 227, 228; H, III, 2000, EF);

- 459... A corrente que queria a Independência de forma republicana, era liderada por Joaquim Gonçalves Ledo.... A corrente que **queria a Independência** de forma monárquica... (ls- 228, 229, 230, 231; Inq.- 021/N; H, III, 2000, EF);
- 460... todos queriam a Independência... ... a corrente que será a vencedora... é a corrente monárquica que será liderada pelo conselheiro José Bonifácio de Andrada e Silva, que **fará a Independência**... (ls- 233, 234, 235, 236; Inq.- 021/N; H, III, 2000);
- 461... o Brasil que era colônia de Portugal, recebia ordens de Portugal, passa a (inint), **passa a enviar ordens** para Portugal. (ls- 261, 262, 263; Inq.- 021/N; H, III, 2000, EF);
- 462... que eram oficiais brasileiros e vai substituir * por oficiais portugueses. (ls- 283, 284; Inq.- 021/N; H, III, EF);
- 463... era o Brigadeiro Freitas Guimarães, que era brasileiro... que era... brasileiro. E nós vamos ver o quê? que Portugal substituiu Freitas Guimarães... (ls- 290, 291; Inq.- 021/N; H, III, 2000, EF);
- 464... Tem de trazer Dom Pedro pra cá. E pra quê **trazer Dom Pedro**? (l- 309; Inq.- 021/N; H, III, 2000, EF);
- 465... se você amarrasse um pano numa vassoura e * pendurasse aqui... (l- 313; Inq.- 021/N; H, III, 2000, EF);
- 466... mas já viu que safado? ... o marido **ficou aguardando ele**... (ls- 326, 328; Inq.- 021/N; H, III, 2000, EF);
- 467... o marido pegou um saco de armazém e * meteu na cabeça do cabra... (ls- 330, 331; Inq.- 021/N; H, III, 2000, EF);
- 468... Ele não estava 'nem aí', ele estava 'na dele'. ... Nós vamos ver o quê? Nós vamos ver a essa altura... dos acontecimentos que as cortes **começam** a (inint) pelo poder, **a chamar ele**... (ls- 350, 351, 352; Inq.- 021/N; H, III, 2000, EF);
- 469... nós não vamos ter a Independência do Brasil da forma que nós * queríamos... (ls- 373, 374; Inq.- 021/N; H, III, 2000, EF);
- 470... devido a uma questão histórica brasileira. Quem sabe me **explicar essa questão histórica brasileira**? (ls- 35, 36; Inq.- 024/N; M, III, 2000, EF);
- 471... os negros já tinham experiência com trabalho de lavoura, na África; ao passo que os índios que estavam aqui **não tinham experiência**... (ls- 50, 51, 52; Inq.- 024/N; M, III, 2000, EF);
- 472... porque a escravidão era legal, a lei protegia *. (ls- 63, 64; Inq.- 024/N; M, III, 2000, EF);
- 473... porque a escravidão era legal, a lei protegia... ... Porque a lei * protegia? (ls- 63, 64, 65; Inq.- 024/N; M, III, 2000, EF);
- 474... Os africanos vieram para o Brasil, felizes... **Vou ali conhecer o Brasil**... (ls- 80, 81; Inq.- 024/N; M, III, 2000, EF);
- 475... Eu nunca vi uma raça humana com pulgas, alguém já * viu? (ls- 147, 148; Inq.- 024/N; M, III, 2000, EF);
- 476... qualquer dicionário que vocês peguem e procurem o significado de pardo, tá bem claro, não precisa nem estudar, é **só pegar o dicionário**. (ls- 182, 183; Inq.- 024/N; M, III, 2000, EF);
- 477... nós não estamos estudando a cultura afro de outro país, nós estamos estudando * em nosso país. (ls- 199, 200; I,q.- 024/N; M, III, 2000, EF);
- 478... Conhecem essa expressão? **Conhecem essa expressão**? (l- 243; Inq.- 024/N; M, III, 2000, EF);
- 479... Conhecem essa expressão? **Conhece**, dorminhoca... **essa expressão**? (ls- 243, 244; Inq.- 024/N; M, III, 2000, EF);
- 480... todas as meninas que se interessam pelo Ronaldinho Gaúcho, **adoram o Ronaldinho Gaúcho**... (ls- 255, 256; Inq.- 024/N; M, III, 2000, EF);

- 481... Isso aí é pra tapar buraco... isso é, simplesmente, **tapar buraco**... (ls- 309, 310; Inq.- 024/N; M, III, 2000, EF);
- 482... é a vontade política de melhorar o ensino; e não estar copiando programa político de outro país que não tem nada a ver com a realidade nossa. **Melhore o ensino**... (ls- 317, 318; Inq.- 024/N; M, III, 2000, EF);
- 483... melhore o ensino que todo mundo entra na universidade, gente... (inint). Eu fico injuriada com isso... **melhore o ensino**... (ls- 318, 319, 320; Inq.- 024/N; M, III, 2000, EF);
- 484... melhore o ensino... **revise-o**. (l- 320; Inq.- 024/N; M, III, 2000, EF);
- 485... Ele tem um texto muito interessante, vamos ler *? (ls- 391, 392; Inq.- 024/N; M, III, 2000, EF);
- 486... Ele tem um texto muito interessante, vamos ler? Quem quer ler * alto aí, por favor? (ls- 390, 391; Inq.- 024/N; M, III, 2000, EF);
- 487... a minha cultura que eu não quero perder (inint), (inint)... e... **passar isso** para minha geração...(ls- 403, 404; Inq.- 024/N; M, III, 2000, EF);

ANEXO B

ANEXO B – CHAVE DE CODIFICAÇÃO

A chave de codificação, que ora se apresenta, foi elaborada a fim de que os dados levantados pudessem ser submetidos ao pacote de programa VARBRUL. Seleccionamos, assim, um código correspondente a cada variável, como se pode observar.

VARIÁVEL DEPENDENTE: OBJETO DIRETO ANAFÓRICO DE 3ª PESSOA

VARIANTES:

- a) clítico (o, os, a, as, lo, la, los, las...): c
- b) pronome lexical (ele, ela, eles, elas): p
- c) categoria vazia (não preenchimento do objeto): *
- d) SNs anafóricos: b

VARIÁVEIS INDEPENDENTES OU EXPLANATÓRIAS

VARIÁVEIS EXPLANATÓRIAS LINGÜÍSTICAS

1. A estrutura da oração (o condicionamento sintático):

- a) V+ SNod “Essa lagoa eu tive... conheci ela” (inq- 100; p.112): !
- b) V+ SNod+ SPoi “ Vai dar essa apostila? Não, não, vou dar essa apostila pra vocês...” (inq- 022/N, p. 02): \$
- c) V+ SNod+ Predicativo “... eu encontro sempre um carro estacionado na porta de minha garagem, né? Então eu acho isso uma... uma falta de... de atenção...” (Inq- 100, p. 122): %
- d) V+ Sod “... ele quer, na verdade acabar com o terrorismo em Israel, e ele vai conseguir...” (Inq.-023/N, p.): Y
- e) V+SNod+S “...equilibrando aquele troço para não deixar cair...” (Inq.- 277, ls.- 913): =

2. As formas nominais e os modos do verbo (condicionamento morfológico):

- a) indicativo: i
- b) subjuntivo: s
- c) imperativo: m
- d) gerúndio: g
- e) infinitivo: f
- f) locução verbal ou tempo composto com gerúndio: q
- g) locução verbal ou tempo composto com infinitivo: r
- h) locução verbal ou tempo composto com particípio: h

3. A animacidade do objeto (o condicionamento semântico):

- a) [+ animado]: +
- b) [- animado]: -

4. Forma de referência anterior:

- a) clítico: C
- b) pronome lexical: P
- c) categoria vazia: @
- d) SNs : B
- e) Sentenças: S

5. Posição do objeto direto anafórico em relação ao verbo:

- a) objeto próximo do verbo sem a presença de constituintes intervenientes: Z
- b) objeto separado do verbo por constituintes intervenientes: D

VARIÁVEIS EXTRALINGÜÍSTICAS

6. O gênero do informante:

- a) masculino: H
- b) feminino: M

7. A faixa etária do falante:

- a) de 25 a 36 anos: 1
- b) de 36 a 55 anos: 2
- c) a partir de 56 anos: 3

8. O grau de formalidade do discurso:

- a) mais formal - EF: R
- b) menos formal- DID: V

9. Localização do fenômeno em variação no tempo:

- a) década de 70: A
- b) décadas de 90 e 2000: K